ISSN 2318-6852

Conab Companhia Nacional de Abastecimento

Acompanhamento da Safra Brasileira
GRÃOS

V.2 - **SAFRA 2014/15**
N.3 - Terceiro Levantamento
Dezembro/2014

Monitoramento Agrícola
Cultivos de Verão **– SAFRA 2014/15**
Cultivos de Inverno – **SAFRA 2014**
2ª quinzena de novembro de 2014

Observatório Agrícola

Presidenta da República
Dilma Rousseff

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA)
Neri Geller

Presidente da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)
Rubens Rodrigues dos Santos

Diretoria de Política Agrícola e Informações (Dipai)
João Marcelo Intini

Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)
Aroldo Antônio de Oliveira Neto

Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)
Francisco Olavo Batista de Sousa

Equipe Técnica da Geasa
Alessandro Lúcio Marques
Bernardo Nogueira Schlemper
Cleverton Tiago Carneiro de Santana
Eledon Pereira de Oliveira
Juarez Batista de Oliveira
Juliana Pacheco de Almeida
Martha Helena Gama de Macêdo
Roberto Alves de Andrade

Superintendências Regionais
Acre, Alagoas, Amapá, Amazonas, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Rondônia, Roraima, Santa Catarina, São Paulo, Sergipe e Tocantins.

Conab Companhia Nacional de Abastecimento

Acompanhamento da Safra Brasileira
GRÃOS

V.2 - **SAFRA 2014/15**
N.3 - Terceiro Levantamento
Dezembro/2014

Monitoramento Agrícola
Cultivos de Verão **– SAFRA 2014/15**
Cultivos de Inverno – **SAFRA 2014**
2ª quinzena de novembro de 2014

ISSN 2318-6852
Acomp. safra bras. grãos, v.2 - Safra 2014/15, n.3 - Terceiro Levantamento, Brasília, p. 1-100, dez. 2014.

Observatório Agrícola

Copyright © 2014 – Companhia Nacional de Abastecimento – Conab
Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.
Disponível também em: <http://www.conab.gov.br>
Depósito legal junto à Biblioteca Josué de Castro
Publicação integrante do Observatório Agrícola
ISSN: 2318-6852
Tiragem: 1.000
Impresso no Brasil

Colaboradores
Társis Rodrigo de Oliveira Piffer (Geote)
Fernando Arthur Santos Lima (Geote)
Francielle do Monte Lima (Estagiária - Geote)
André Luiz Farias de Souza (Assessor DIPAI)
Patricia Maurico Campos (Geote)
Divino Cristino de Figueiredo (Geote)
Lucas Barbosa Fernandes (Geote)
Edna Matsunaga de Menezes (Geint)
Elza Mary de Oliveira (Geint)
Iure Rabassa Martins (Geint)
Luciene de Souza Ribeiro (Geint)
Priscila de Oliveira Rodrigues (Geint)
Rogério Dias Coimbra (Geint)
Asdrúbal de Carvalho Jacobina (Gecup)
Djalma Fernandes de Aquino (Gefip – Algodão)
Fernando Gomes da Motta (Gefip – Algodão)
João Figueiredo Ruas (Gerab – Feijão)
Paulo Magno Rabelo (Gerab – Trigo)
Sérgio Roberto dos Santos (Gerab – Arroz)
Thomé Luiz Freire Guth (Geole – Milho)

Colaboradores das Superintendências
Bruno Milhomem **(AC)**; Genival Barros, Paulo Oliveira, Alberthson Houly, Ilio Fonseca **(AL)**; Armando Viana, Daysilene Batista, Iriseli Onofre, José Oliveira, José Bitencourt **(AM)**; Ednabel Lima, Gerson Santos, Jair Ferreira, Marcelo Ribeiro, Telma Silva **(BA)**; Elibernon Alves, Fábio Ferraz, Gilson Lima, Luciano Gomes **(CE)**; José Negreiros **(DF)**; Kerley Souza **(ES)**; Adayr Souza, Espedito Ferreira, Fernando Ferrante, Gerson Magalhães, Luíz Golveia, Rogério Barbosa, Ronaldo Campos **(GO)**; Humberto Souza Filho, Luiz Costa Filho, Leidyenne Araújo **(MA)**; Eugênio Carvalho, João Lopes, José Oliveira, Patrícia Sales, Pedro Soares, Sérgio Starling, Telma Silva, Terezinha Figueiredo, Warlen Maldonado **(MG)**; Alfredo Rios, Edson Yui, Fernando Silva, Fernando Coelho, Márcio Arraes **(MS)**; Sizenando Santos, Francielle Guedes, Jacir Silva, Marly Silva, Petronio Sobrinho **(MT)**; Alexandre Cidon, Rogério Neves, Moacir Rocha **(PA)**; Carlos Meira, Juarez Nóbrega **(PB)**; Agnelo Souza, Evandra Webber, José Bosqui, Rosimeire Lauretto **(PR)**; Francisco Souza, José Silva, José Nascimento, José Silva **(PI)**; Clóvis Ferreira Filho, José Souza, Francisco Almeida Filho, Frederico Silva **(PE)**; Cláudio Figueiredo, Luciana Oliveira, Olavo Godoy Neto **(RJ)**; Luis Gonzaga Costa, Manuel Oliveira **(RN)**; João Kasper, Anderson Gomes **(RO)**; Irisele Onofre, Fábio Magalhães, Maria Almeida **(RR)**; Jaira Testa, Carlos Bestetti, Ernesto Irgang, Carlos Farias, Alexandre Pinto **(RS)**; Cézar Rubin, Dionízio Bach, Edilson Macedo, Ricardo Oliveira, Vilmar Dutra **(SC)**; Fausto Almeida **(SE)**; Antônio Farias, Celmo Monteiro, Cláudio Ávila, Elias Oliveira, Marisete Belloli **(SP)**; Jorge Carvalho, Francisco Pinheiro, Eduardo Rocha **(TO)**.

Editoração
Superintendência de Marketing e Comunicação (Sumac)
Gerência de Eventos e Promoção Institucional (Gepin)

Diagramação
Gustavo Felipe, Marília Yamashita e Núbia de Castro

Fotos
Arquivo Geosafras/ Conab, Clauduardo Abade, Maurício Pinheiro, Roberto Alves de Andrade

Normalização
Thelma Das Graças Fernandes Sousa – CRB-1/1843, Adelina Maria Rodrigues – CRB-1/1739, Narda Paula Mendes – CRB-1/562

Catalogação na publicação: Equipe da Biblioteca Josué de Castro

633.1(81)(05)
C737a

Companhia Nacional de Abastecimento.
Acompanhamento da safra brasileira de grãos. – v. 1, n.3 (2013-) – Brasília : Conab, 2013-
v.

Mensal
Disponível em: http://www.conab.gov.br
Recebeu numeração a partir de out./2013. Continuação de: Mês Agrícola (1977-1991); Previsão e acompanhamento de safras (1992-1998); Previsão da safra agrícola (1998-2000); Previsão e acompanhamento da safra (2001); Acompanhamento da safra (2002-2007); Acompanhamento da safra brasileira: grãos (2007-).
ISSN 2318-6852

1. Grão. 2. Safra. 3. Agronegócio. I. Título.

Sumário

1. Introdução..... 4
2. Estimativa da área plantada 4
3. Estimativa de produtividade..... 6
4. Estimativa da produção 7
5. Insumos agrícolas.....11
5.1. Sementes.....11
5.1.1. Híbridos e variedades.....12
5.1.2. Organismos geneticamente modificados.....12
5.1.2.1. Área de refúgio.....15
6.Crédito rural.....17
7. Câmbio.....18
8. Exportações de arroz, milho, complexo soja e importação de trigo.....19
9. Monitoramento agrícola: culturas de inverno (safra 2014) e de verão (safra 2014/15) - novembro de 2014.....21
9.1. Condições meteorológicas recentes.....21
9.2. Prognóstico para o trimestre dez/2014 e jan-fev/2015.....22
9.3. Monitoramento agrometeorológico.....23
9.4. Monitoramento espectral.....27
9.4.1. Norte Mato-Grossense.....27
9.4.2. Sudeste Mato-Grossense.....29
9.4.3. Noroeste Rio-Grandense.....30
9.4.4. Sul Goiano.....31
9.4.5. Sudoeste do Mato Grosso do Sul.....32
9.4.6. Oeste Paranaense.....34
9.4.7. Oeste Baiano.....35
10. Análise das culturas..... 37
10.1. Culturas de verão..... 37
10.1.1. Algodão..... 37
10.1.1.1. Oferta e demanda..... 41
10.1.2. Amendoim..... 42
10.1.2.1. Amendoim primeira safra..... 42
10.1.2.2. Amendoim segunda safra..... 44
10.1.2.3. Amendoim total..... 45
10.1.3. Arroz..... 46
10.1.3.1. Oferta e demanda.....49
10.1.4. Feijão..... 50
10.1.4.1. Feijão primeira safra..... 50
10.1.4.2. Feijão segunda safra..... 54
10.1.4.3. Feijão terceira safra..... 56
10.1.4.4. Feijão total..... 57

10.1.5. Girassol..... 58
10.1.6. Mamona..... 60
10.1.7. Milho..... 61
10.1.7.1. Milho primeira safra..... 61
10.1.7.2. Milho segunda safra..... 66
10.1.7.3. Milho total..... 68
10.1.7.4. Oferta e demanda.....69
10.1.8. Soja..... 71
10.1.8.1. Oferta e demanda.....76
10.1.9. Sorgo..... 77
10.2. Culturas de inverno..... 79
10.2.1. Aveia..... 79
10.2.2. Canola..... 81
10.2.3. Centeio..... 82
10.2.4. Cevada..... 83
10.2.5. Trigo..... 84
10.2.5.1. Oferta e demanda..... 89
10.2.6. Triticale..... 91
11. Balanço de oferta e demanda..... 92
12. Anexos.....93

1. Introdução

A Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), empresa pública vinculada ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), realiza levantamentos e avaliações mensais da safra brasileira de grãos e de outras lavouras. Seu principal objetivo é oferecer informações de qualidade para formulação e gestão das políticas agrícolas, de abastecimento e da segurança alimentar e nutricional, além de ser fundamental para diversos agentes econômicos no processo de tomada de decisão dos seus investimentos.

Neste mês a Companhia divulga o terceiro levantamento da safra 2014/15, onde se indica o plantio e desenvolvimento das culturas de primeira safra (algodão, arroz, feijão primeira safra, mamona, milho primeira safra e soja) e atualização das informações das culturas de inverno (aveia, canola, centeio, cevada, trigo e triticale) que se encontram na fase final de colheita.

Nesse levantamento foram coletadas informações de área plantada e/ou a ser plantada, desenvolvimento fenológico, pacote tecnológico utilizado pelos produtores e condições climáticas para as culturas de primeira safra, além dos dados finais da colheita das culturas de inverno. Essas informações são provenientes da colaboração de agrônomos, técnicos de cooperativas, Secretarias de Agricultura, órgãos de Assistência Técnica e Extensão Rural (oficiais e privados), agentes financeiros, de mercado e de insumos, que subsidiam os técnicos desta Companhia nos levantamentos.

O trabalho de avaliação de safras da Conab se enquadra nas recomendações de diversas instituições internacionais, no que concerne à criação de mecanismos que possibilitem a obtenção de informações agrícolas precisas e seguras, bem como na busca de uniformização nos procedimentos de avaliação, de modo a manter a uniformidade e transparência nas suas estatísticas de produção.

A Conab utiliza metodologias que envolvem trabalhos em campo, tecnologias relacionadas ao sensoriamento remoto, posicionamento por satélites, sistemas de informações geográficas e modelos estatísticos, agrometeorológicos e espectrais, que são aplicados nas estimativas de área e produtividade.

Vale destacar também que, o presente boletim de divulgação faz parte do Observatório Agrícola, desenvolvido no âmbito desta Companhia, segundo diretrizes do Conselho de Segurança Alimentar e Nutricional (Consea).

Agradecemos a indispensável participação e colaboração dos profissionais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e dos diversos parceiros citados, bem como dos demais colaboradores internos que, direta ou indiretamente, participaram da realização deste trabalho.

2. Estimativa da área plantada (57,81 milhões de hectares)

A terceira estimativa para a área a ser cultivada na safra 2014/15 indica um crescimento de 1,5%, ou seja, deverão ser acrescidos 843,2 mil hectares à área de 56,97 milhões cultivadas na safra anterior (Tabela 1).

Neste levantamento foram contempladas as culturas de algodão, amendoim primeira safra, arroz, feijão primeira safra, milho primeira safra e soja, as quais estão em fase de plantio, e das culturas de inverno, em fase final de colheita, (aveia, canola centeio, cevada trigo e triticale).

Há expectativa de aumento de área de soja em torno de 4,9%. Apenas Roraima, onde o plantio se inicia em abril, o Pará e o Distrito Federal devem manter a área da safra passada, sendo que há expectativa de aumento de área para todos os outros estados

produtores. Além da soja, apenas a mamona apresenta crescimento de área, com previsão de 35,8%. A área de soja passa de 30,17 milhões de hectares para 31,66 milhões de hectares, constituindo-se na maior área cultivada com a oleaginosa e a de mamona, de 101,3 mil para 137,6 mil hectares.

O levantamento aponta também para uma redução de 6,6% na área de milho primeira safra, resultado que vem ocorrendo nas últimas seis safras em média a 5,9% ao ano. Essa redução ocorre, sobretudo, na Região Centro-Sul do país, responsável por 62,6% da área plantada do país. Isso é uma tendência das últimas safras, sendo que o cereal tem perdido espaço para o cultivo da soja.

Tabela 1 – Estimativa de área plantada – Grãos

(Em 1000 ha)

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIAÇÃO	
	2013/14	2014/15		Percentual	Absoluta
	(a)	Nov/2014 (b)[1]	Dez/2014 (c)	(c/a)	(c-a)
ALGODÃO	1.121,6	1.005,5	1.004,4	(10,4)	(117,2)
AMENDOIM TOTAL	105,3	101,8	105,0	(0,3)	(0,3)
AMENDOIM 1ª SAFRA	94,2	90,7	92,2	(2,1)	(2,0)
AMENDOIM 2ª SAFRA	11,1	11,1	12,8	15,3	1,7
ARROZ	2.372,9	2.372,8	2.359,5	(0,6)	(13,4)
FEIJÃO TOTAL	3.350,4	3.210,4	3.236,8	(3,4)	(113,6)
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.179,9	1.040,6	1.066,3	(9,6)	(113,6)
FEIJÃO 2ª SAFRA	1.491,2	1.491,2	1.491,2	-	-
FEIJÃO 3ª SAFRA	679,3	678,6	679,3	-	-
GIRASSOL	145,7	145,7	145,7	-	-
MAMONA	101,3	128,7	137,6	35,8	36,3
MILHO TOTAL	15.800,7	15.368,7	15.364,2	(2,8)	(436,5)
MILHO 1ª SAFRA	6.618,0	6.186,0	6.181,5	(6,6)	(436,5)
MILHO 2ª SAFRA	9.182,7	9.182,7	9.182,7	-	-
SOJA	30.173,1	31.288,2	31.661,8	4,9	1.488,7
SORGO	731,0	731,0	730,2	(0,1)	(0,8)
SUBTOTAL	53.902,0	54.352,6	54.745,2	1,6	843,2
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIAÇÃO	
	2014	2015		Percentual	Absoluta
	(a)	Nov/2014 (b)	Dez/2014 (c)	(b/a)	(b-a)
AVEIA	143,1	144,0	143,1	-	-
CANOLA	45,6	44,9	45,6	-	-
CENTEIO	1,8	1,8	1,8	-	-
CEVADA	108,8	117,1	108,8	-	-
TRIGO	2.725,2	2.716,1	2.725,2	-	-
TRITICALE	40,2	39,5	40,2	-	-
SUBTOTAL	3.064,7	3.063,4	3.064,7	-	-
BRASIL	56.966,7	57.416,0	57.809,9	1,5	843,2

Legenda: [1] Ponto médio dos limites superior e inferior

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2014.

3. Estimativa de produtividade

Tabela 2 – Estimativa de produtividade – Grãos

(Em kg/ha)

PRODUTO	SAFRAS		VARIAÇÃO	
	2013/14 (a)	2014/15 (b)	Percentual (b/a)	Absoluta (b-a)
ALGODÃO - CAROÇO [1]	2.381	2.361	(0,8)	(20,0)
ALGODÃO EM PLUMA	1.546	1.532	(0,9)	(14,0)
AMENDOIM TOTAL	2.998	3.499	16,7	501,1
AMENDOIM 1ª SAFRA	3.095	3.665	18,4	570,0
AMENDOIM 2ª SAFRA	2.179	2.307	5,9	128,4
ARROZ	5.108	5.174	1,3	66,1
AVEIA	2.224	2.224	-	-
CANOLA	1.039	1.039	-	-
CENTEIO	2.000	2.000	-	-
CEVADA	2.831	2.831	-	-
FEIJÃO TOTAL	1.024	1.004	(2,0)	(20,3)
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.067	1.005	(5,8)	(61,9)
FEIJÃO 2ª SAFRA	878	876	(0,3)	(2,6)
FEIJÃO 3ª SAFRA	1.271	1.284	1,0	13,3
GIRASSOL	1.597	1.429	(10,5)	(167,3)
MAMONA	441	325	(26,4)	(116,4)
MILHO TOTAL	5.057	5.122	1,3	64,5
MILHO 1ª SAFRA	4.783	4.736	(1,0)	(46,4)
MILHO 2ª SAFRA	5.255	5.381	2,4	126,1
SOJA	2.854	3.026	6,0	171,6
SORGO	2.587	2.546	(1,6)	(41,2)
TRIGO	2.183	2.183	-	-
TRITICALE	2.465	2.465	-	-
BRASIL [2]	3.396	3.487	2,7	91,0

Legenda: [1] Produtividade de caroço de algodão; [2] Exclui a produtividade de algodão em pluma
Fonte: Conab.
Nota: Estimativa em dezembro/2014.

4. Estimativa de produção (201,55 milhões de toneladas)

A produção de grãos poderá atingir o volume de 201,55 milhões de toneladas. Este resultado representa um crescimento de 4,2% (8,1 milhões de toneladas) quando comparado com a produção obtida na safra 2013/14 (193,46 milhões de toneladas) (Tabela 2).

Tabela 3 – Estimativa de produção – Grãos

(Em 1000 t)

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIAÇÃO	
	2013/14	2014/15		Percentual	Absoluta
	(a)	Nov/2014 (b)[3]	Dez/2014 (c)	(c/a)	(c-a)
ALGODÃO - CAROÇO [1]	2.670,6	2.476,1	2.371,0	(11,2)	(299,6)
ALGODÃO - PLUMA	1.734,0	1.607,1	1.539,0	(11,2)	(195,0)
AMENDOIM TOTAL	315,8	355,3	367,5	16,4	51,7
AMENDOIM 1ª SAFRA	291,6	332,1	337,9	15,9	46,3
AMENDOIM 2ª SAFRA	24,2	23,2	29,6	22,3	5,4
ARROZ	12.121,6	12.505,7	12.209,3	0,7	87,7
FEIJÃO TOTAL	3.431,6	3.176,1	3.249,6	(5,3)	(182,0)
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.258,7	998,8	1.071,1	(14,9)	(187,6)
FEIJÃO 2ª SAFRA	1.309,7	1.305,6	1.305,6	(0,3)	(4,1)
FEIJÃO 3ª SAFRA	863,4	871,4	872,4	1,0	9,0
GIRASSOL	232,7	208,2	208,2	(10,5)	(24,5)
MAMONA	44,7	65,5	70,6	57,9	25,9
MILHO TOTAL	79.905,5	78.125,7	78.689,2	(1,5)	(1.216,3)
MILHO 1ª SAFRA	31.652,9	28.714,9	29.278,4	(7,5)	(2.374,5)
MILHO 2ª SAFRA	48.252,6	49.410,8	49.410,8	2,4	1.158,2
SOJA	86.120,8	90.543,5	95.804,7	11,2	9.683,9
SORGO	1.891,2	1.854,1	1.858,8	(1,7)	(32,4)
SUBTOTAL	186.734,7	189.309,9	194.828,4	4,3	8.093,7
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIAÇÃO	
	2014	2015		Percentual	Absoluta
	(a)	Nov/2014 (b)	Dez/2014 (c)	(c/a)	(c-a)
AVEIA	318,2	323,9	318,2	-	-
CANOLA	47,4	68,7	47,4	-	-
CENTEIO	3,6	3,5	3,6	-	-
CEVADA	307,9	370,1	307,9	-	-
TRIGO	5.950,0	7.006,0	5.950,0	-	-
TRITICALE	99,1	98,1	99,1	-	-
SUBTOTAL	6.726,2	7.870,3	6.726,2	-	-
BRASIL [2]	193.460,9	197.180,2	201.554,6	4,2	8.093,7

Legenda: [1] Produção de caroço de algodão; [2] Exclui a produção de algodão em pluma; [3] Ponto médio dos limites superior e inferior

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2014.

Das culturas de verão de primeira safra, cujos plantios são concluídos em dezembro, (algodão, amendoim primeira safra, arroz, feijão primeira safra, mamona, milho primeira safra e soja), as de soja, arroz, amendoim primeira safra e de mamona registram crescimento de produção sobre a obtida em 2013/14.

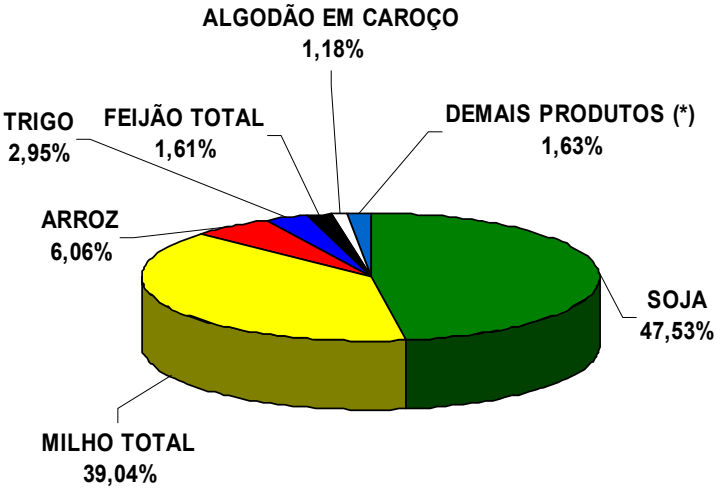
Para a soja, estima-se uma produção de 95,8 milhões de toneladas, 11,2% superior às 86,12 milhões de toneladas colhidas em 2013/14. Há ainda expectativa de que a produção de arroz tenha um crescimento de 0,7%, passando de 12,12 milhões de toneladas, para 12,21 milhões na atual safra. O amendoim deve apresentar crescimento de 15,9%, passando de 291,6 mil toneladas, para 337,9 mil toneladas. Para a mamona, o crescimento esperado é de 57,9%, passando de 44,7 mil toneladas, para 70,6 mil toneladas na atual safra.

Para o algodão estima-se redução de 11,2% e para o feijão primeira safra redução de 14,9%. Esta cultura se encontra em fase final de plantio, predominando os estágios de desenvolvimento vegetativo e início de floração. Há exceção para o feijão primeira safra nos estados da Região Sul e de São Paulo, onde a colheita já foi iniciada.

Quanto às culturas de segunda e terceira safras, os plantios se iniciam a partir de janeiro de 2015, finalizando em junho, assim como ocorre no nordeste da Bahia, em Sergipe, Alagoas e agreste de Pernambuco.

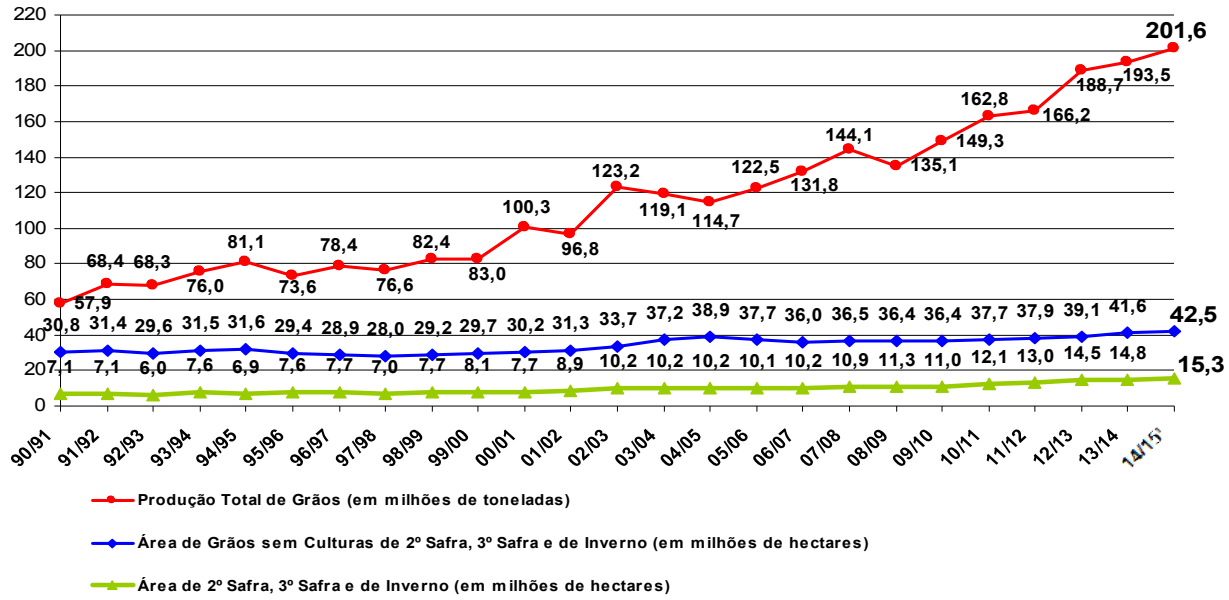
Alterações na produtividade poderão ocorrer ao longo do desenvolvimento das culturas, em função das condições climáticas e fitossanitárias que se apresentarem.

Gráfico 1 – Produção total de grãos por cultura



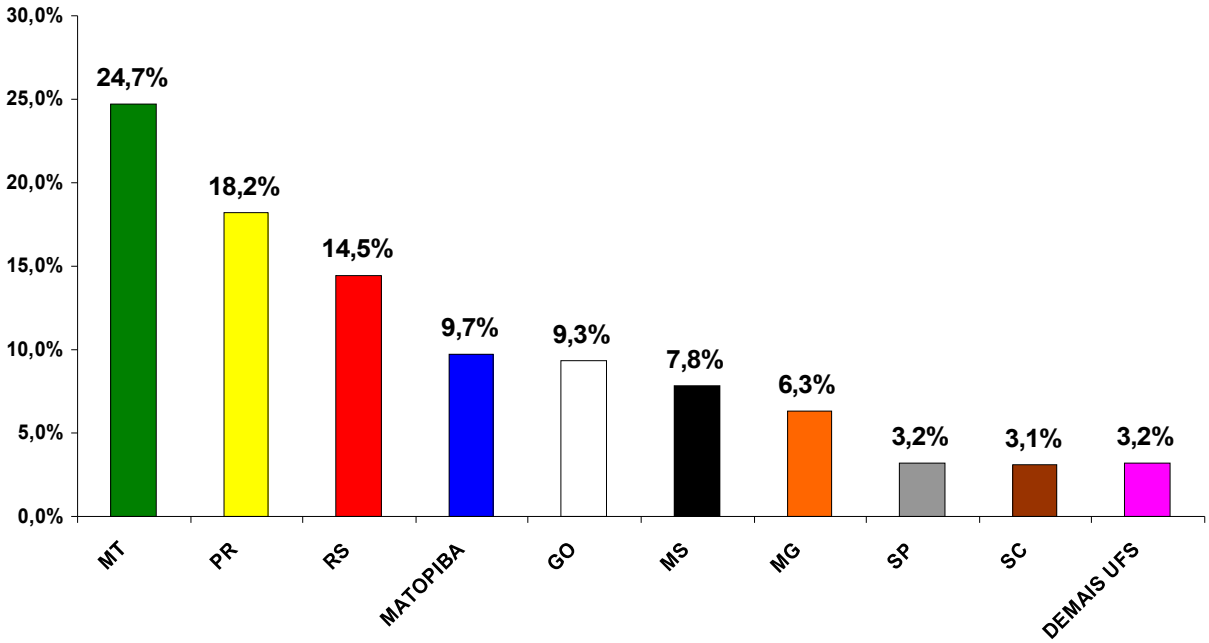
Legenda: (*) Amendoim total, girassol, mamona, sorgo, aveia, canola, centeio e cevada e triticale.
Fonte: Conab.
Nota: Estimativa em novembro/2014.

Gráfico 2 – Evolução da área e produção



Fonte: Conab.
Nota: Estimativa em novembro/2014.

Gráfico 3 – Produção total por Unidade da Federação



Fonte: Conab.
Nota: Estimativa em novembro/2014.

Tabela 4 – Comparativo de área, produtividade e produção – Grãos (*)

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14 (a)	Safra 14/15 (b)	VAR. % (b/a)	Safra 13/14 (c)	Safra 14/15 (d)	VAR. % (d/c)	Safra 13/14 (e)	Safra 14/15 (f)	VAR. % (f/e)
NORTE	**2.127,3**	**2.225,2**	**4,6**	**2.967**	**3.058**	**3,1**	**6.310,7**	**6.804,3**	**7,8**
RR	39,5	42,5	7,6	3.600	3.781	5,0	142,2	160,7	13,0
RO	421,9	438,2	3,9	2.900	3.064	5,7	1.223,7	1.342,6	9,7
AC	64,3	61,3	(4,7)	1.926	1.969	2,2	123,8	120,7	(2,5)
AM	19,7	19,7	-	2.132	2.173	1,9	42,0	42,8	1,9
AP	5,5	5,5	-	1.018	1.073	5,4	5,6	5,9	5,4
PA	515,1	515,1	-	2.750	2.834	3,1	1.416,5	1.460,0	3,1
TO	1.061,3	1.142,9	7,7	3.163	3.213	1,6	3.356,9	3.671,6	9,4
NORDESTE	**8.287,3**	**8.476,4**	**2,3**	**2.027**	**2.118**	**4,5**	**16.800,7**	**17.957,0**	**6,9**
MA	1.769,1	1.791,1	1,2	2.431	2.459	1,1	4.300,6	4.404,2	2,4
PI	1.388,1	1.463,0	5,4	2.001	2.065	3,2	2.777,3	3.021,6	8,8
CE	921,5	921,5	-	621	665	7,0	572,6	612,4	7,0
RN	69,0	69,0	-	555	490	(11,7)	38,3	33,8	(11,7)
PB	155,3	155,3	-	374	394	5,4	58,1	61,2	5,3
PE	482,0	482,0	-	392	386	(1,5)	188,9	186,2	(1,4)
AL	81,2	81,2	-	828	847	2,3	67,2	68,8	2,4
SE	266,5	266,5	-	4.216	4.221	0,1	1.123,5	1.125,0	0,1
BA	3.154,6	3.246,8	2,9	2.433	2.601	6,9	7.674,2	8.443,8	10,0
CENTRO-OESTE	**22.041,2**	**22.538,9**	**2,3**	**3.702**	**3.790**	**2,4**	**81.596,4**	**85.427,1**	**4,7**
MT	13.323,0	13.656,1	2,5	3.580	3.646	1,9	47.702,5	49.794,0	4,4
MS	3.768,5	3.944,7	4,7	3.840	3.993	4,0	14.470,5	15.752,3	8,9
GO	4.763,0	4.751,4	(0,2)	3.841	3.956	3,0	18.293,4	18.795,5	2,7
DF	186,7	186,7	-	6.052	5.813	(3,9)	1.130,0	1.085,3	(4,0)
SUDESTE	**5.090,4**	**5.021,9**	**(1,3)**	**3.522**	**3.834**	**8,9**	**17.929,4**	**19.252,2**	**7,4**
MG	3.244,0	3.193,5	(1,6)	3.596	3.960	10,1	11.664,9	12.647,7	8,4
ES	38,1	34,6	(9,2)	1.945	1.908	(1,9)	74,1	66,0	(10,9)
RJ	8,0	7,0	(12,5)	1.988	1.943	(2,3)	15,9	13,6	(14,5)
SP	1.800,3	1.786,8	(0,7)	3.430	3.652	6,5	6.174,5	6.524,9	5,7
SUL	**19.420,5**	**19.547,5**	**0,7**	**3.647**	**3.689**	**1,2**	**70.823,7**	**72.114,1**	**1,8**
PR	9.613,0	9.608,8	-	3.701	3.814	3,1	35.577,6	36.647,2	3,0
SC	1.326,5	1.298,0	(2,1)	4.952	4.870	(1,7)	6.568,2	6.321,0	(3,8)
RS	8.481,0	8.640,7	1,9	3.381	3.373	(0,2)	28.677,9	29.145,9	1,6
NORTE/NORDESTE	**10.414,6**	**10.701,6**	**2,8**	**2.219**	**2.314**	**4,3**	**23.111,4**	**24.761,3**	**7,1**
CENTRO-SUL	**46.552,1**	**47.108,3**	**1,2**	**3.659**	**3.753**	**2,6**	**170.349,5**	**176.793,4**	**3,8**
BRASIL	**56.966,7**	**57.809,9**	**1,5**	**3.396**	**3.487**	**2,7**	**193.460,9**	**201.554,7**	**4,2**

Legenda: (*) Produtos selecionados: Caroço de algodão, amendoim (1ª e 2ª safras), arroz, aveia, canola, centeio, cevada, feijão (1ª, 2ª e 3ª safras), girassol, mamona, milho (1ª e 2ª safras), soja, sorgo, trigo e triticale

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2014.

5. Insumos agrícolas

5.1. Sementes

A agricultura moderna tem demandado a utilização de tecnologias que impliquem em produtividades adequadas e sustentáveis com mínimo impacto no ambiente para viabilizar o empreendimento agrícola. Dentre essas tecnologias, a utilização de sementes de alta qualidade tem destaque por influenciar diretamente a produtividade agrícola, haja vista que dela depende a maximização da ação dos demais insumos. A semente também transporta os avanços do melhoramento vegetal (qualidade genética), além de aspectos que devem ser considerados na sua conceituação, pois envolvem diversos componentes numa somatória de atributos. Assim, uma semente deve se destacar pela sua qualidade física, fisiológica e sanitária, fatores que determinam o seu desempenho.

Dentre os fatores fisiológicos, o vigor é a principal qualidade fisiológica da semente a ser considerada por ocasião da implantação de uma lavoura, em razão da influência que ela tem no crescimento e no rendimento das plantas. Em condições ambientais desfavoráveis, as sementes com maior vigor são capazes de proporcionar um bom desempenho influenciando o crescimento e o rendimento das plantas.

O sucesso do empreendimento começa pela cultivar recomendada, ou seja, a cultivar que melhor se adapta à região e ao nível tecnológico que se pretende utilizar. O produtor que não utiliza sementes fica à margem das inovações que são disponibilizadas a cada cultivar lançada no mercado. Morfologicamente, a semente é idêntica ao grão comercial, entretanto, semente é aquela produzida com a finalidade de plantio, sob cuidados especiais e obedecendo a normas técnicas, procedimentos e padrões estabelecidos pela legislação.

As sementes representam um meio de sobrevivência das espécies vegetais, visto que resistem a condições adversas que seriam fatais a essas espécies e, mesmo após a extinção das plantas que lhes deram origem, elas podem se desenvolver e originar novas plantas. Elas são o principal veículo de reprodução das plantas através do tempo e no espaço, e a forma de distribuir os melhoramentos genéticos às sucessivas gerações. Além disso, também apresentam importância econômica como alimento (correspondem a 60-70% dos alimentos consumidos mundialmente) e são transformadas pela agroindústria em uma variedade de produtos.

Pela definição botânica, semente é o óvulo desenvolvido após a fecundação, que contém embrião, reservas nutritivas e tegumento. A Legislação Brasileira (Lei nº 10.711, de 5 de agosto de 2003) apresenta um conceito mais amplo, definindo semente como o material de reprodução vegetal de qualquer gênero, espécie ou cultivar, proveniente de reprodução sexuada ou assexuada, que tenha finalidade específica de semeadura.

A escolha da categoria de sementes a serem plantadas depende da categoria a ser produzida, pois o plantio deverá sempre ser de uma categoria superior, de acordo com a legislação de sementes que estabelece o controle de geração visando preservar a qualidade genética das sementes. As sementes podem ser produzidas nas seguintes categorias:

Semente genética: material de reprodução obtido a partir de processo de melhoramento de plantas, sob a responsabilidade e controle direto do seu obtentor.

Semente básica: material obtido a partir da reprodução da semente genética, com o objetivo de garantir a identidade genética e a pureza varietal.

Semente certificada de primeira geração (C1): material de reprodução vegetal resultante de semente básica ou de semente genética.

Semente certificada de segunda geração (C2): material de reprodução vegetal resultante da reprodução de semente genética, de semente básica ou de semente certificada de primeira geração.

Semente S1: semente produzida fora do processo de certificação, resultante da reprodução de sementes C1 ou C2, de sementes básica ou genética ou, ainda, de materiais sem origem genética comprovada.

Semente S2: semente produzida fora do processo de certificação, resultante da reprodução de semente S1, sementes C1 e C2, semente básica ou de semente genética ou, ainda, de materiais sem origem genética comprovada.

5.1.1. Híbridos e variedades

Os materiais híbridos são resultantes de programas de melhoramento genético vegetal bem-estabelecido e utilizado para muitas culturas, sejam cereais, leguminosas, olerícolas ou ornamentais. Desde sua introdução, há quase 100 anos, os materiais híbridos estão sendo utilizados de forma crescente em termos globais.

Dos principais cultivos no Brasil, em termos de área cultivada, o milho, sorgo, girassol, arroz e trigo são produzidos a partir de sementes híbridas. O desenvolvimento de materiais híbridos tem sido um dos principais fatores responsáveis pelo aumento na produtividade das culturas. Este acréscimo é obtido por meio da seleção e combinação de duas linhas parentais puras, formando o vigor híbrido. Este impulso no desempenho, combinando o melhor rendimento, qualidade e caracteres de interesse agronômico e comercial de cada parental é resultante do vigor híbrido.

Os tipos de sementes de milho são identificados como híbridos ou variedades, sendo que os híbridos podem ser simples, triplos ou duplos. Os híbridos simples são o resultado do cruzamento de duas linhagens puras e indicados para sistemas de produção que utilizam alta tecnologia, pois possuem o maior potencial produtivo e por isso são também os mais caros. O híbrido triplo é o cruzamento entre uma linha pura e um híbrido simples e é indicado para média à alta tecnologia, enquanto o híbrido duplo é o resultado do cruzamento entre dois híbridos simples, sendo indicado também para média tecnologia.

Uma variedade de milho é um conjunto de plantas com características comuns, sendo um material geneticamente estável e com os devidos cuidados em sua multiplicação, pode ser reutilizada por várias safras sem perda de seu potencial produtivo.

Os híbridos só têm alto vigor e produtividade na primeira geração (F1), sendo necessária aquisição de sementes híbridas todos os anos. Se os grãos colhidos forem semeados, o que corresponde a uma segunda geração (F2), haverá redução na produtividade de até 40%, dependendo do tipo do híbrido, em função da perda de vigor e grande variação entre plantas.

As sementes das variedades melhoradas são de menor custo e de grande utilidade em regiões onde, devido às condições econômico-sociais e de baixa tecnologia, a utilização de milho híbrido torna-se inviável. As variedades são também muito importantes em sistemas de produção agroecológicos ou orgânicos, pois, embora não restrinjam o uso de híbridos, as variedades são preferidas por permitirem ao produtor produzir sua própria semente a um preço bem menor.

5.1.2. Organismos geneticamente modificados

De acordo com o Serviço Internacional para Aquisição de Aplicações em Agrobiotecnologia (ISAAA), o Brasil ocupa a segunda posição no uso de transgênicos. O

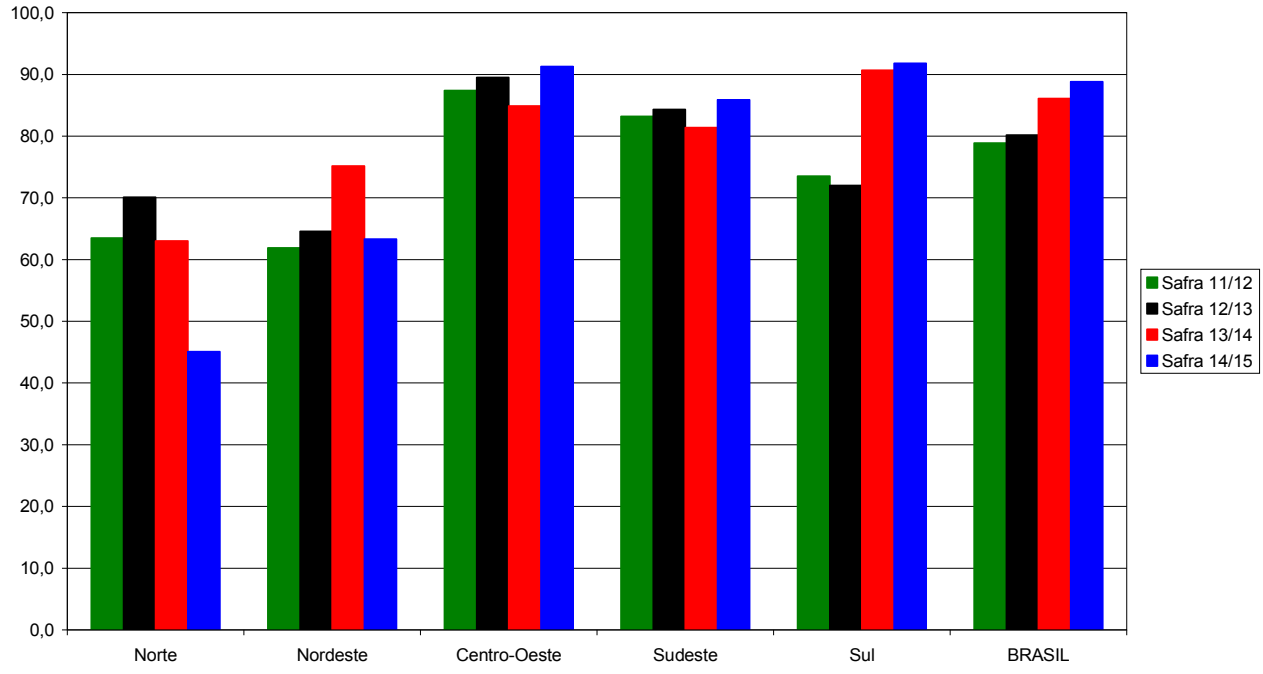
primeiro lugar é ocupado pelos Estados Unidos.

Tabela 5 – Utilização de Organismo Geneticamente Modificado no plantio de milho (1ª e 2ª safras)

UF	Plantio Organismo Geneticamente Modificado						
	Safra 11/12	Safra 12/13	Safra 13/14	Safra 14/15	Var. (%)	Var. (%)	Var. (%)
	(e)	(f)	(g)	(h)	(f/e)	(g/f)	(h/g)
Norte	**63,5**	**70,1**	**63,0**	**45,1**	**10,4**	**(10,1)**	**(28,4)**
RO	65,0	65,0	65,0	70,0	-	-	7,7
TO	61,2	79,1	81,9	67,2	29,2	3,5	(17,9)
Nordeste	**61,9**	**64,6**	**75,2**	**63,3**	**4,4**	**16,4**	**(15,8)**
MA	23,9	32,5	35,0	30,9	36,0	7,7	(11,7)
PI	80,0	80,0	80,0	90,0	-	-	12,5
BA	80,0	80,0	80,0	75,0	-	-	(6,3)
Centro-Oeste	**87,4**	**89,5**	**84,9**	**91,3**	**2,4**	**(5,1)**	**7,5**
MT	87,3	89,2	85,0	92,4	2,2	(4,7)	8,7
MS	87,1	88,6	79,2	89,7	1,7	(10,6)	13,3
GO	88,0	91,4	92,2	90,3	3,9	0,9	(2,1)
Sudeste	**83,2**	**84,3**	**81,4**	**85,9**	**1,3**	**(3,4)**	**5,5**
MG	83,0	83,5	81,3	86,1	0,6	(2,6)	5,9
SP	83,6	85,3	81,6	85,6	2,0	(4,3)	4,9
Sul	**73,5**	**72,0**	**90,7**	**91,8**	**(2,0)**	**26,0**	**1,2**
PR	69,4	66,9	92,3	92,8	(3,6)	38,0	0,5
SC	79,0	82,7	86,9	89,7	4,7	5,1	3,2
RS	81,7	81,8	88,0	89,1	0,1	7,6	1,3
BRASIL	**78,9**	**80,2**	**86,1**	**88,8**	**1,6**	**7,4**	**3,1**

Fonte: Conab.

Gráfico 4 – Utilização de Organismo Geneticamente Modificado no plantio de milho (1ª e 2ª safras)



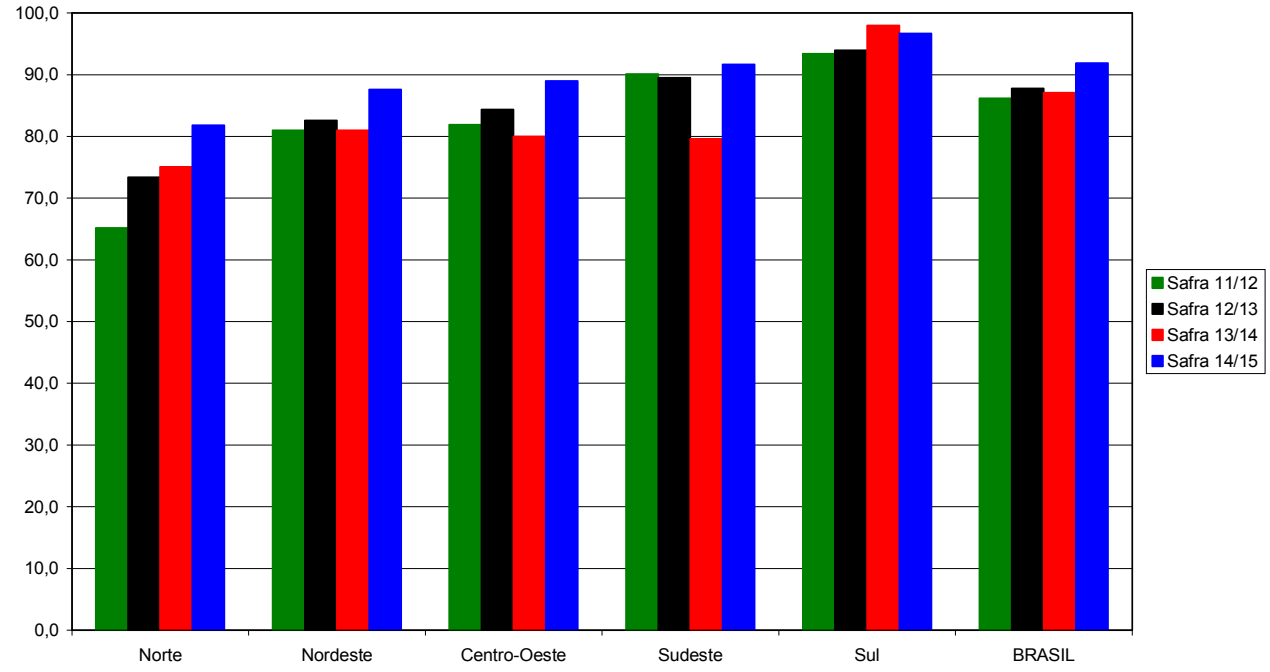
Fonte: Conab.

Tabela 6 – Utilização de Organismo Geneticamente Modificado no plantio de soja

UF	Plantio Organismo Geneticamente Modificado						
	Safra 11/12	Safra 12/13	Safra13/14	Safra 14/15	Var. (%)	Var. (%)	Var. (%)
	(e)	(f)	(g)	(h)	(f/e)	(g/f)	(h/g)
Norte	**65,2**	**73,4**	**75,1**	**81,8**	**12,6**	**2,3**	**8,9**
RO	20,0	20,0	20,0	40,0	-	-	100,0
TO	79,6	89,7	91,7	96,3	12,7	2,3	5,0
Nordeste	**81,0**	**82,6**	**81,0**	**87,6**	**2,0**	**(1,9)**	**8,1**
MA	70,0	75,0	80,0	92,7	7,1	6,7	15,9
PI	85,0	85,0	80,0	80,0	-	(5,9)	-
BA	85,0	85,0	82,0	90,0	-	(3,5)	9,8
Centro-Oeste	**81,9**	**84,4**	**80,0**	**89,0**	**3,1**	**(5,2)**	**11,3**
MT	79,4	82,6	73,0	85,9	4,0	(11,6)	17,7
MS	89,6	89,1	89,3	97,8	(0,6)	0,2	9,5
GO	83,2	85,8	92,7	91,7	3,1	8,0	(1,0)
Sudeste	**90,1**	**89,5**	**79,6**	**91,7**	**(0,7)**	**(11,1)**	**15,2**
MG	88,4	86,8	78,3	91,8	(1,8)	(9,8)	17,2
SP	93,2	94,3	81,9	91,3	1,2	(13,1)	11,5
Sul	**93,4**	**94,0**	**98,0**	**96,7**	**0,6**	**4,3**	**(1,3)**
PR	87,6	88,5	95,9	94,8	1,0	8,4	(1,1)
SC	95,5	96,7	98,8	99,0	1,3	2,2	0,2
RS	99,4	99,4	100,0	98,9	-	0,6	(1,1)
BRASIL	**86,2**	**87,8**	**87,1**	**91,9**	**1,9**	**(0,8)**	**5,5**

Fonte: Conab.

Gráfico 5 – Utilização de Organismo Geneticamente Modificado no plantio de soja



Fonte: Conab.

O uso desta tecnologia não é novidade no país e seu uso tem aumentado gradativamente ao longo das últimas safras. O uso já ultrapassa 85% da área cultivada, tanto para milho, quanto para soja. As Tabelas 5 e 6 e os Gráficos 4 e 5 mostram a evolução do uso da tecnologia nas últimas 4 safras nos principais estados produtores.

5.1.2.1. Área de refúgio

Uma ferramenta essencial para garantir que os entes envolvidos na produção de soja e milho no país ajudem a garantir a viabilidade da tecnologia empregada nas sementes para controle de pragas é o refúgio. O plantio em área de refúgio, ou seja, com soja sem modificação genética, permite o controle de pragas através de métodos convencionais (agrotóxicos) e, por isso, permite que insetos-praga atinjam a fase adulta sem ter contato com organismos geneticamente modificados.

A recomendação é variável entre as empresas detentoras da tecnologia, mas em geral a área de refúgio deve corresponder a 10% da área total de soja ou milho da área plantada na propriedade, com distância máxima de 800 metros das áreas plantadas com plantas geneticamente modificadas. Essa distância máxima é baseada na biologia comportamental do inseto e permite que os insetos resistentes que surgiram na área geneticamente modificadas se acasale com insetos suscetível e torne a geração seguinte também suscetível, ou seja, num cruzamento entre um inseto resistente e um suscetível, o gene suscetível é dominante. Esse método dificulta o surgimento de novos insetos resistentes, preservando a eficácia da tecnologia além de favorecer o melhor aproveitamento desta.

Uma técnica difundida erroneamente é de que a mistura de sementes convencionais com transgênicas, já no saco de semente comercializada, seria suficiente para ter uma área de refúgio espalhada na lavoura geneticamente modificada. Isso não é uma prática eficiente em razão do comportamento e biologia das pragas alvo da tecnologia. Como há uma intensa movimentação das pragas entre as plantas da lavoura, o resultado é a sobrevivência muito pequena de insetos suscetíveis, o que inviabiliza essa ferramenta.

Dentro deste contexto, o MAPA, através da Portaria nº 950/14, institui o Grupo Técnico-Científico sobre Manejo de Resistência de Insetos-Praga a proteínas Bt (GTMR). O grupo alerta que “a adoção de refúgio é importante, mas isoladamente não é suficiente para o adequado manejo de resistência nos sistemas produtivos, bem como para assegurar a necessidade das tecnologias”. Segundo os especialistas que fazem parte do grupo, é necessário adotar outras práticas complementares para alcançar esse resultado, como “a utilização de plantas com duas ou mais proteínas ativas para a praga alvo, a rotação de culturas e a eliminação adequada dos restos culturais”. Dependo das circunstâncias, recomenda-se a utilização de área de refúgio com cultivos alternativos como o sorgo, no caso do milho, e feijão-guandu, no caso da soja, uma vez que a similaridade entre os cultivos os torna susceptíveis as mesmas pragas-chave.

A recomendação técnica para a cultura do milho na safra 2014/15, para as tecnologias, foi de 10% da área de refúgio. Para a soja, recomenda-se uma área de no mínimo de 20%. Como não há recomendação padronizada para a cultura de algodão por parte das empresas detentoras da tecnologia, o mesmo grupo técnico concluiu que a recomendação mais adequada é de 20% de área de refúgio, com aplicação de inseticidas na área quando o índice de infestação atingir 25%.

Tabela 7 – Recomendação de refúgio preconizadas pelas empresas detentoras das tecnologias (2014)

CULTURA	EMPRESA	NOME COMERCIAL	PROTEÍNA	% DE REFÚGIO ESTRUTURADO
ALGODÃO	DOW	Widestrike	Cry1Ac e Cry1F	5%
ALGODÃO	MONSANTO	Bollgard	Cry1Ac	20%
ALGODÃO	MONSANTO	Bollgard II	Cry1Ac e Cry2Ab2	5%[1] ou 20%[2]
ALGODÃO	BAYER	TwinLink	Cry1Ab e Cry2Ae	20%[3]
MILHO	DOW	Herculex	Cry1F	10%
MILHO	DOW	Herculex RR	Cry1F	10%
MILHO	DOW	PowerCore	Cry1A.105, Cry2Ab2, Cry1F	10%
MILHO	Dupont-PIONNER	Yieldgard	Cry1Ab	10%
MILHO	Dupont-PIONNER	Herculex	Cry1F	10%
MILHO	Dupont-PIONNER	Intrasect	Cry1Ab e Cry1F	10%
MILHO	MONSANTO	Yieldgard	Cry1Ab	10%
MILHO	MONSANTO	VTPRO	Cry1A.105 e Cry2Ab2	10%
MILHO	MONSANTO	VTRPRO 2	Cry1A.105 e Cry2Ab2	10%
MILHO	MONSANTO	VTPRO 3	Cry1A.105 e Cry2Ab2 e Cry3Bb1	10%
MILHO	MONSANTO	VTPROMAX	Cry1A.105, Cry2Ab2 e Cry1F	10%
MILHO	SYNGENTA	Agrisure TL	Cry1Ab	10%
MILHO	SYNGENTA	Agrisure Vitpera	Vip3Aa20	10%
MILHO	SYNGENTA	Agrisure TLTG Viptera	Cry1Ab e Vip3Aa20	10%
MILHO	SYNGENTA	Agrisure Viptera3	Cry1Ab e Vip3Aa20	10%
SOJA	MONSANTO	INTACTA RR2 PRO	Cry1Ac	20% (estruturado)

Legenda: (1) sem pulverização diferencial para lagartas em relação ao BGII.

(2) permitindo pulverização diferencial para lagartas.

(3) aplicação de inseticidas quando o ataque das lagartas atingir o nível de ação específico pré-estabelecido.

Fonte: MAPA.

Referências:

Carraro, I.M. O desafio das 20 milhões de toneladas no Brasil. Seed News. Jan/fev. 2012.

Peske, S. T. A semente e os desafios da agricultura. Seed News. Set/Out. 2011.

Peske, S. T. Sementes de Milho. Seed News. Maio/Jun.2014.

Peske, S. T.; Peixoto, C. M.; Matos, L. A. A Complexidade dos Materiais Híbridos. Seed News. Nov. Dez. 2011.

ROSSI, R. F. Vigor de sementes, população de plantas e desempenho agronômico de soja. 2012. 60 f. Dissertação (Mestrado em Agronomia) - Faculdade de Ciências Agronômicas, Universidade Estadual Paulista, Botucatu, 2012.

Sites consultados:

– http://sistemasdeproducao.cnptia.embrapa.br/

– http://www.cnpms.embrapa.br

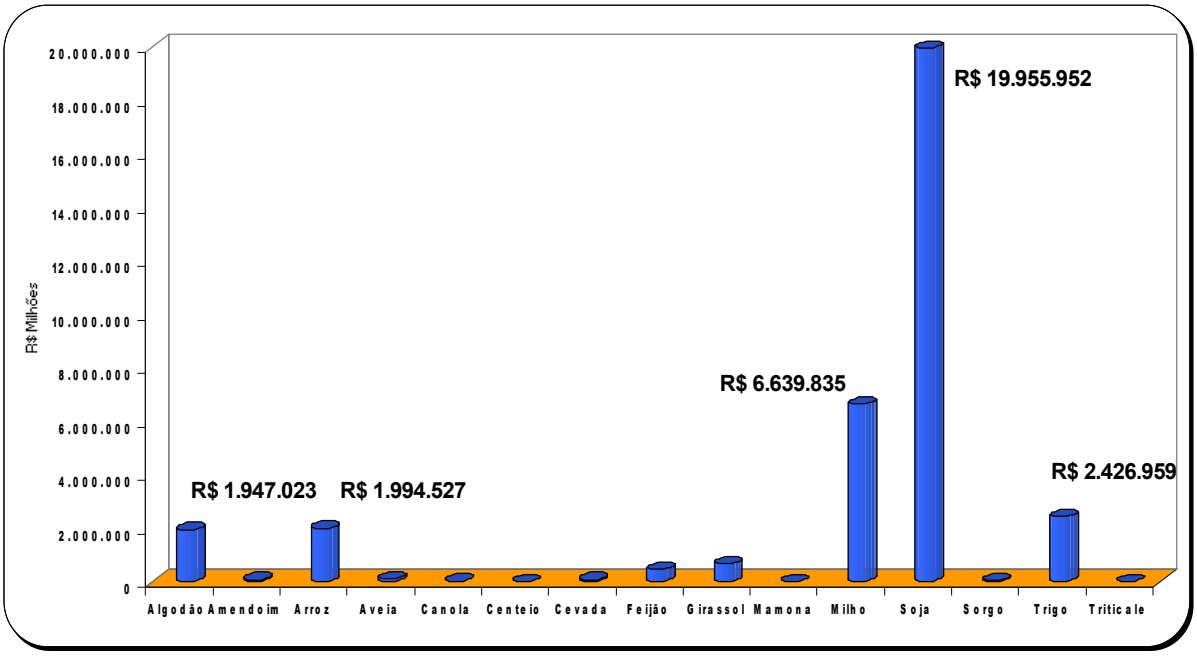
– http://www.isaaa.org/

6. Crédito rural

O crédito é uma variável fundamental no processo produtivo e a sua origem pode, em parte, explicar a conjuntura agrícola e os seus reflexos na comercialização agropecuária, no abastecimento e na segurança alimentar e nutricional. Os financiamentos de custeio concedidos aos produtores e cooperativas, no período entre janeiro e outubro de 2014, podem ser observados nos quadros e gráficos abaixo.

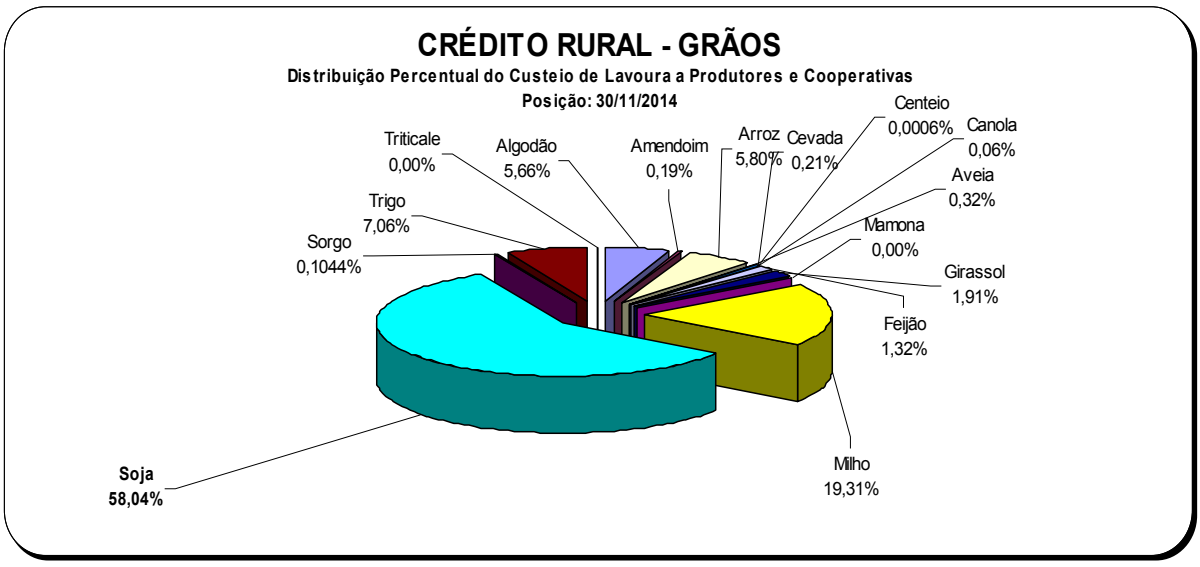
Pode-se observar que a soja, o milho, o trigo, o algodão e o arroz se destacam como culturas que absorveram a maior parte dos créditos disponibilizados pelas instituições financeiras.

Gráfico 6 – Distribuição dos recursos de custeio de lavoura a produtores e cooperativas – Grãos



Fonte: Bacen/Sistema de Operações do Crédito rural e do Proagro (Sicor).

Gráfico 7 – Distribuição dos recursos de custeio de lavoura a produtores e cooperativas – Grãos

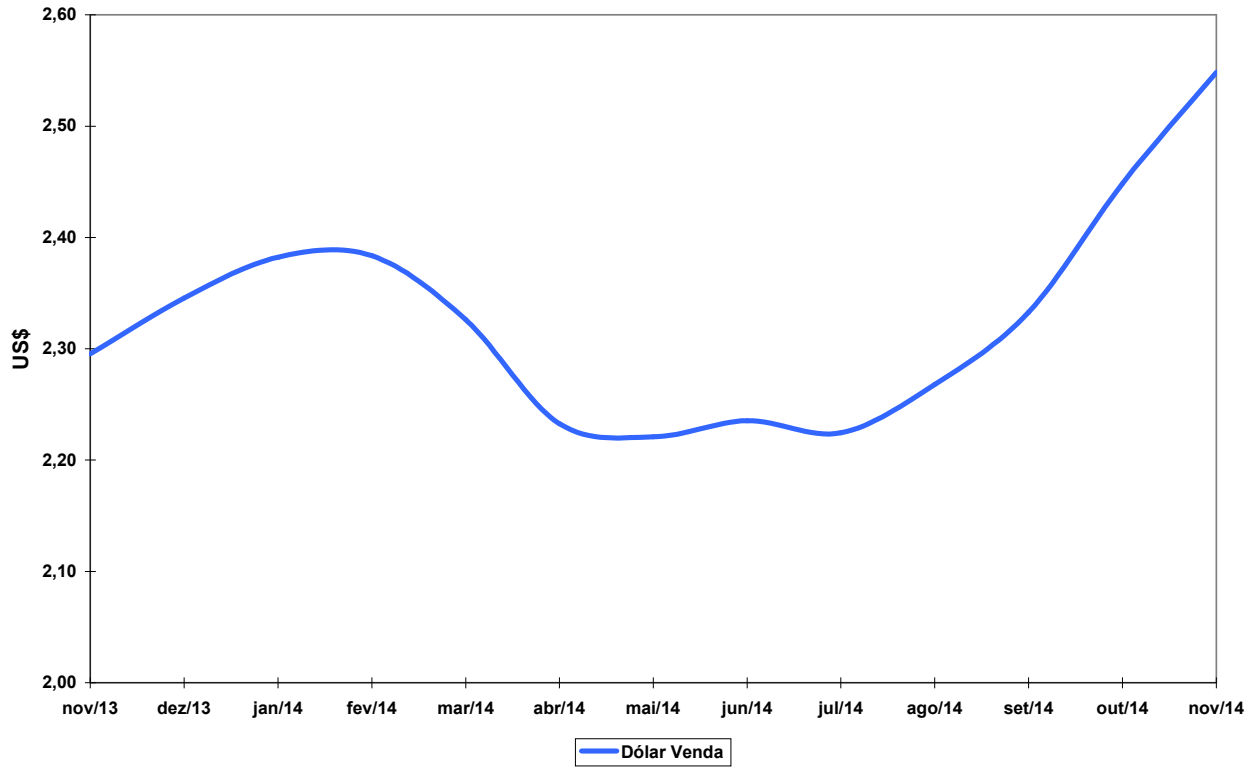


Fonte: Bacen/Sistema de Operações do Crédito rural e do Proagro (Sicor)

7. Câmbio

O câmbio é outro componente importante no processo de tomada de decisão do produtor rural, que tem como foco as commodities agrícolas. Abaixo, as cotações de venda do dólar americano no período de novembro de 2013 a novembro de 2014.

Gráfico 8 – Câmbio dólar – Venda



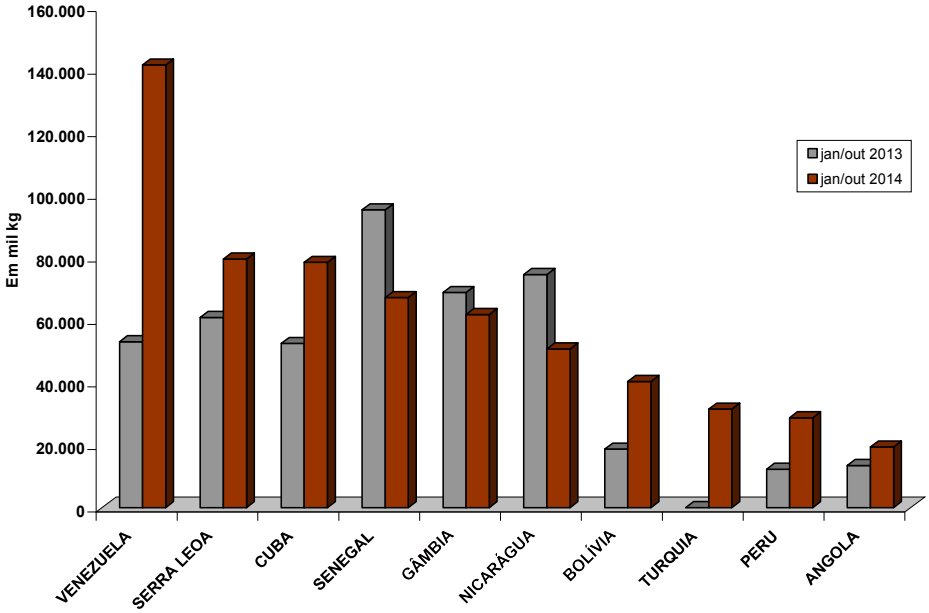
Fonte: Banco Central do Brasil.

Nota: Período de novembro/2013 a novembro/2014.

8. Exportações de arroz, milho, complexo soja e importação de trigo

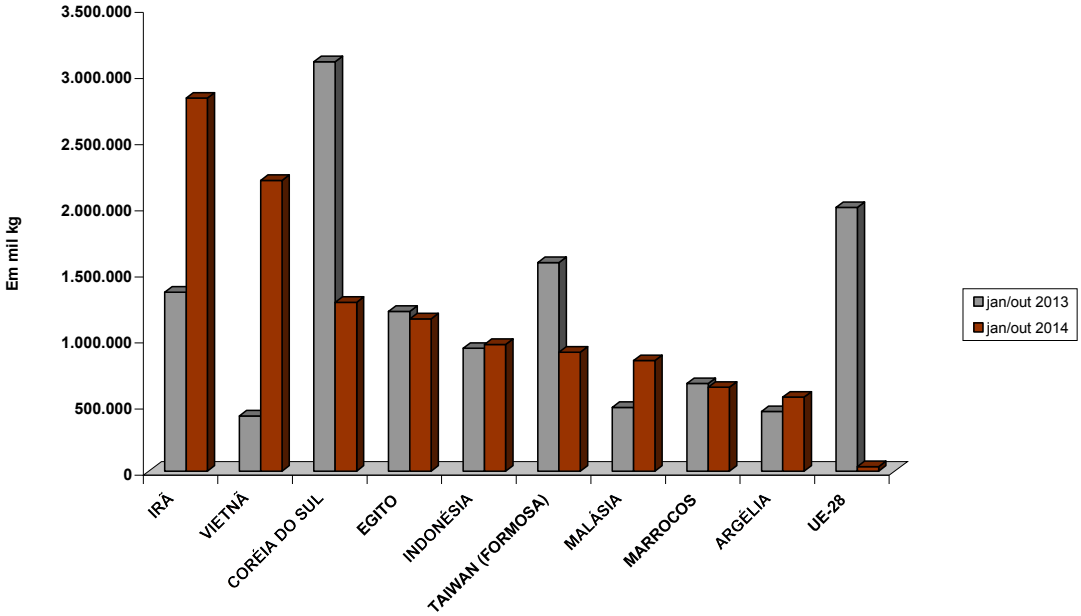
As exportações de milho e do complexo soja fazem parte do processo de análise dos produtores na tomada de decisão para o plantio. Segue, para conhecimento, informações a respeito das exportações.

Gráfico 9 – Exportação brasileira de arroz – Principais países importadores



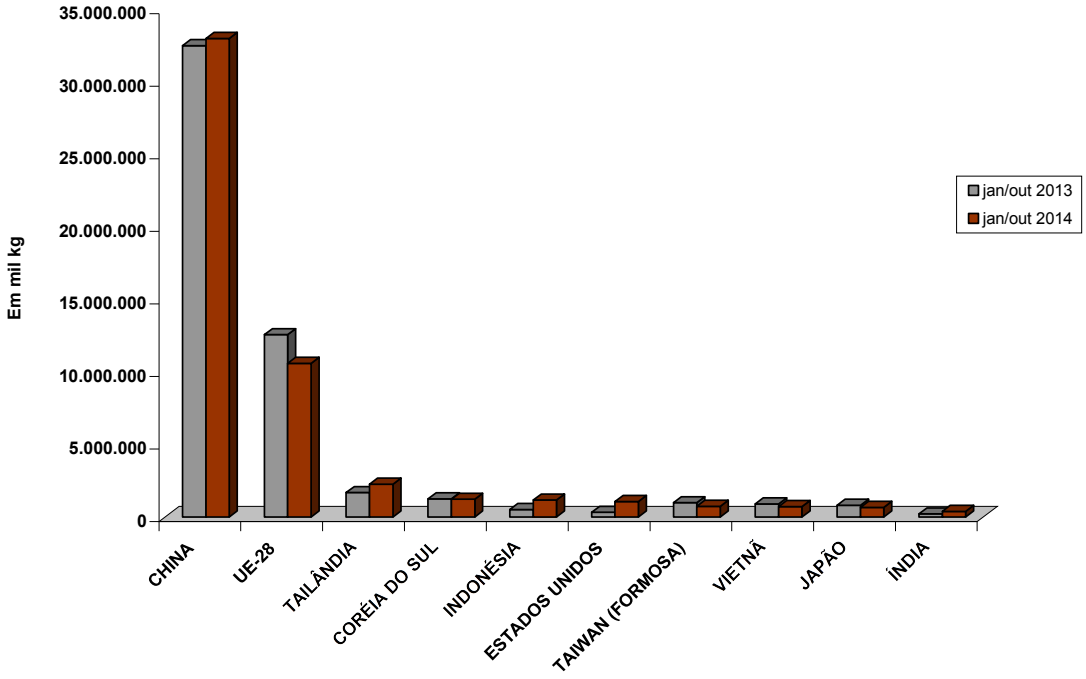
Fonte: AgroSat Brasil/SECEX/MDIC.

Gráfico 10 – Exportação brasileira de milho – Principais países importadores



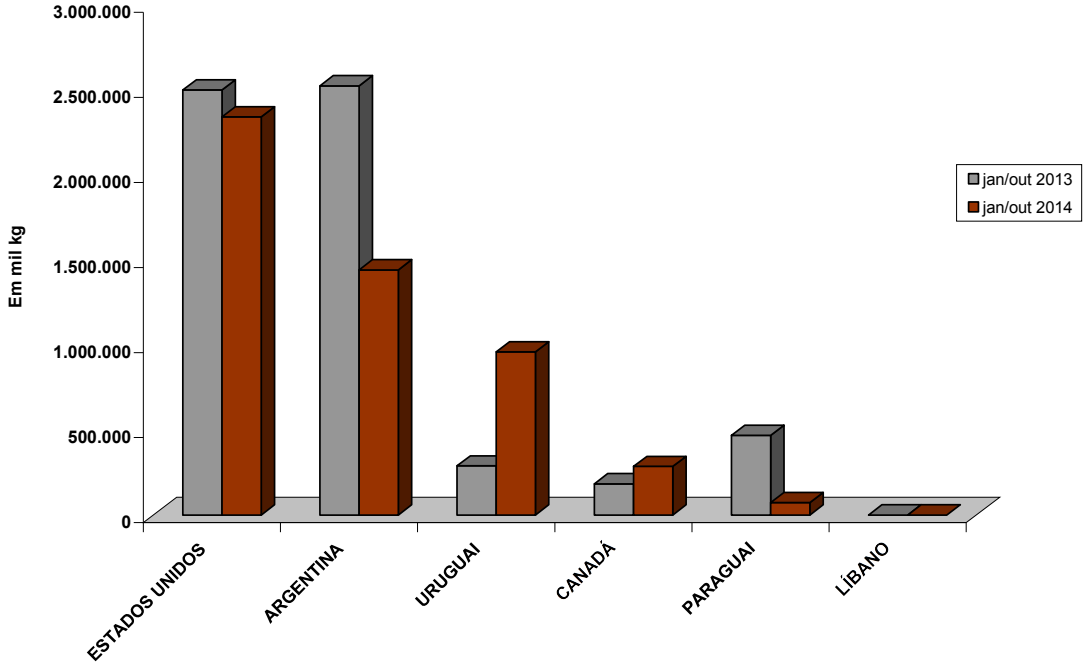
Fonte: AgroSat Brasil/SECEX/MDIC.

Gráfico 11 – Exportação brasileira do complexo soja – Principais países importadores



Fonte: AgroSat Brasil/SECEX/MDIC

Gráfico 12 – Importação brasileira de trigo – Principais países exportadores



Fonte: AgroSat Brasil/SECEX/MDIC.

9. Monitoramento agrícola: culturas de inverno (safra 2014) e de verão (safra 2014/15) - novembro de 2014

O monitoramento agrícola, realizado quinzenalmente pela Companhia e divulgado nos boletins de acompanhamento de safra e no Boletim de Monitoramento Agrícola (BMA) - http://www.conab.gov.br/conteudos.php?a=1094&t=2 –, constitui um dos produtos de apoio às estimativas de safras. O propósito do monitoramento é avaliar as condições atuais das lavouras em decorrência de fatores agronômicos e de eventos climáticos recentes, a fim de auxiliar na pronta estimativa da produtividade agrícola nas principais regiões produtoras.

As condições das lavouras são analisadas através de monitoramentos complementares: agrometeorológico e espectral, e os resultados são apresentados nos mapas sobre as condições hídricas para os cultivos, dos capítulos referentes à análise das culturas (boletins de acompanhamento de safra) e às condições hídricas gerais (BMA). Os recursos técnicos utilizados têm origem em três fontes de dados: a) imagens de satélites da última quinzena e de anos anteriores desse mesmo período, utilizadas para calcular o Índice de Vegetação (IV)[1] das lavouras; b) dados climáticos e prognósticos de probabilidade de chuva; e c) dados de campo.

O monitoramento atual foi realizado nas principais mesorregiões produtoras de grãos que estavam em produção na última quinzena. As culturas monitoradas foram as seguintes: culturas de inverno – safra 2014 (aveia e trigo) e culturas de verão – safra 2014/15 (algodão, amendoim primeira safra, arroz, feijão primeira safra, milho primeira safra e soja).

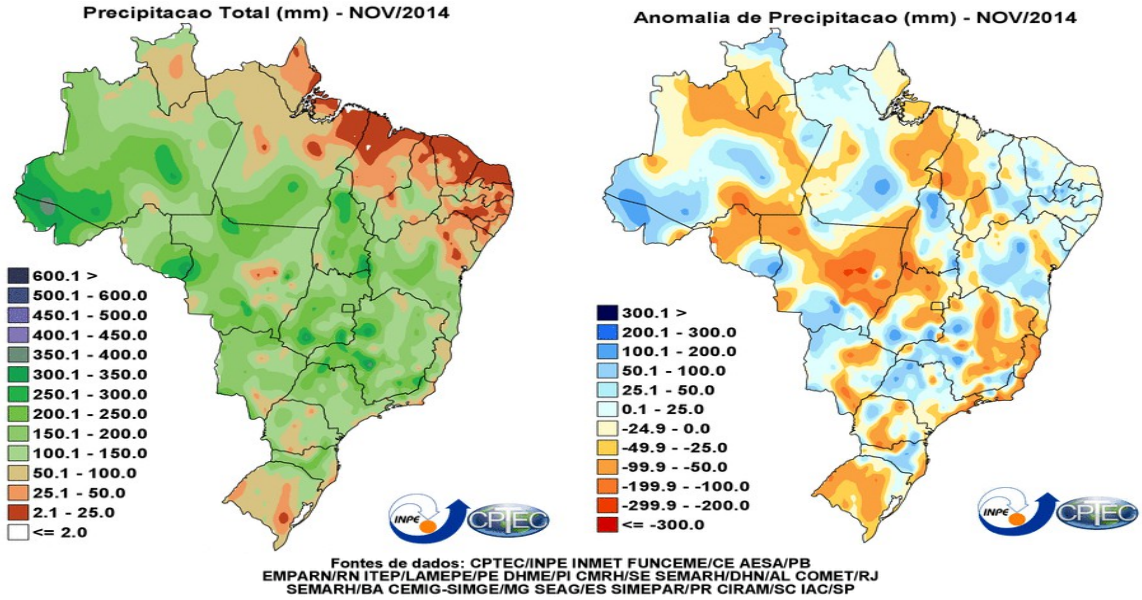
9.1. Condições meteorológicas recentes

A precipitação acumulada em novembro apresentou uma alteração no cenário verificado em outubro de poucas chuvas na maior parte do país. Todos os estados do Centro-Sul e MATOPIBA (sul do Maranhão, leste do Tocantins, sul do Piauí e oeste da Bahia) apresentaram áreas com chuvas acima de 100 mm (Figura 1). No entanto, ainda houve locais com ocorrência de chuvas abaixo da média. Dentre eles, destacaram-se, principalmente, a maior parte do Rio Grande do Sul, parte central do Mato Grosso e do sul do Piauí.

Em todo país, em relação à temperatura (Figuras 4 e 5), o mapa de anomalia de temperatura mínima mostra a maior parte do país com temperaturas acima da normal. Já o mapa de anomalia de temperatura máxima mostra uma situação inversa com temperaturas máximas, em sua maior parte, dentro ou abaixo da normal.

1 Índice que retrata as condições atuais da vegetação, integrando os efeitos dos eventos que afetam seu desenvolvimento.

Figura 1 – Precipitação acumulada e anomalia de precipitação

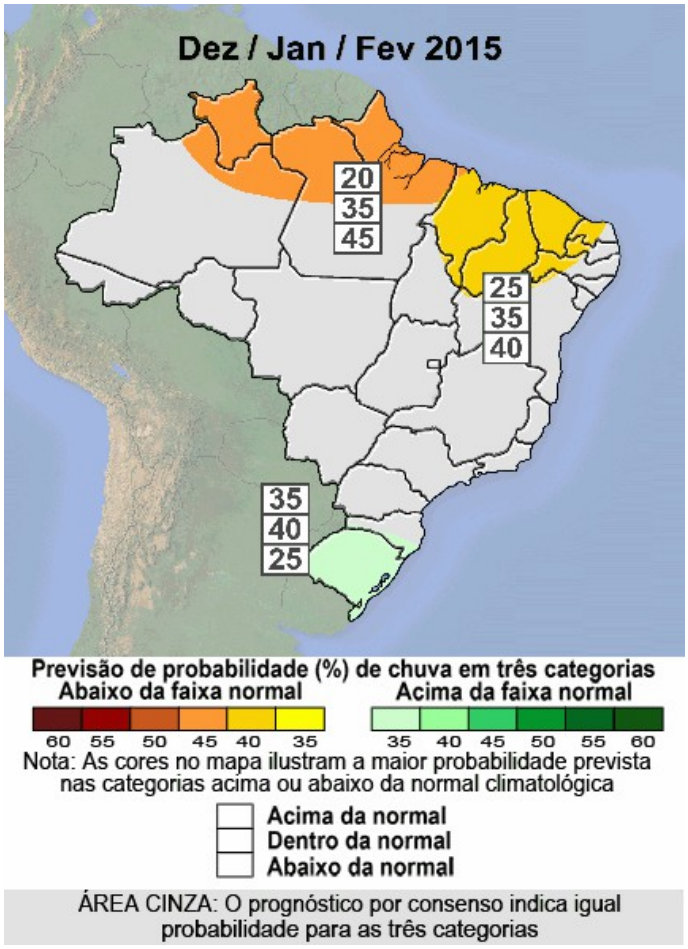


9.2. Prognóstico para o trimestre dez/2014 e jan-fev/2015[2]

A previsão por consenso para o trimestre dezembro de 2014 a fevereiro de 2015 (DJF/2015), baseada na análise das condições oceânicas e atmosféricas durante outubro e dos prognósticos de modelos dinâmicos e estatísticos de previsão climática sazonal, atribui a maior probabilidade de ocorrência de totais pluviométricos na categoria abaixo da normal para o norte da Região Norte, com distribuição de probabilidades: 20%, 35% e 45% para as categorias acima, dentro e abaixo da faixa normal climatológica, respectivamente. A previsão de maior probabilidade dos totais pluviométricos se situarem abaixo da média também se aplica ao norte da Região Nordeste, porém com distribuição de probabilidades: 25%, 35% e 40% para as categorias acima, dentro e abaixo da faixa normal climatológica, respectivamente. Para o sul da Região Sul, permaneceram condições favoráveis à ocorrência de precipitações pluviométricas abundantes, embora com maior incerteza, o que levou à previsão de maior probabilidade das chuvas situarem-se dentro da faixa normal, com a segunda faixa mais provável a da categoria acima da normal, com a seguinte distribuição de probabilidades: 35%, 40% e 25%, para as categorias acima, dentro e abaixo da faixa normal climatológica, respectivamente. Para as demais áreas do Brasil, a previsão indica igual probabilidade para as três categorias. Esta previsão levou em consideração principalmente a persistência de condições típicas de El Niño no decorrer dos próximos meses. As temperaturas podem variar entre valores normais e acima da normal climatológica na maior parte do país.

2 Fonte: CPTEC/INPE - http://clima1.cptec.inpe.br/

Figura 2 - Prognóstico para o trimestre dez/2014 e jan-fev/2015



Fonte: CPTEC/INPE.

9.3. Monitoramento agrometeorológico

O monitoramento agrometeorológico tem como objetivo identificar as condições para o desenvolvimento das grandes culturas nas principais mesorregiões produtoras do país, que estão em produção ou que irão iniciar o plantio nos próximos dias. A análise se baseia na localização das áreas de cultivo (mapeamentos) e no impacto que o clima pode estar causando nas diferentes fases (predominantes) do desenvolvimento das culturas, além da condição da vegetação observada em imagens de satélite.

Dentre os parâmetros agrometeorológicos observados, destacam-se: a precipitação acumulada, o desvio da precipitação com relação à média histórica (anomalia) e a umidade disponível no solo. Os mapas das condições hídricas são elaborados por cultura, e a classificação é feita da seguinte forma:

- baixa produção, sem cultivo ou fora de temporada;
- favorável: quando a precipitação é adequada para a fase do desenvolvimento da cultura ou quando houver problemas pontuais de baixa intensidade;
- baixa restrição: quando houver problemas pontuais por falta ou excesso de chuvas;
- média restrição: quando houver problemas generalizados por falta ou excesso de chuvas;
- alta restrição: quando houver problemas crônicos ou extremos por falta ou excesso de precipitações, que podem causar impactos significativos na produção.

Nas tabelas desses mapas são especificadas as regiões onde as chuvas estão sendo favoráveis para o início do plantio (pré-plantio), a germinação, o desenvolvimento vegetativo, a floração e/ou a frutificação; onde está havendo possíveis problemas por excesso de chuvas; onde as chuvas reduzidas estão favorecendo o plantio e a colheita; e onde pode estar havendo possíveis problemas por falta de chuvas. O resultado desse monitoramento é apresentado no capítulo referente à análise das culturas.

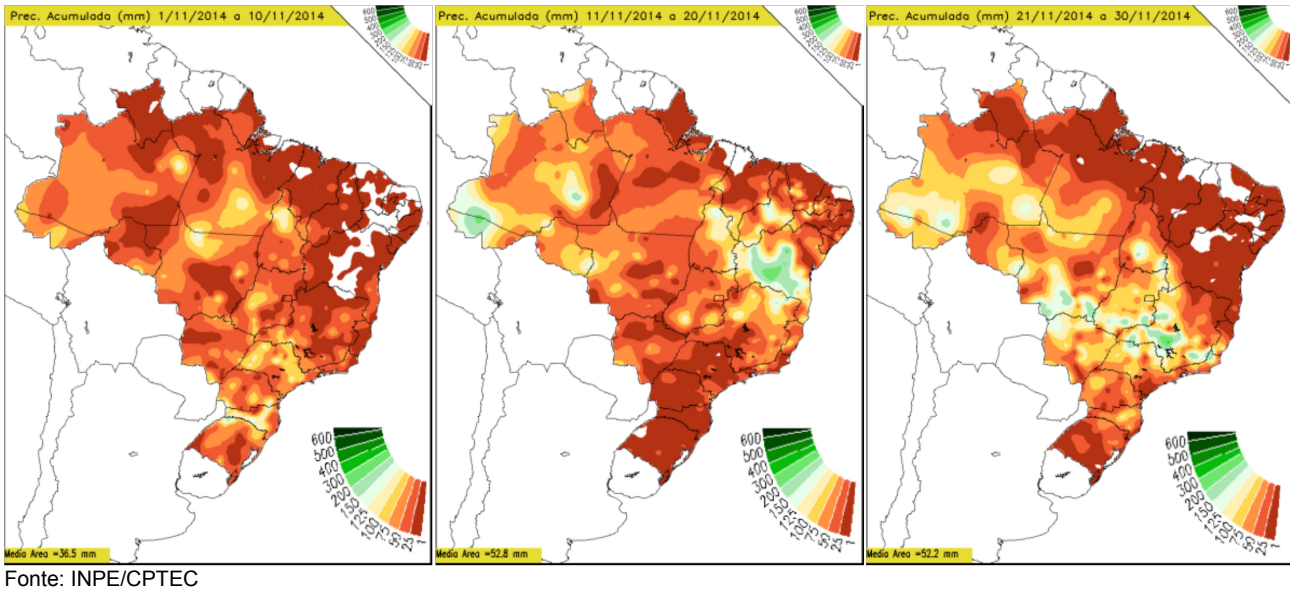
As precipitações que ocorreram em novembro foram em sua maior parte suficientes ao plantio da soja e do milho primeira safra nas Regiões Centro-Oeste e Sudeste do país (Figura 1). Houve recuperação da umidade do solo, insuficiente para o plantio em outubro. Nas Figuras 6, 7 e 8, verificou-se a evolução da umidade no solo através da observação dos dias 01,15 e 30 de novembro nas profundidades de 9 a 37,5 cm em função das fases de desenvolvimento das lavouras. Nas Regiões Sudeste e Centro-Oeste, as precipitações se intensificaram no terceiro decêndio do mês (Figura 3).

No MATOPIBA, a precipitação acumulada decendial (Figura 3) demostrou a ocorrência de chuvas mais intensas na região, principalmente, no segundo decêndio do mês, porém de forma irregular. Devido a isso, a região apresentou locais com umidade do solo ainda insuficiente para o plantio das culturas de verão (Figuras 6, 7 e 8).

A colheita das culturas de inverno na Região Sul do país se encontra bastante avançada. A situação de chuvas reduzidas principalmente no segundo decêndio favoreceu a maturação e colheita (Figura 3). Esse período de chuvas reduzidas também foi benéfico ao plantio do arroz irrigado no Rio Grande do Sul, que apresentou atraso devido ao excesso de chuvas nos períodos anteriores, e em Santa Catarina.

Em relação às culturas de verão da região Sul, as condições climáticas atenderam às necessidades das lavouras, exceto em regiões pontuais principalmente a oeste, centro leste e nordeste do Paraná. No Rio Grande do Sul também houve regiões pontuais com restrições por falta de chuva principalmente a sul do estado. No Paraná, a região nordeste apresentou as condições mais desfavoráveis para o desenvolvimento das lavouras devido à ocorrência de chuvas apenas a partir do terceiro decêndio de novembro (Figura 3). Em outubro, as chuvas na região foram abaixo da média.

Figura 3 – Precipitação acumulada decendial



Fonte: INPE/CPTEC

Figura 4 – Temperatura e anomalia de temperatura máxima

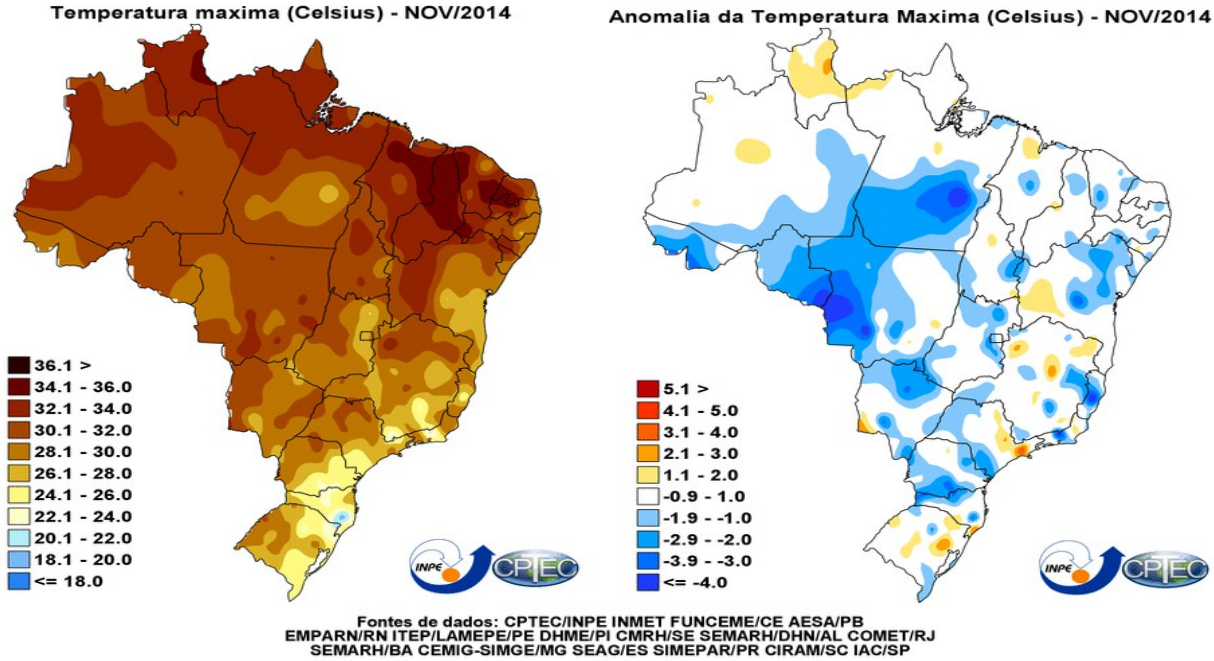


Figura 5 - Temperatura e anomalia de temperatura mínima

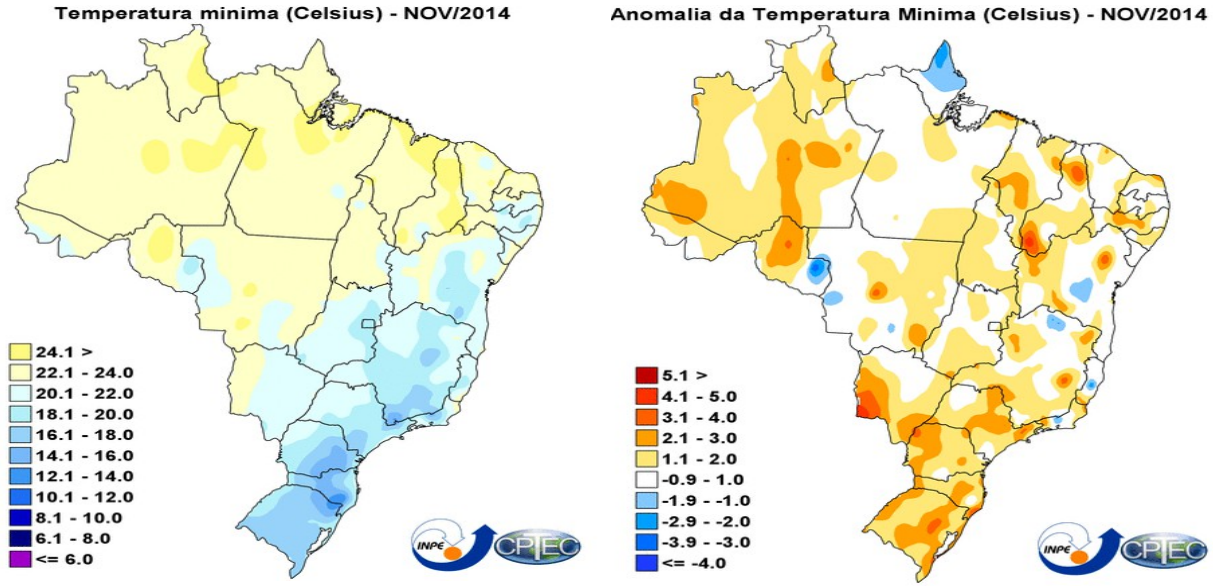
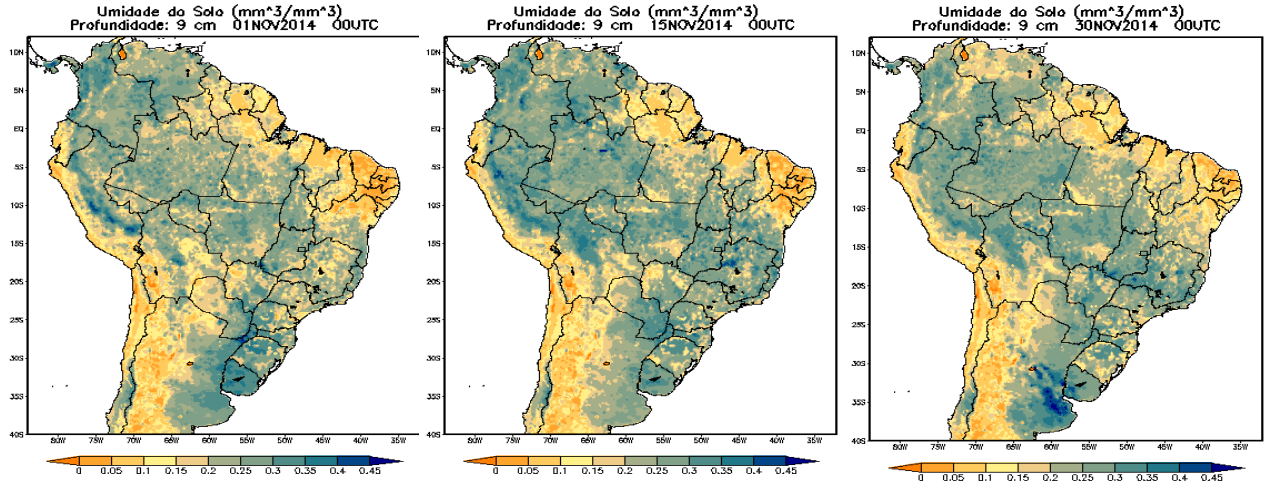
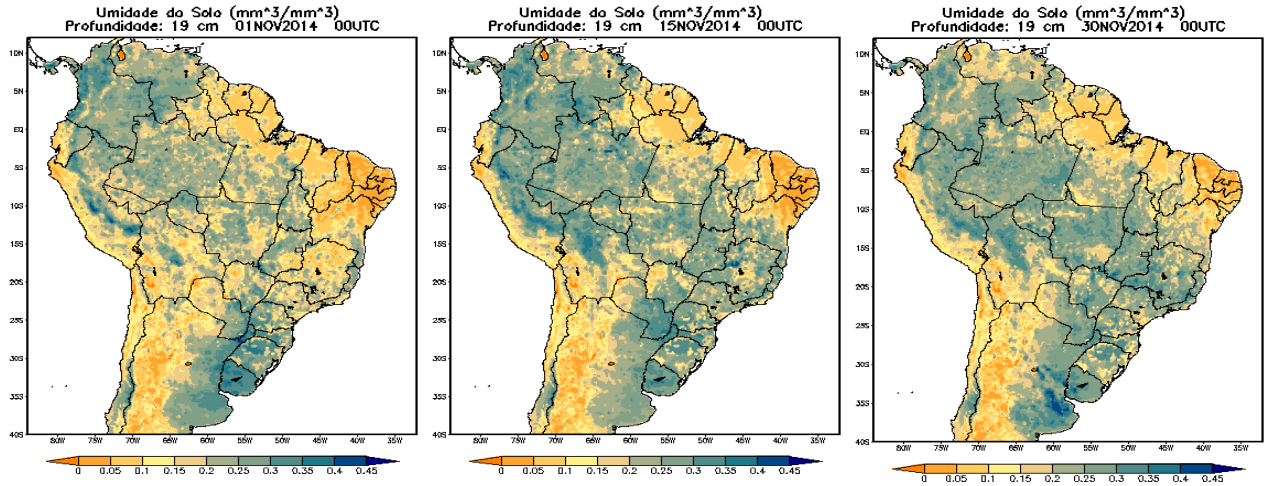


Figura 6 – Umidade do solo (mm3/mm3) na profundidade de 9 cm



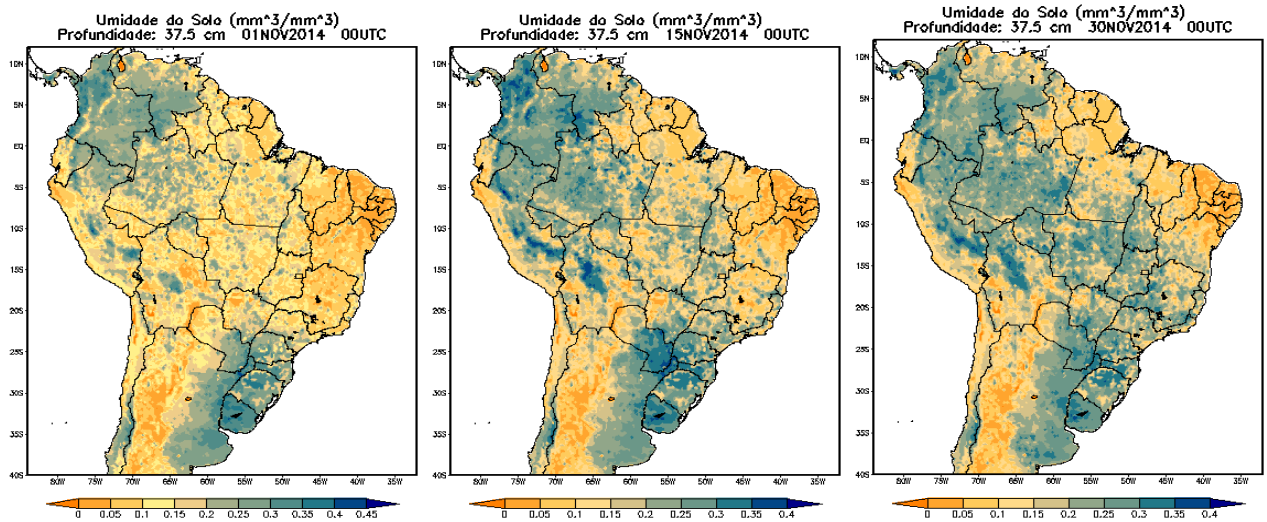
Fonte: INPE/CPTEC

Figura 7 – Umidade do solo (mm3/mm3) na profundidade de 19 cm



Fonte: INPE/CPTEC

Figura 8 – Umidade do solo (mm3/mm3) na profundidade de 37,5 cm



9.4. Monitoramento espectral

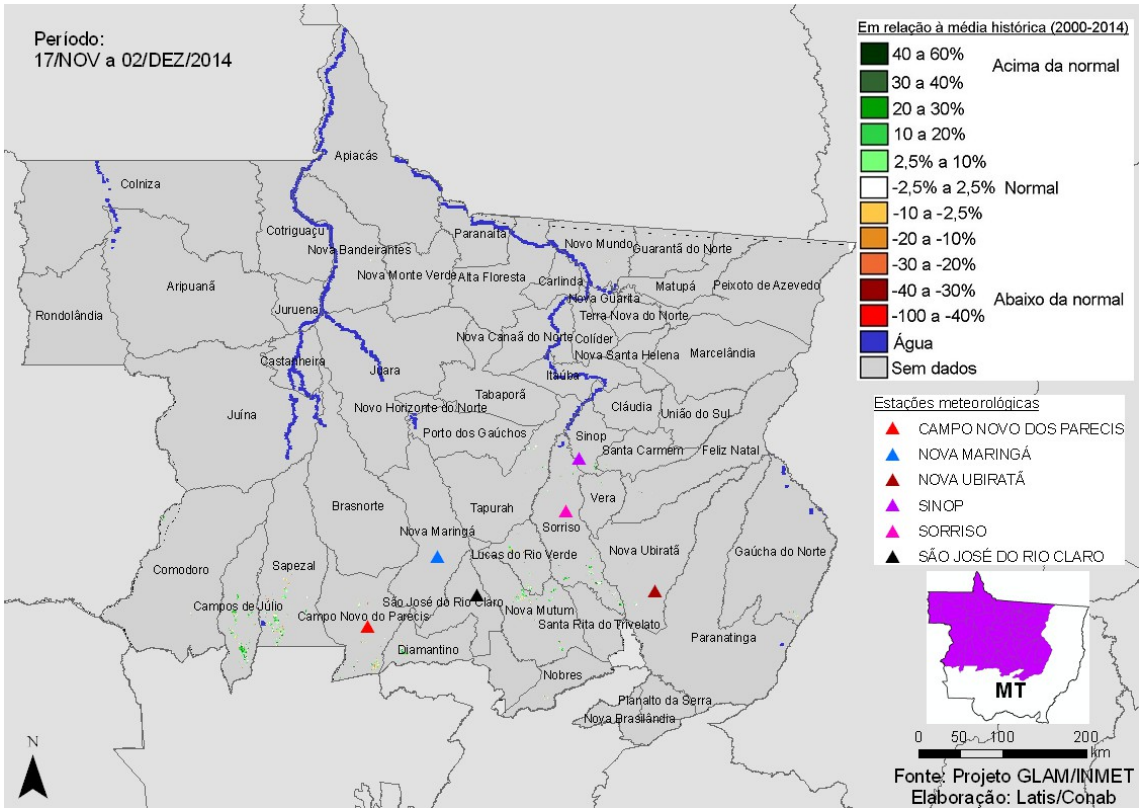
O propósito do monitoramento espectral é avaliar as condições atuais das lavouras em decorrência das condições meteorológicas recentes, a fim de auxiliar na estimativa da produtividade nas principais regiões produtoras. No momento o foco são as atuais culturas de verão que estão em pleno desenvolvimento no campo.

O monitoramento é realizado com base no Índice de Vegetação (IV), calculado a partir de imagens de satélite, desde o plantio das lavouras. Três produtos derivados do IV são utilizados: a) mapas de anomalia que mostram a diferença dos padrões de desenvolvimento da safra atual em relação à média histórica; b) gráficos da quantificação de unidades de área pelo valor do IV que mostram a situação das lavouras da safra atual, da safra anterior e da média histórica nas faixas de baixos, médios e altos valores do Índice e; c) gráficos de evolução temporal que possibilitam o acompanhamento do desenvolvimento das lavouras durante todo ciclo, e a comparação entre diferentes anos safra.

No total, estão sendo monitoradas sete mesorregiões produtoras que cobrem juntas aproximadamente 50% das culturas de verão. Os resultados cobrindo uma maior quantidade de mesorregiões, assim como, informações mais detalhadas sobre os critérios metodológicos, estão disponíveis no Boletim de Monitoramento Agrícola, que é divulgado mensalmente pela Conab e cuja última edição está acessível na área de Destaques da página principal. A seguir são apresentadas as informações e análises mais recentes dessas sete mesorregiões.

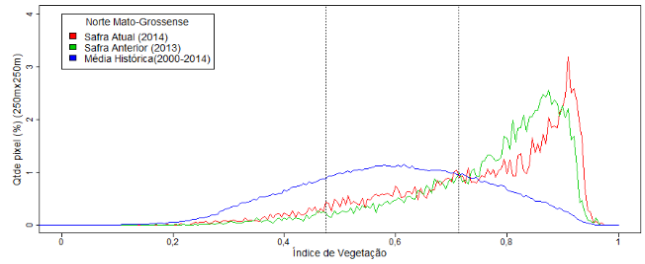
9.4.1. Norte Mato-Grossense

Figura 9 – Mapa de anomalia do IV das lavouras de grãos, em relação à média histórica



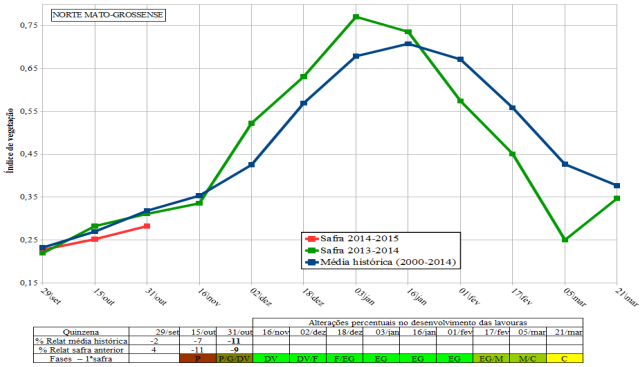
Devido a intensa cobertura de nuvens no período do monitoramento, poucas áreas agrícolas foram visualizadas pelas imagens de satélite. São as pequenas parcelas em verde no mapa acima que, por essa cor, indicam bom padrão de desenvolvimento das lavouras, apesar do atraso do plantio da atual safra de verão.

Gráfico 13 - Quantificação de áreas agrícolas pelo valor do IV



Valores de I.V.	0 - 0,4748	0,4748 - 0,7133	0,7133 - 1
Safra Atual (2014)	7.07 %	28.29 %	64.64 %
Safra Anterior (2013)	4.23 %	23.41 %	72.36 %
Média Histórica	25 %	50 %	25 %
Diferença(Safra Atual-Média)	-17.93 %	-21.71 %	39.64 %

Gráfico 14 – Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras



Quinzena	29/set	15/out	31/out	Alterações percentuais no desenvolvimento das lavouras 16/nov	02/dez	18/dez	03/jan	16/jan	01/fev	17/fev	05/mar	21/mar
% Relat média histórica	-2	-7	-11									
% Relat safra anterior	4	-11	-9									
Fases – 1ªsafra		P	P/G/DV	DV	DV/F	F/EG	EG	EG	EG	EG/M	M/C	C

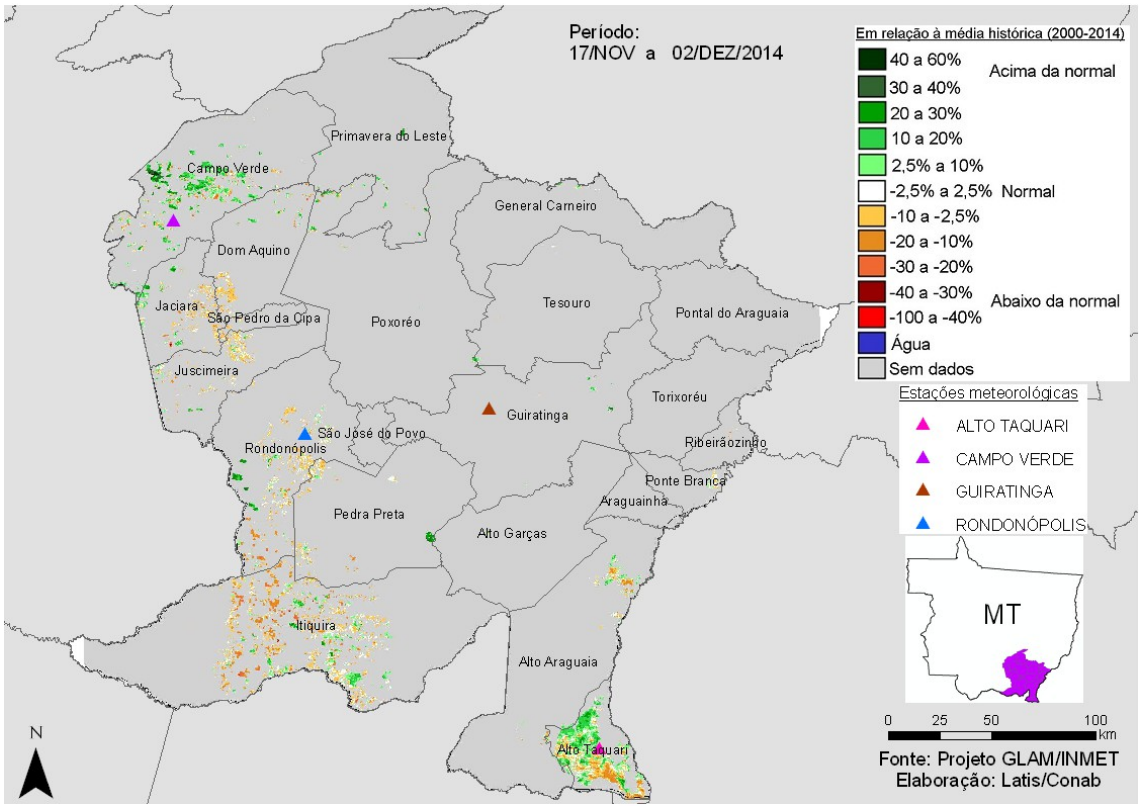
Nota: Devido ao excesso de cobertura de nuvens o sistema GLAM não conseguiu dados suficientes para a elaboração do gráfico de evolução temporal. O gráfico acima foi elaborado a partir das máscaras dos cultivos de verão da Conab, executadas para cada ano-safra.

A tabela do gráfico de quantificação de áreas mostra que a atual safra tem 17,9% a menos que a média histórica de áreas com baixo padrão de desenvolvimento. São as áreas em cor laranja no mapa anterior. Tem 21,7% a menos de cultivos com médio padrão e tem, também, 39,6% a mais que a média histórica de lavouras com altos valores de IV. São as áreas em verde mais intenso no mapa. A safra atual tem 64,6% de suas lavouras com altos valores de IV contra 72,4% da safra do ano passado, no mesmo período. Em síntese, o cálculo ponderado, integrando todas as faixas de valores de IV e seus respectivos percentuais de lavouras, indica: 26,6% acima da média histórica e 2,4% abaixo da safra passada.

No gráfico da evolução temporal, a linha vermelha com resposta de IV relativamente baixa, até final de outubro, caracteriza o atraso do plantio em decorrência da escassez de chuva no momento ideal da semeadura. Devido ao excesso de cobertura de nuvens em novembro, os dados de satélite não foram suficientes para traçar os trechos da linha nos dois últimos monitoramentos, porém a amostra representada no gráfico de quantificação de áreas pelo valor de IV, indica normalidade do padrão de desenvolvimento dos cultivos atuais.

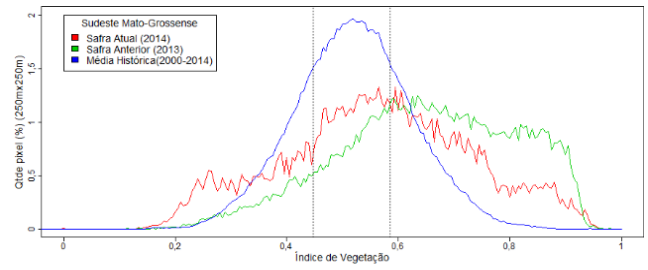
9.4.2. Sudeste Mato-Grossense

Figura 10 – Mapa de anomalia do IV das lavouras de grãos, em relação à média histórica



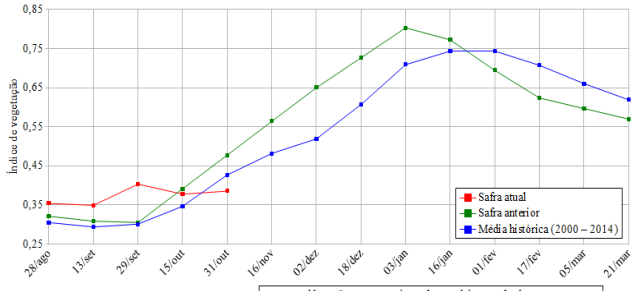
O mapa acima mostra as áreas agrícolas em dois padrões: nos municípios de Campo Verde e Alto Taquari o predomínio é das áreas em verde indicando bom padrão de desenvolvimento das lavouras, possivelmente plantadas mais cedo e já com boa cobertura foliar. Nos demais municípios da região predominam as áreas em amarelo e marrom indicando que as mesmas ainda estão com pouca cobertura foliar, podendo inclusive ser áreas em que a soja não está sendo cultivada e estão sendo reservadas para o plantio do algodão primeira safra. As boas condições climáticas mais recentes devem contribuir para retomada de um padrão normal de desenvolvimento das culturas atuais.

Gráfico 15 - Quantificação de áreas agrícolas pelo valor do IV



Valores de I.V.	0 - 0,4472	0,4472 - 0,5861	0,5861 - 1
Safra Atual (2014)	24.81 %	31.31 %	43.88 %
Safra Anterior (2013)	11.41 %	23.14 %	65.45 %
Média Histórica	25 %	50 %	25 %
Diferença(Safra Atual-Média)	-0.19 %	-18.69 %	18.88 %

Gráfico 16 – Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras



Alterações percentuais no desenvolvimento das lavouras													
Quinzena	28/ago	13/set	29/set	15/out	31/out	16/nov	02/dez	18/dez	03/jan	16/jan	01/fev	17/fev	05/mar	21/mar
% Relat média histórica	16	19	34	9	**-10**									
% Relat safra anterior	10	13	32	-4	**-19**									
Fases – 1ªsafra			P	G/DV	DV	DV/F	F/EG	EG	EG	EG	EG/M	M/C	C	

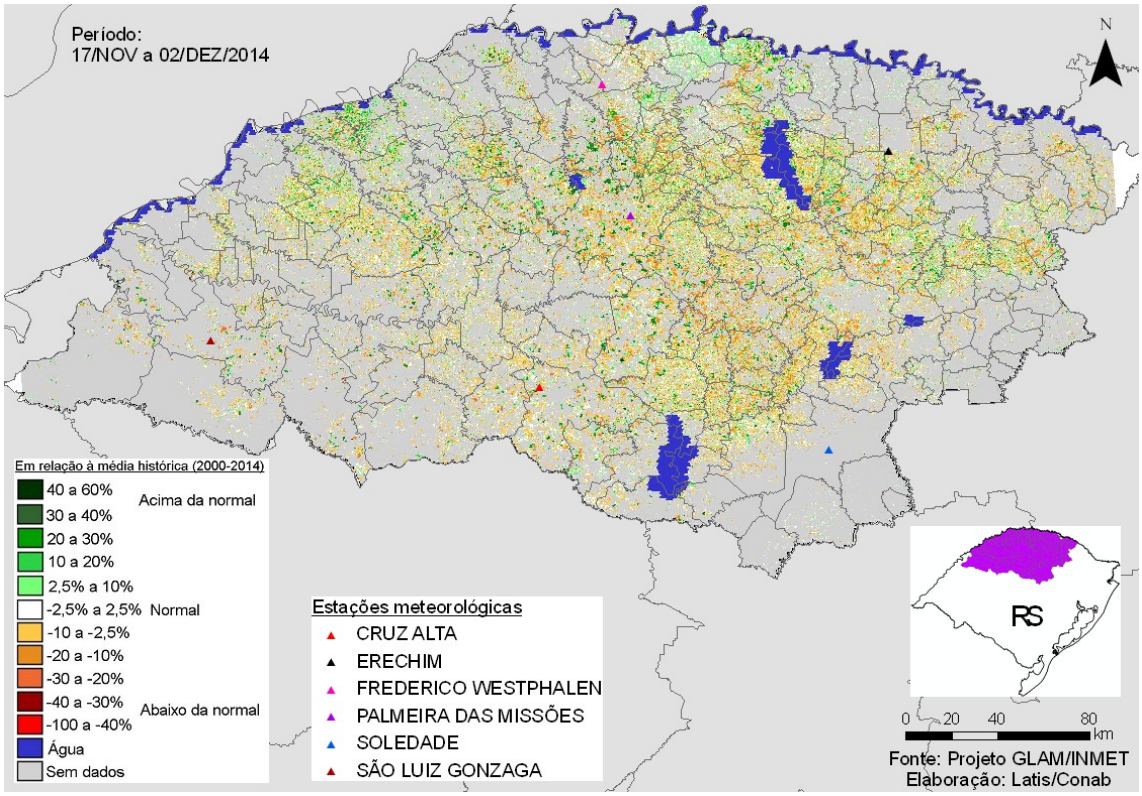
A tabela do gráfico de quantificação de áreas mostra que a atual safra tem 0,2% a menos que a média histórica de áreas com baixo padrão de desenvolvimento. Tem 18,7% a menos de cultivos com médio padrão e tem, também, 18,9% a menos que a média histórica de lavouras com altos valores de IV. São as áreas em verde mais intenso no mapa. A safra atual tem 43,9% de suas lavouras com altos valores de IV contra 65,5% da safra do ano passado, no mesmo período. Em síntese, o cálculo ponderado, integrando todas as faixas de valores de IV e seus respectivos percentuais de lavouras, indica: 8,1% acima da média histórica e 13,7% abaixo da safra passada.

A amostra representada no gráfico de quantificação de áreas pelo valor de IV, indica inferioridade da atual safra em relação ao ano passado, porém, esta diferença se deve ao atraso do plantio deste ano implicando em diferentes percentuais de cobertura foliar nessas duas últimas safras.

No gráfico da evolução temporal, o trecho da linha vermelha com resposta de IV relativamente baixa, no final de outubro, caracteriza o atraso do plantio em decorrência da escassez de chuva na época normal de semeadura. Devido ao excesso de cobertura de nuvens em novembro, os dados de satélite não foram suficientes para traçar os trechos da linha nos dois últimos monitoramentos.

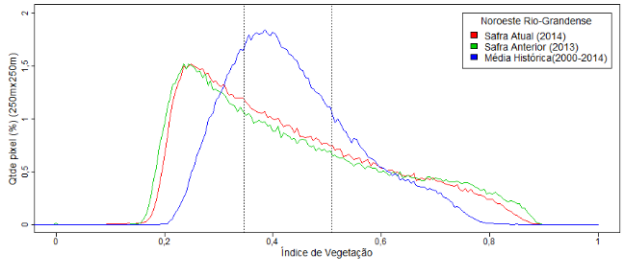
9.4.3. Noroeste Rio-Grandense

Figura 11 – Mapa de anomalia do IV das lavouras de grãos, em relação à média histórica



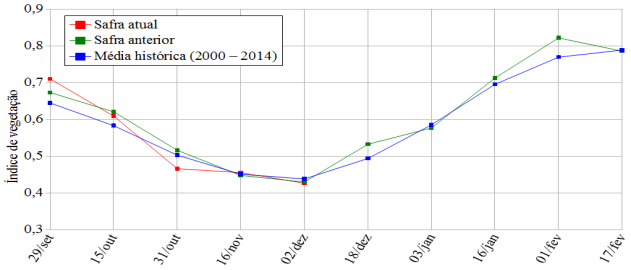
No mapa acima, as cores em verde são principalmente cultivos de verão já com alguma cobertura vegetal e boa resposta do IV. Áreas agrícolas com possível atraso no plantio se mostram em cores amarelo e laranja no mapa. Devido às condições climáticas mais recentes, as lavouras devem seguir, a partir de agora, com padrão normal.

Gráfico 17 - Quantificação de áreas agrícolas pelo valor do IV



Valores de I.V.	0 - 0,3467	0,3467 - 0,5077	0,5077 - 1
Safra Atual (2014)	40.88 %	29.84 %	29.28 %
Safra Anterior (2013)	42.29 %	27.14 %	30.58 %
Média Histórica	25 %	50 %	25 %
Diferença(Safra Atual-Média)	15.88 %	-20.16 %	4.28 %

Gráfico 18 – Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras



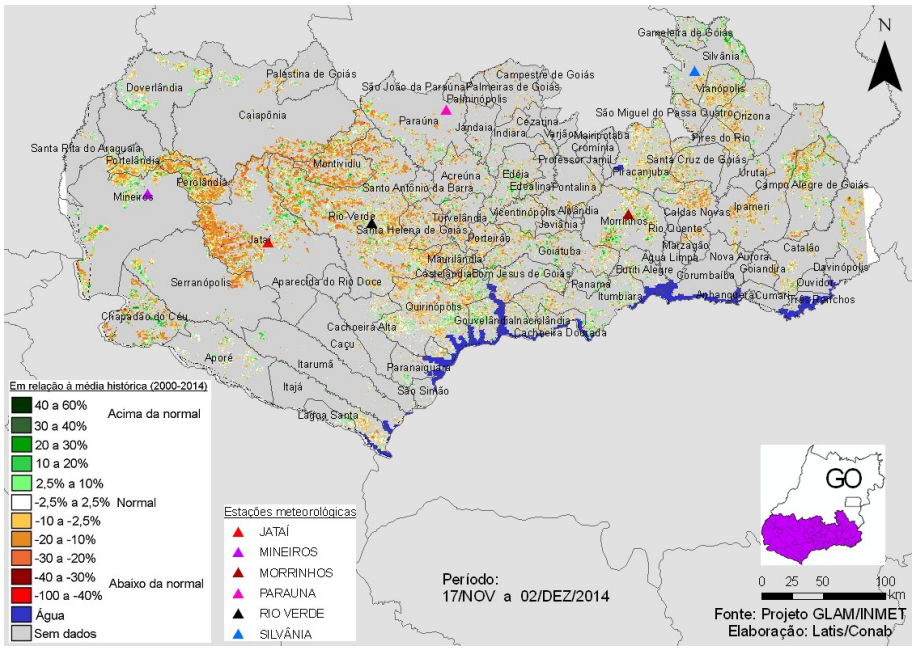
	Alterações percentuais do desenvolvimento das lavouras									
Data (final do período)	29/set	15/out	31/out	16/nov	02/dez	18/dez	03/jan	16/jan	01/fev	17/fev
% Relat média histórica	10	4	-7	1	-3					
% Relat safra anterior	6	-2	-10	2	-1					
Fases – safra verão	P	G/DV	DV	DV/F	F/EG	EG	EG	EG/M	M	M/C

A tabela do gráfico de quantificação de áreas pelo valor do IV mostra que a safra atual tem 15,9% a mais que a média histórica de áreas com baixos valores de IV. São as áreas em laranja no mapa anterior. Tem 20,2% a menos que a média histórica de lavouras com padrão médio de desenvolvimento e 4,3% a mais que a média histórica de lavouras com altos valores de IV. São as áreas em verde no mapa. A safra atual tem 29,3% das lavouras com alta resposta de IV contra 30,6% da safra passada, no mesmo período. Em síntese, o cálculo ponderado integrando todas as faixas de valores de IV e seus respectivos percentuais de lavouras, indica: 3% abaixo da média histórica e 1% abaixo da safra passada.

No gráfico de evolução temporal, a linha vermelha mostra que no final de outubro houve redução do IV em decorrência de fatores climáticos adversos que afetaram as lavouras. Porém, em novembro houve recuperação e, no momento, está praticamente empatado com o padrão da safra do ano passado.

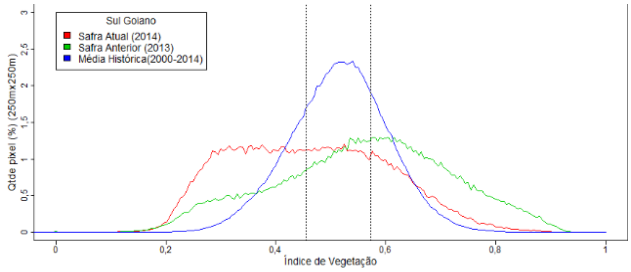
9.4.4. Sul Goiano

Figura 12 – Mapa de anomalia do IV das lavouras de grãos, em relação à média histórica



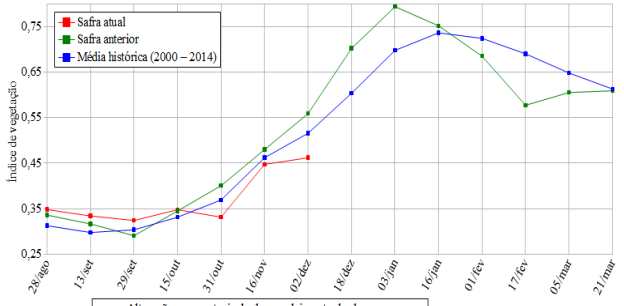
O mapa acima mostra as áreas agrícolas em dois padrões: as áreas em cores amarelo e laranja apresentam ainda baixa cobertura foliar, possivelmente devido ao retardo do plantio pela falta de chuvas na época ideal da semeadura. Em verde são cultivos já com alguma cobertura foliar. As chuvas de novembro permitiram avanço acelerado do plantio das culturas de verão.

Gráfico 19 - Quantificação de áreas agrícolas pelo valor do IV



Valores de I.V.	0 - 0,4552	0,4552 - 0,5721	0,5721 - 1
Safra Atual (2014)	50.14 %	26.19 %	23.67 %
Safra Anterior (2013)	25.83 %	25.81 %	48.36 %
Média Histórica	25 %	50 %	25 %
Diferença(Safra Atual-Média)	25.14 %	-23.81 %	-1.33 %

Gráfico 20 – Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras



	Alterações percentuais do desenvolvimento das lavouras													
Data (final do período)	28/ago	13/set	29/set	15/out	31/out	16/nov	02/dez	18/dez	03/jan	16/jan	01/fev	17/fev	05/mar	21/mar
% Relat média histórica	11	12	6,7	5,0	-10,2	-3,2	**-10,4**							
% Relat safra anterior	4	6	11,5	0,8	-17,3	-6,8	**-17,4**							
Fases – safra verão				P	G/DV	DV	DV/F	F/EG	EG	EG	EG	EG/M	M/C	C

A tabela do gráfico de quantificação de áreas mostra que a atual safra tem 25,1% a mais que a média histórica de áreas com baixo padrão de desenvolvimento. São as áreas em cor laranja no mapa anterior. Tem 23,8% a menos de cultivos com médio padrão e tem, também, 1,3% a menos que a média histórica de lavouras com altos valores de IV. A safra atual tem 23,7% de suas lavouras com altos valores de IV contra 48,4% da safra do ano passado, no mesmo período. Em síntese, o cálculo ponderado, integrando todas as faixas de valores de IV e seus respectivos percentuais de lavouras, indica: 10,4% abaixo da média histórica e 17,4% abaixo da safra passada.

No gráfico da evolução temporal, a linha vermelha mostra que a atual safra vem respondendo em baixa desde o final de outubro. Recuperou um pouco na primeira quinzena de novembro mas voltou a cair no final do mês. É indicativo de que houve atraso de plantio, em especial, da soja.

9.4.5. Sudoeste do Mato Grosso do Sul

O mapa a seguir mostra as áreas agrícolas em dois padrões: em cores amarelo e laranja são áreas que ainda não apresentam expressiva cobertura vegetal, possivelmente devido ao retardo do plantio pela falta de chuvas na época da semeadura e pela necessidade de replantio de algumas áreas. As áreas em verde são cultivos já com alguma cobertura foliar e boa resposta do IV. As chuvas de novembro propiciaram o avanço acelerado do plantio e, em se mantendo boas condições climáticas, poderá normalizar o andamento da atual safra.

Figura 13 – Mapa de anomalia do IV das lavouras de grãos, em relação à média histórica

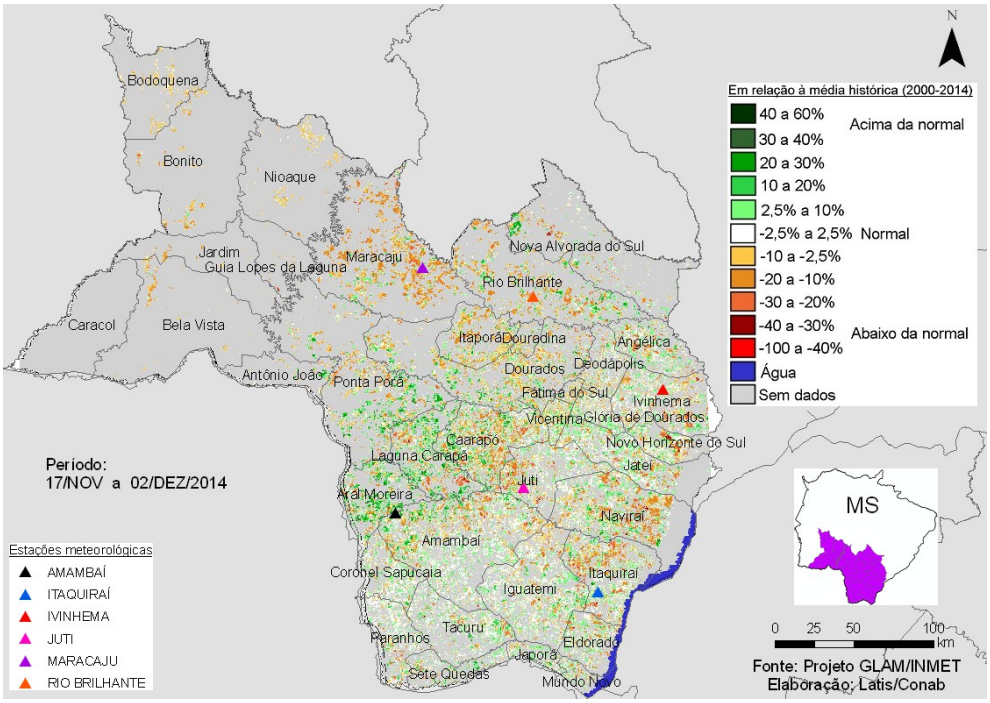
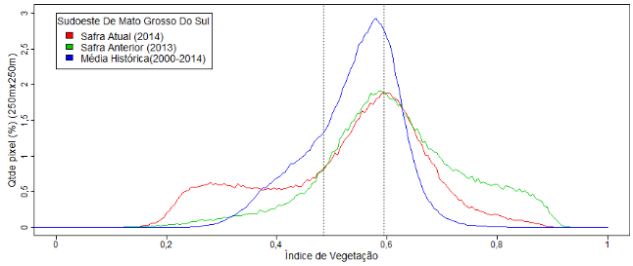
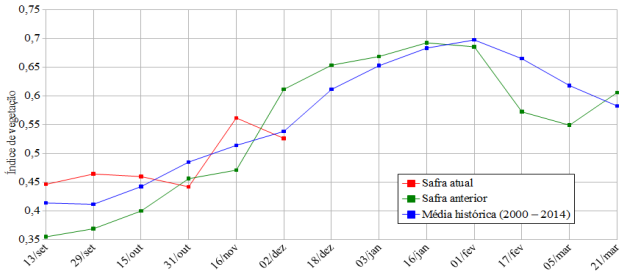


Gráfico 21 - Quantificação de áreas agrícolas pelo valor do IV



Valores de I.V.	0 - 0,4853	0,4853 - 0,5943	0,5943 - 1
Safra Atual (2014)	33.06 %	30.81 %	36.12 %
Safra Anterior (2013)	14.35 %	32.63 %	53.02 %
Média Histórica	25 %	50 %	25 %
Diferença(Safra Atual-Média)	8.06 %	-19.19 %	11.12 %

Gráfico 22 – Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras



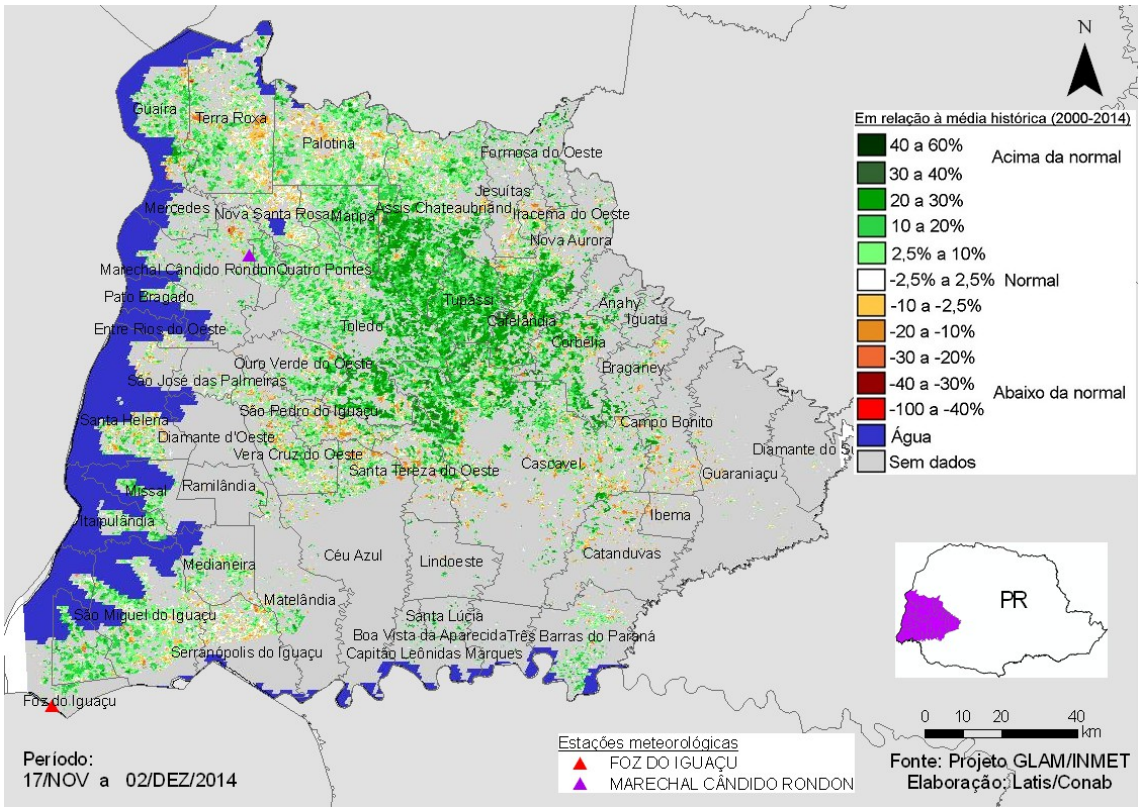
	Alterações percentuais no desenvolvimento das lavouras												
Data (final do período)	13/set	29/set	15/out	31/out	16/nov	02/dez	18/dez	03/jan	16/jan	01/fev	17/fev	05/mar	21/mar
% Relat média histórica	8	13	4	-9	9	-2							
% Relat safra anterior	26	26	15	-3	19	-14							
Fases – safra verão		P	G/DV	DV	DV/F	F/EG	EG	EG	EG	EG/M	M/C	C	

A tabela do gráfico de quantificação de áreas mostra que a atual safra tem 8,1% a mais que a média histórica de áreas com baixo padrão de desenvolvimento. São as áreas em cor laranja no mapa anterior. Tem 19,2% a menos de cultivos com médio padrão e tem, também, 11,1% a mais que a média histórica de lavouras com altos valores de IV. São as áreas em verde mais intenso no mapa. A safra atual tem 36,1% de suas lavouras com altos valores de IV contra 53% da safra do ano passado, no mesmo período. Em síntese, o cálculo ponderado, integrando todas as faixas de valores de IV e seus respectivos percentuais de lavouras, indica: 2% abaixo da média histórica e 14% abaixo da safra passada.

No gráfico da evolução temporal, a linha vermelha mostra variações bruscas do IV. No final de outubro constata-se queda, na primeira quinzena de novembro houve recuperação e no final do mês novamente queda acentuada do padrão de desenvolvimento, caracterizando atraso de plantio e replantio de algumas áreas das culturas de verão.

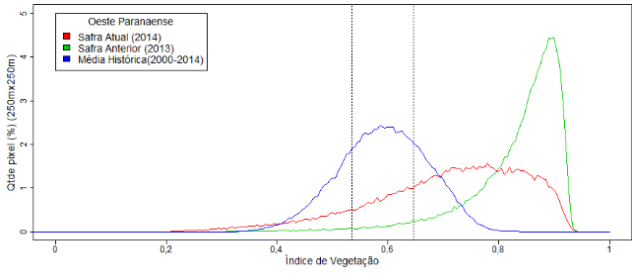
9.4.6. Oeste Paranaense

Figura 14 – Mapa de anomalia do IV das lavouras de grãos, em relação à média histórica



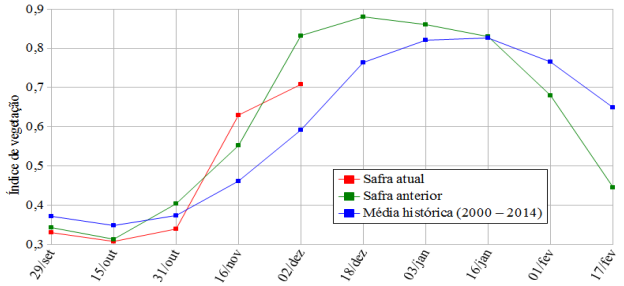
O mapa acima mostra áreas em dois padrões. Em amarelo, laranja e marrom são áreas preparadas que, pela deficiência de água no solo, estariam com o plantio atrasado. Em verde são áreas com padrão acima da média histórica. Entretanto, esse predomínio da anomalia positiva decorre, principalmente, da diferença entre os calendários/ciclos dos cultivares de anos recentes e os da média histórica e, desta forma não implica, até o momento, em aumento de produtividade quando comparada à do ano passado.

Gráfico 23 - Quantificação de áreas agrícolas pelo valor do IV



Valores de I.V.	0 - 0,5356	0,5356 - 0,6466	0,6466 - 1
Safra Atual (2014)	12.22 %	17.27 %	70.51 %
Safra Anterior (2013)	1.47 %	3.09 %	95.44 %
Média Histórica	25 %	50 %	25 %
Diferença(Safra Atual-Média)	-12.78 %	-32.73 %	45.51 %

Gráfico 24 – Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras



	Alterações percentuais do desenvolvimento das lavouras									
Data (final do período)	29/set	15/out	31/out	16/nov	02/dez	18/dez	03/jan	16/jan	01/fev	17/fev
% Relat média histórica	-11	-12	-9	36	**20**					
% Relat safra anterior	-4	-2	-16	14	**-15**					
Fases – safra verão	P	G/DV	DV	DV/F	F/EG	EG	EG	EG/M	M	M/C

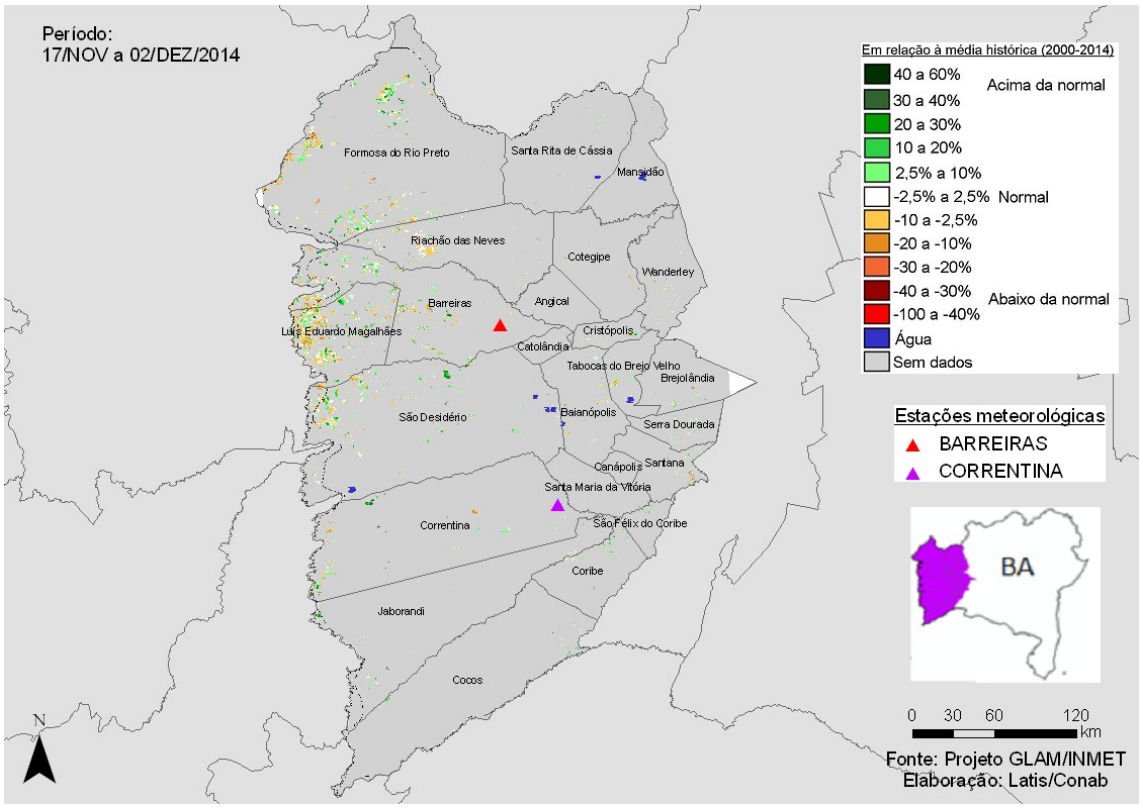
A tabela do gráfico de quantificação de áreas, mostra que a safra atual tem 12,8% a menos que a média histórica de áreas com baixos valores de IV. São as áreas em marrom no mapa anterior. Tem 32,7% a menos de cultivos com padrão médio de

desenvolvimento e tem 45,5% a mais que a média histórica de lavouras com altos valores de IV. São as áreas em verde mais intenso no mapa. A safra atual tem 70,5% de suas lavouras respondendo com altos valores de IV contra 95,4% da safra passada neste mesmo período. Em síntese, o cálculo ponderado integrando todas as faixas de valores de IV e seus respectivos percentuais de lavouras, indica: 20% acima da média histórica e 15% abaixo da safra passada.

No gráfico da evolução temporal, a linha vermelha mostra a safra atual com baixo padrão no final de outubro. No início do mês seguinte constata-se forte recuperação e, na segunda quinzena de novembro voltou a reduzir o padrão de desenvolvimento que, embora ainda acima da média histórica, responde bem abaixo do padrão do ano passado.

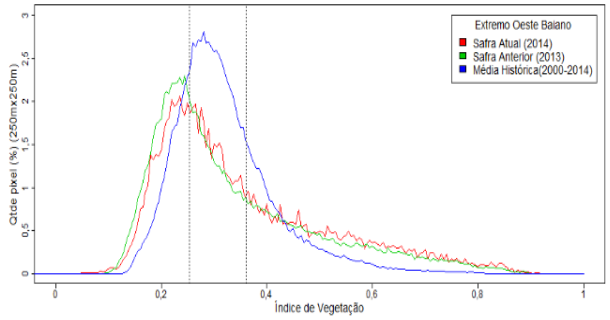
9.4.7. Oeste Baiano

Figura 15 – Mapa de anomalia do IV das lavouras de grãos, em relação à média histórica



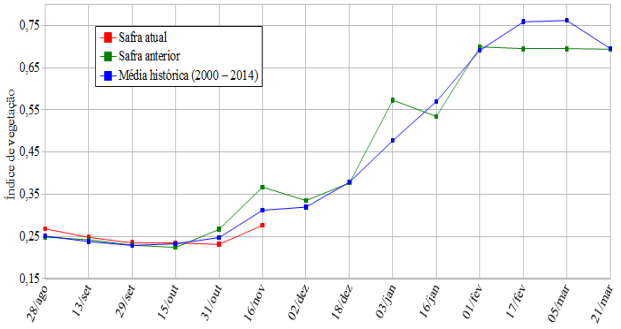
O excesso de cobertura de nuvens no período do monitoramento reduziu a extensão das áreas mapeadas pelas imagens de satélite. O mapa acima mostra as áreas visualizadas pelas imagens, em dois padrões. Em amarelo, laranja e marrom são áreas preparadas para a semeadura da safra de verão, que, pela deficiência de água no solo, estão com o plantio atrasado. Em verde, principalmente na parte norte da região, são áreas onde possivelmente o clima foi mais favorável e já apresentam cobertura foliar com relativamente alto IV. Essas duas aparentes anomalias (positiva e negativa) decorrem, também, da diferença entre os calendários/ciclos dos cultivares de anos recentes e os da média histórica e, desta forma, não implicam, até o momento, em quebra ou aumento de produtividade.

Gráfico 25 - Quantificação de áreas agrícolas pelo valor do IV



Valores de I.V.	0 - 0,2538	0,2538 - 0,3607	0,3607 - 1
Safra Atual (2014)	33.37 %	29.84 %	36.79 %
Safra Anterior (2013)	39.86 %	27.64 %	32.5 %
Média Histórica	25 %	50 %	25 %
Diferença(Safra Atual-Média)	8.37 %	-20.16 %	11.79 %

Gráfico 26 – Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras



	Alterações percentuais do desenvolvimento das lavouras												
Data (final do período)	28/ago	13/set	29/set	15/out	31/out	16/nov	02/dez	18/dez	03/jan	16/jan	01/fev	17/fev	05/mar	21/mar
% Relat média histórica	7	4	2,8	0,7	-6,5	-11,4								
% Relat safra anterior	8	2	2,5	4,6	-13,3	-24,6								
Fases – safra verão				P	G/DV	DV	DV/F	F/EG	EG	EG	EG	EG/M	M/C	C

A tabela do gráfico de quantificação de áreas, mostra que a safra atual tem 8,4% a mais que a média histórica de áreas com baixos valores de IV. São as áreas em marrom no mapa anterior. Tem 20,2% a menos de cultivos com padrão médio de desenvolvimento e tem 11,8% a mais que a média histórica de lavouras com altos valores de IV. São as áreas em verde mais intenso no mapa. A safra atual tem 36,8% de suas lavouras respondendo com altos valores de IV contra 32,5% da safra passada neste mesmo período. Em síntese, o cálculo ponderado integrando todas as faixas de valores de IV e seus respectivos percentuais de lavouras, indica: 11,3% acima da média histórica e 6,1% acima da safra passada.

No gráfico da evolução temporal, a linha vermelha mostra a safra atual com baixo padrão já no final de outubro. Em novembro a queda relativa às safras anteriores foi ainda maior. É indicativo de atraso no plantio da safra de verão. O excesso de cobertura de nuvens não possibilitou a obtenção de dados suficientes para o cálculo e traçado do trecho deste último monitoramento.

– Fonte: USDA / NASA / UMD - Projeto GLAM – http://pekko.geog.umd.edu/usda/test.

10. Análise das culturas

10.1. Culturas de verão

10.1.1. Algodão

A cotonicultura é um segmento agrícola que requer alto investimento, consequentemente, são os produtores mais tecnificados, responsáveis pela maior parte da produção brasileira. Como o consumo interno não tem muita variação ao longo dos anos (média de 922,8 mil toneladas nas últimas 15 safras), o produtor é, de certa forma, refém da demanda externa, o que requer um cuidadoso planejamento na área a ser plantada. Neste contexto, as cotações agrícolas são fatores determinantes para a tomada de decisão da área a ser plantada.

Por outro lado, um fator determinante para se firmar como um produtor de algodão é ter controle de várias etapas da produção, desde o plantio até a separação da fibra e do caroço. Isso faz com que o produtor agregue valor ao produto e, em razão do alto investimento, permaneça na cadeia produtiva, mesmo quando se é necessário reduzir em parte a área plantada. A maior volatilidade entre produzir algodão ou apostar em outras culturas como milho e soja, acontece, na sua maior parte, com produtores que não possuem esta estrutura de processamento.

Apesar da capilaridade da cultura, cultivada em 15 estados, cerca de 85% da área plantada de algodão está concentrada em Mato Grosso e Bahia. Particularmente a cultura se desenvolve em regiões onde a agricultura já está consolidada e solos com alta fertilidade, isso acaba concentrando as regiões produtoras. No Mato Grosso, seis municípios detêm aproximadamente 55% da área plantada do estado.

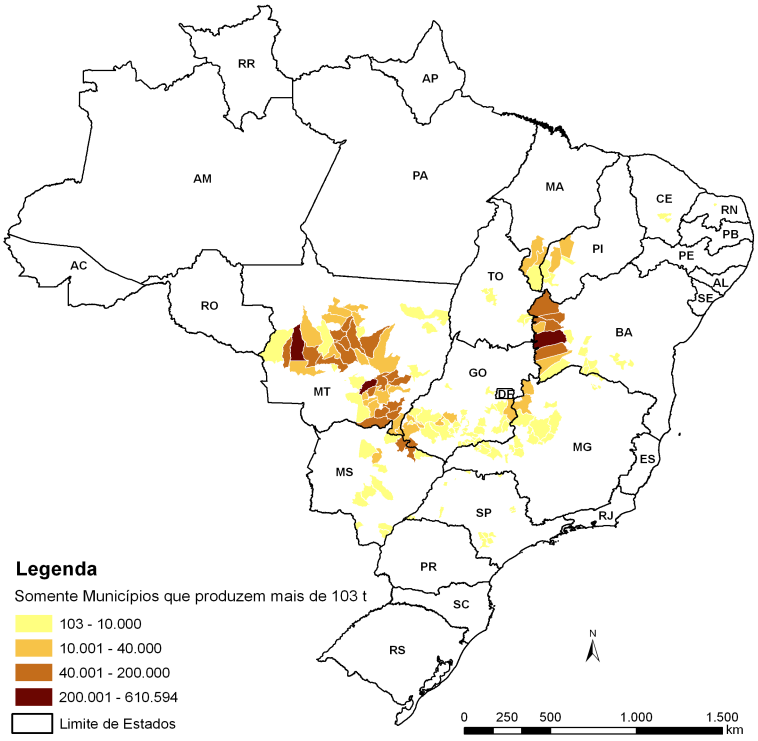
Outro ponto importante a ser abordado neste estado é a migração para o cultivo de algodão segunda safra. Produtores têm apostado no cultivo de variedade de soja superprecoces, com ciclo inferior a 100 dias, com plantio subsequente do algodão. Além da vantagem de evitar a alta pressão da ferrugem-asiática, principal doença da soja, e ter produto disponível no mercado, quando as cotações não foram influenciadas pela grande produção do estado, os produtores se valem de um período ideal para o plantio. Além de alcançar produtividade bem próxima do algodão primeira safra (cerca de 5% menor), ainda evita que o período de abertura do capulho não coincida com o período chuvoso, o que permite uma fibra de melhor qualidade. Esse ano, o atraso do plantio da soja pode comprometer a janela de plantio do algodão segunda safra, o que poderá fazer com que os produtores optem por plantar a cultura na primeira safra.

O Mato Grosso desenvolveu uma cotonicultura sólida nós últimos anos e se tornou líder no processo produtivo brasileiro, sendo responsável por 57% da produção brasileira de algodão em caroço. O peso que este estado possui na composição total da produção brasileira faz com que qualquer variação reflita na oferta de algodão do país. O plantio ocorre em dezembro (primeira safra) e janeiro (segunda safra) e a expectativa é de retração na área plantada.

A área de algodão no Mato Grosso para a safra 2014/15 está estimada em 562,7 mil hectares, com produtividade estimada de 3.870 kg/ha, a qual poderá sofrer alteração em função das condições climáticas no desenvolvimento da cultura.

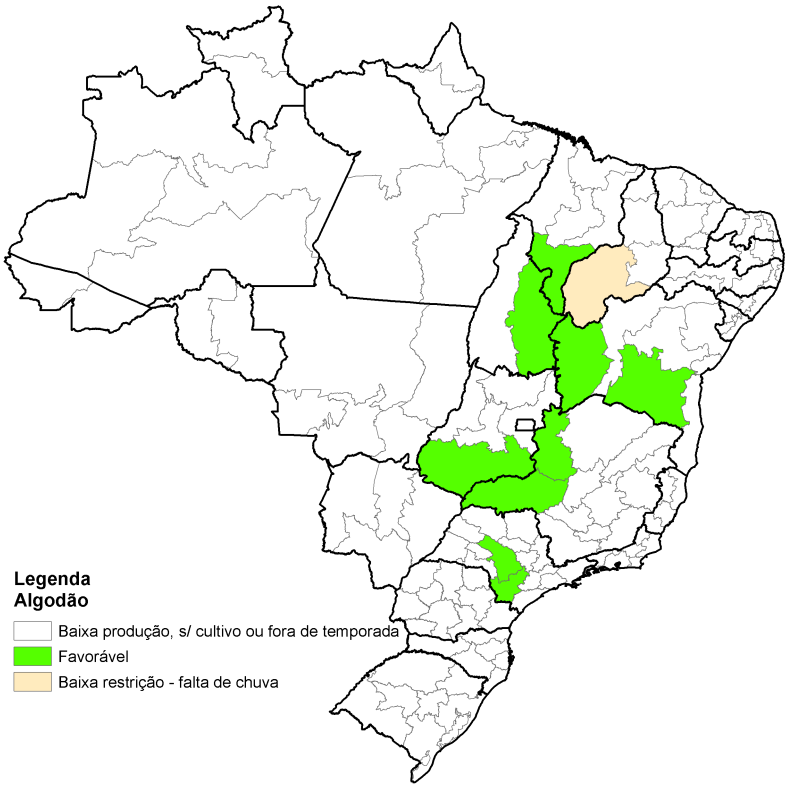
A Bahia, segundo maior produtor nacional, deve ocupar na safra atual 293,8 mil hectares, uma redução estimada de 8% sobre a área cultivada na safra passada. Essa redução, assim como no restante do país, está relacionada ao alto volume dos estoques mundiais, que por consequência, impactou negativamente no preço da pluma. A produtividade média estimada é de 3.920 kg/ha.

Figura 16 – Mapa da produção agrícola – Algodão



Fonte: Conab/IBGE.

Figura 17 – Condição hídrica geral nos principais estados produtores do Brasil em novembro de 2014.



Fonte: Conab.

Tabela 8 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases* em novembro

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas favoráveis (C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Algodão	- leste do TO (P) - partes do sudoeste do PI (P) - partes do oeste e centro sul da BA (P) - partes do sul do MA (P) - oeste de MG (PP) - centro leste de SP (DV) - sul de GO (P)			- partes do sudoeste do PI (P) - partes do oeste e centro sul da BA (P)

Legenda: *(PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab.

Em Mato Grosso do Sul a região norte concentra as maiores áreas a serem cultivadas com algodão. Nessa região em específico, assim como no Mato Grosso, o plantio ocorre em dezembro (algodão primeira safra) e janeiro (algodão segunda safra). Na região centro-sul do estado é cultivado somente o algodão primeira safra, com início da semeadura, caso haja umidade suficiente no solo, previsto para o final de novembro, se estendendo até meados de dezembro.

Em Goiás a estimativa é que a área sofra redução de até 11,5%, podendo chegar 47,4 mil hectares. Segundo as informações inicialmente levantadas, a redução ocorrerá na área de algodão primeira safra, devido à redução nos preços pagos ao produtor, que hoje se encontram abaixo do preço mínimo, além de problemas com pragas, como o bicudo, que elevaram os custos de produção. Caso haja melhora nos preços, os produtores devem optar por um plantio maior de algodão segunda safra. Devido à alta tecnologia empregada na cultura, a produtividade estimada é de 3.990 kg/ha.

Quadro 1 – Calendário de plantio e colheita – Algodão

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
TO			P	P	P				C	C		
Nordeste												
MA			P	P	P				C	C	C	C
PI			P	P	P				C	C	C	C
CE				P	P	P			C	C	C	
RN	C			P	P	P			C	C	C	C
PB	C				P	P	P	P	C	C	C	C
PE	C	C			P	P	P	P	P	C	C	C
AL	C						P	P	P			C
BA		P	P	P	P			C	C	C	C	C
Centro-Oeste												
MT			P	P					C	C	C	C
MS		P	P	P			C	C	C	C	C	
GO		P	P	P					C	C	C	
Sudeste												
MG		P	P	P			C	C	C	C	C	
SP	P	P	P		C	C	C	C	C	C		
Sul												
PR	P	P	P			C	C	C				

Legenda: **P** - Plantio; **C** - Colheita; **P/C** - Plantio e colheita.

Fonte: Conab.

Tabela 9 – Comparativo de área, produtividade e produção – Algodão em caroço

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14 (a)	Safra 14/15 (b)	VAR. % (b/a)	Safra 13/14 (c)	Safra 14/15 (d)	VAR. % (d/c)	Safra 13/14 (e)	Safra 14/15 (f)	VAR. % (f/e)
NORTE	**4,8**	**4,5**	**(6,3)**	**4.020**	**3.810**	**(5,2)**	**19,3**	**17,1**	**(11,4)**
TO	4,8	4,5	(6,3)	4.020	3.810	(5,2)	19,3	17,1	(11,4)
NORDESTE	**352,8**	**332,4**	**(5,8)**	**3.872**	**3.915**	**1,1**	**1.366,2**	**1.301,5**	**(4,7)**
MA	18,6	22,9	23,0	4.140	4.125	(0,4)	77,0	94,5	22,7
PI	12,1	13,0	7,5	4.125	4.020	(2,5)	49,9	52,3	4,8
CE	1,8	1,8	-	780	651	(16,5)	1,4	1,2	(14,3)
RN	0,4	0,4	-	3.810	3.810	-	1,5	1,5	-
PB	0,1	0,1	-	660	622	(5,8)	0,1	0,1	-
PE	0,3	0,3	-	540	512	(5,2)	0,2	0,2	-
AL	0,1	0,1	-	480	490	2,1	-	-	-
BA	319,4	293,8	(8,0)	3.870	3.920	1,3	1.236,1	1.151,7	(6,8)
CENTRO-OESTE	**734,2**	**643,5**	**(12,4)**	**3.974**	**3.896**	**(2,0)**	**2.917,6**	**2.507,0**	**(14,1)**
MT	643,1	562,7	(12,5)	3.960	3.870	(2,3)	2.546,7	2.177,6	(14,5)
MS	37,5	33,4	(10,9)	4.275	4.200	(1,8)	160,3	140,3	(12,5)
GO	53,6	47,4	(11,5)	3.930	3.990	1,5	210,6	189,1	(10,2)
SUDESTE	**28,9**	**23,1**	**(20,1)**	**3.443**	**3.580**	**4,0**	**99,5**	**82,7**	**(16,9)**
MG	20,9	19,3	(7,7)	3.469	3.600	3,8	72,5	69,5	(4,1)
SP	8,0	3,8	(52,5)	3.375	3.480	3,1	27,0	13,2	(51,1)
SUL	**0,9**	**0,9**	**-**	**2.375**	**2.179**	**(8,3)**	**2,1**	**2,0**	**(4,8)**
PR	0,9	0,9	-	2.375	2.179	(8,3)	2,1	2,0	(4,8)
NORTE/NORDESTE	**357,6**	**336,9**	**(5,8)**	**3.874**	**3.914**	**1,0**	**1.385,5**	**1.318,6**	**(4,8)**
CENTRO-SUL	**764,0**	**667,5**	**(12,6)**	**3.952**	**3.883**	**(1,8)**	**3.019,2**	**2.591,7**	**(14,2)**
BRASIL	**1.121,6**	**1.004,4**	**(10,4)**	**3.927**	**3.893**	**(0,9)**	**4.404,7**	**3.910,3**	**(11,2)**

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2014.

Tabela 10 – Comparativo de área, produtividade e produção – Algodão em pluma

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14 (a)	Safra 14/15 (b)	VAR. % (b/a)	Safra 13/14 (c)	Safra 14/15 (d)	VAR. % (d/c)	Safra 13/14 (e)	Safra 14/15 (f)	VAR. % (f/e)
NORTE	**4,8**	**4,5**	**(6,3)**	**1.548**	**1.467**	**(5,2)**	**7,4**	**6,6**	**(10,8)**
TO	4,8	4,5	(6,3)	1.548	1.467	(5,2)	7,4	6,6	(10,8)
NORDESTE	**352,8**	**332,4**	**(5,8)**	**1.515**	**1.532**	**1,1**	**534,6**	**509,3**	**(4,7)**
MA	18,6	22,9	23,0	1.635	1.629	(0,4)	30,4	37,3	22,7
PI	12,1	13,0	7,5	1.629	1.588	(2,5)	19,7	20,6	4,6
CE	1,8	1,8	-	273	228	(16,5)	0,5	0,4	(20,0)
RN	0,4	0,4	-	1.448	1.448	-	0,6	0,6	-
PB	0,1	0,1	-	231	218	(5,6)	-	-	-
PE	0,3	0,3	-	189	179	(5,3)	0,1	0,1	-
AL	0,1	0,1	-	168	172	2,4	-	-	-
BA	319,4	293,8	(8,0)	1.513	1.533	1,3	483,3	450,3	(6,8)
CENTRO-OESTE	**734,2**	**643,5**	**(12,4)**	**1.569**	**1.539**	**(1,9)**	**1.152,2**	**990,1**	**(14,1)**
MT	643,1	562,7	(12,5)	1.564	1.529	(2,2)	1.005,9	860,2	(14,5)
MS	37,5	33,4	(10,9)	1.689	1.659	(1,8)	63,3	55,4	(12,5)
GO	53,6	47,4	(11,5)	1.548	1.572	1,6	83,0	74,5	(10,2)
SUDESTE	**28,9**	**23,1**	**(20,1)**	**1.349**	**1.398**	**3,6**	**39,0**	**32,3**	**(17,2)**
MG	20,9	19,3	(7,7)	1.353	1.404	3,8	28,3	27,1	(4,2)
SP	8,0	3,8	(52,5)	1.333	1.375	3,2	10,7	5,2	(51,4)
SUL	**0,9**	**0,9**	**-**	**889**	**778**	**(12,5)**	**0,8**	**0,7**	**(12,5)**
PR	0,9	0,9	-	903	828	(8,3)	0,8	0,7	(12,5)
NORTE/NORDESTE	**357,6**	**336,9**	**(5,8)**	**1.516**	**1.531**	**1,0**	**542,0**	**515,9**	**(4,8)**
CENTRO-SUL	**764,0**	**667,5**	**(12,6)**	**1.560**	**1.533**	**(1,7)**	**1.192,0**	**1.023,1**	**(14,2)**
BRASIL	**1.121,6**	**1.004,4**	**(10,4)**	**1.546**	**1.532**	**(0,9)**	**1.734,0**	**1.539,0**	**(11,2)**

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2014.

Tabela 11 – Comparativo de área, produtividade e produção – Caroço de algodão

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14 (a)	Safra 14/15 (b)	VAR. % (b/a)	Safra 13/14 (c)	Safra 14/15 (d)	VAR. % (d/c)	Safra 13/14 (e)	Safra 14/15 (f)	VAR. % (f/e)
NORTE	**4,8**	**4,5**	**(6,3)**	**2.472**	**2.343**	**(5,2)**	**11,9**	**10,5**	**(11,8)**
TO	4,8	4,5	(6,3)	2.472	2.343	(5,2)	11,9	10,5	(11,8)
NORDESTE	**352,8**	**332,4**	**(5,8)**	**2.357**	**2.383**	**1,1**	**831,5**	**791,9**	**(4,8)**
MA	18,6	22,9	23,0	2.505	2.496	(0,4)	46,6	57,1	22,5
PI	12,1	13,0	7,5	2.496	2.432	(2,6)	30,2	31,6	4,6
CE	1,8	1,8	-	507	423	(16,6)	0,9	0,8	(11,1)
RN	0,4	0,4	-	2.362	2.362	-	0,9	0,9	-
PB	0,1	0,1	-	429	404	(5,8)	-	-	-
PE	0,3	0,3	-	351	333	(5,1)	0,1	0,1	-
AL	0,1	0,1	-	312	319	2,2	-	-	-
BA	319,4	293,8	(8,0)	2.357	2.387	1,3	752,8	701,4	(6,8)
CENTRO-OESTE	**734,2**	**643,5**	**(12,4)**	**2.404**	**2.357**	**(2,0)**	**1.765,4**	**1.517,0**	**(14,1)**
MT	643,1	562,7	(12,5)	2.396	2.341	(2,3)	1.540,7	1.317,5	(14,5)
MS	37,5	33,4	(10,9)	2.586	2.541	(1,7)	97,0	84,9	(12,5)
GO	53,6	47,4	(11,5)	2.382	2.418	1,5	127,7	114,6	(10,3)
SUDESTE	**28,9**	**23,1**	**(20,1)**	**2.096**	**2.181**	**4,1**	**60,5**	**50,4**	**(16,7)**
MG	20,9	19,3	(7,7)	2.116	2.196	3,8	44,2	42,4	(4,1)
SP	8,0	3,8	(52,5)	2.042	2.105	3,1	16,3	8,0	(50,9)
SUL	**0,9**	**0,9**	**-**	**1.473**	**1.351**	**(8,3)**	**1,3**	**1,2**	**(7,7)**
PR	0,9	0,9	-	1.473	1.351	(8,3)	1,3	1,2	(7,7)
NORTE/NORDESTE	**357,6**	**336,9**	**(5,8)**	**2.359**	**2.382**	**1,0**	**843,4**	**802,4**	**(4,9)**
CENTRO-SUL	**764,0**	**667,5**	**(12,6)**	**2.392**	**2.350**	**(1,8)**	**1.827,2**	**1.568,6**	**(14,2)**
BRASIL	**1.121,6**	**1.004,4**	**(10,4)**	**2.381**	**2.361**	**(0,8)**	**2.670,6**	**2.371,0**	**(11,2)**

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2014.

10.1.1.1. Oferta e demanda

A terceira pesquisa de levantamento da safra 2014/15 realizada pela Conab aponta para uma produção de 1.539,1 mil toneladas de pluma, indicando, dessa forma, uma redução em valores absolutos de 195,3 mil toneladas ou 11,2% em termos percentuais em comparação à safra precedente. Cabe destacar que a justificativa para esse declínio na produção é abalizada pela elevada oferta mundial, cuja produção nos últimos cinco anos safra superou as quantidades demandadas pela indústria de fiação, fato que acarretou crescimento exagerado dos montantes de pluma estocada e consequente redução dos preços internacionais e domésticos dessa commoditie.

A Conab manteve inalteradas suas projeções de consumo, exportação e importação para o ano 2015. Dessa feita, nenhuma mudança nessas variáveis é observada no atual quadro de oferta e demanda. Vale destacar que até novembro foram efetivamente embarcadas 638,75 mil toneladas de pluma, de um total previsto de 705 mil toneladas.

Desse modo, a atual configuração do quadro de suprimento estimado para 2015 passa a ser a seguinte: oferta total do produto (estoque inicial + produção + importação) de 2.076,6 mil toneladas, enquanto que a demanda total (consumo interno + exportação) de 1.550 mil toneladas.

Com a redução da produção a previsão de estoque de passagem para o encerramento de 2015 passa a ser de 526,6 mil toneladas de pluma, ou seja, quantidade suficiente para abastecer a indústria nacional e honrar compromissos de exportação por um período ligeiramente superior a quatro meses.

10.1.2. Amendoim

10.1.2.1. Amendoim primeira safra

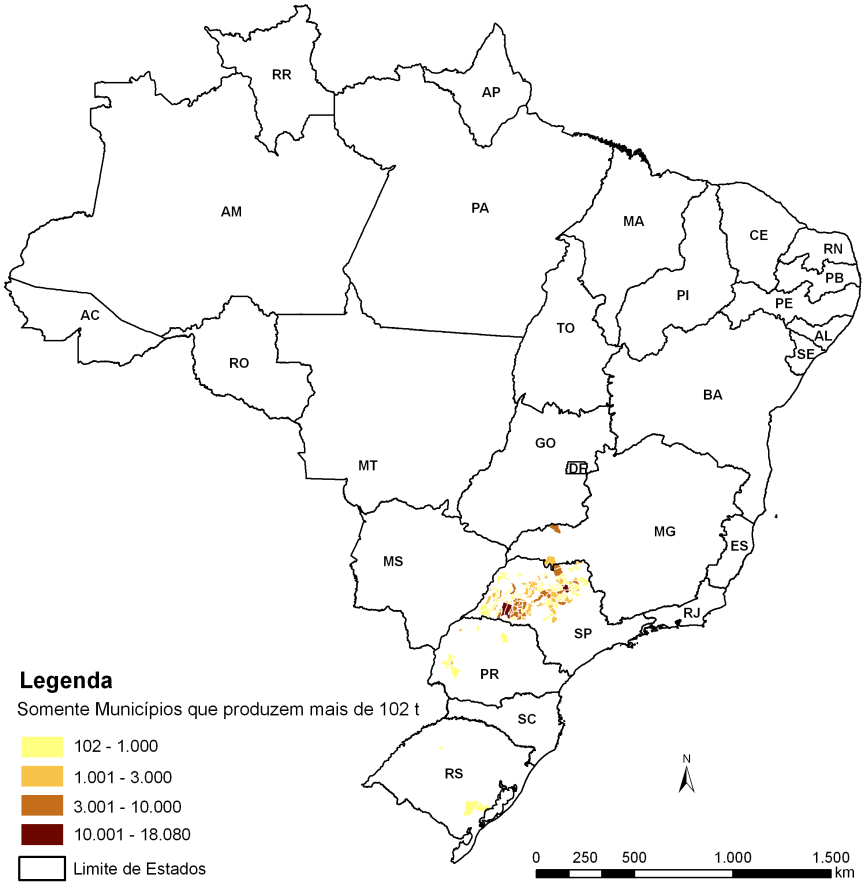
Quadro 2 – Calendário de plantio e colheita – Amendoim primeira safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sudeste												
MG			P	P	P	C	C	C				
SP	P	P	P	C	C	C	C					P
Sul												
PR	P	P		C	C	C	C					P
RS	P	P	P		C	C	C					

Legenda: **P** - Plantio; **C** - Colheita; **P/C** - Plantio e colheita.

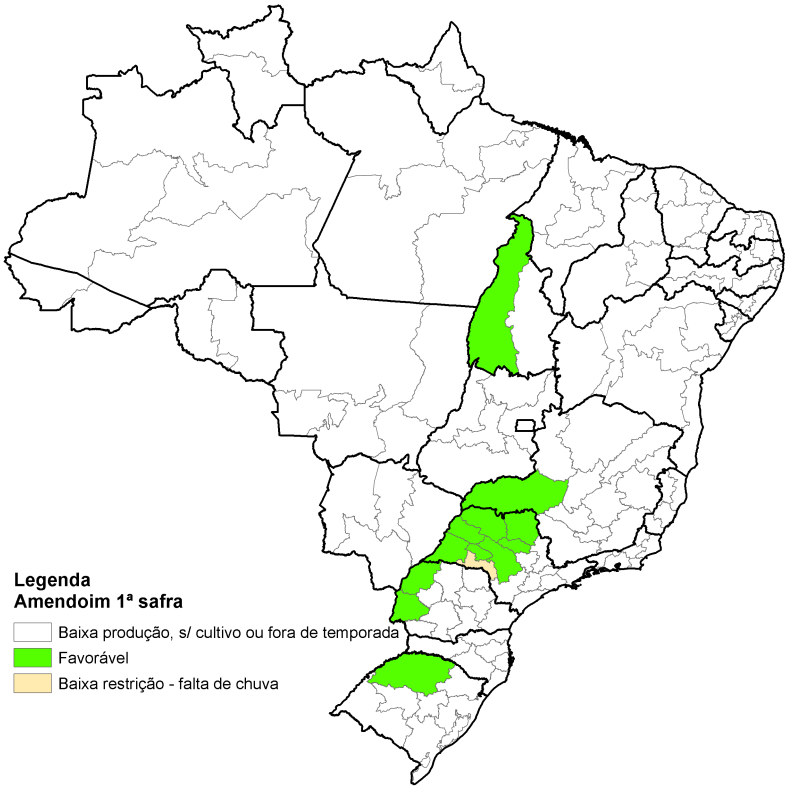
Fonte: Conab.

Figura 18 – Mapa da produção agrícola – Amendoim primeira safra



Fonte: Conab/IBGE.

Figura 19 – Condição hídrica geral nos principais estados produtores do Brasil em novembro de 2014.



Fonte: Conab.

Tabela 12 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases* em novembro

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas favoráveis (C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Amendoim 1ª safra	- oeste do TO (DV) - Triângulo MG (DV/F) - centro-oeste de SP, exceto partes do sul (DV/F) - noroeste do RS, exceto regiões pontuais principalmente ao sul (DV) - oeste e noroeste do PR, exceto regiões pontuais (DV/F)			- partes do sul de SP (DV/F) - regiões pontuais principalmente ao sul do noroeste do RS (DV)** - regiões pontuais do oeste e noroeste do PR (G/DV)**

Legenda: *(PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.
Fonte: Conab.

Tabela 13 – Comparativo de área, produtividade e produção – Amendoim primeira safra

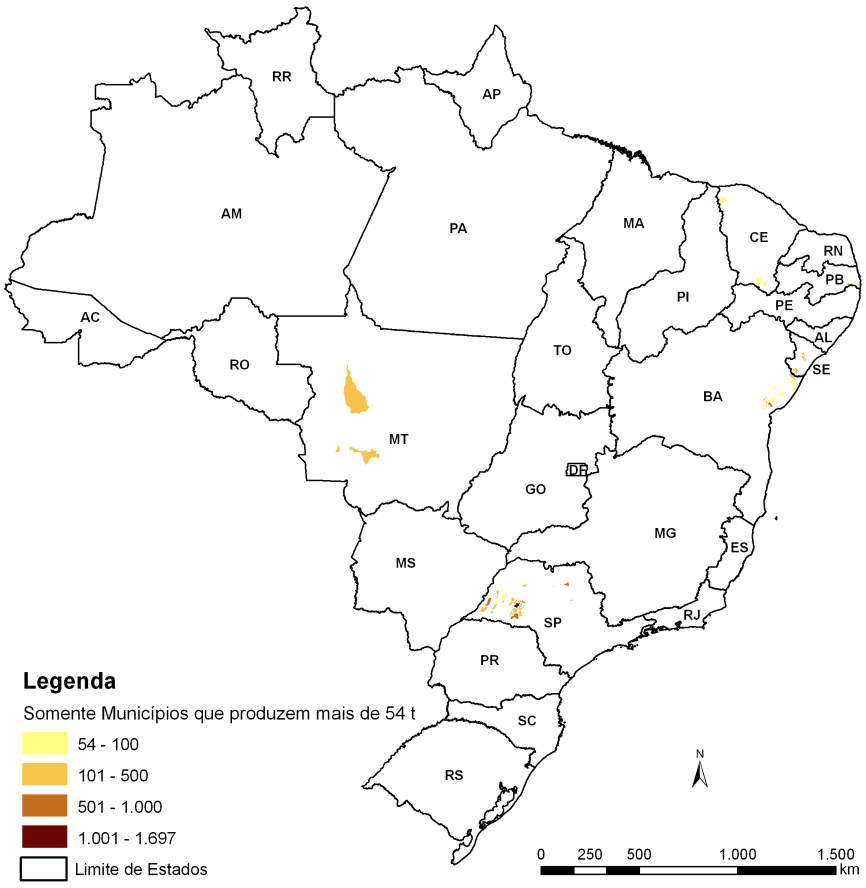
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14 (a)	Safra 14/15 (b)	VAR. % (b/a)	Safra 13/14 (c)	Safra 14/15 (d)	VAR. % (d/c)	Safra 13/14 (e)	Safra 14/15 (f)	VAR. % (f/e)
SUDESTE	**88,8**	**87,0**	**(2,0)**	**3.162**	**3.761**	**19,0**	**280,8**	**327,2**	**16,5**
MG	2,6	2,8	7,7	3.680	3.680	-	9,6	10,3	7,3
SP	86,2	84,2	(2,3)	3.146	3.764	19,6	271,2	316,9	16,9
SUL	**5,4**	**5,2**	**(3,7)**	**1.998**	**2.053**	**2,7**	**10,8**	**10,7**	**(0,9)**
PR	2,2	2,1	(2,8)	2.408	2.513	4,4	5,3	5,3	-
RS	3,2	3,1	(1,6)	1.716	1.741	1,5	5,5	5,4	(1,8)
CENTRO-SUL	**94,2**	**92,2**	**(2,1)**	**3.095**	**3.665**	**18,4**	**291,6**	**337,9**	**15,9**
BRASIL	**94,2**	**92,2**	**(2,1)**	**3.095**	**3.665**	**18,4**	**291,6**	**337,9**	**15,9**

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2014.

10.1.2.2. Amendoim segunda safra

Figura 20 – Mapa da produção agrícola – Amendoim segunda safra



Fonte: Conab/IBGE.

Quadro 3 – Calendário de plantio e colheita – Amendoim segunda safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
TO				P	P		C	C				
Nordeste												
CE				P	P	P		C	C	C		
PB							P	P			C	C
SE		P	P			C	C					
BA		P	P			C	C					
Centro-Oeste												
MT					P	P		C	C			
Sudeste												
SP				P	P	P	P	C	C	C	C	

Legenda: **P** - Plantio; **C** - Colheita; **P/C** - Plantio e colheita.

Fonte: Conab.

Tabela 14 – Comparativo de área, produtividade e produção – Amendoim segunda safra

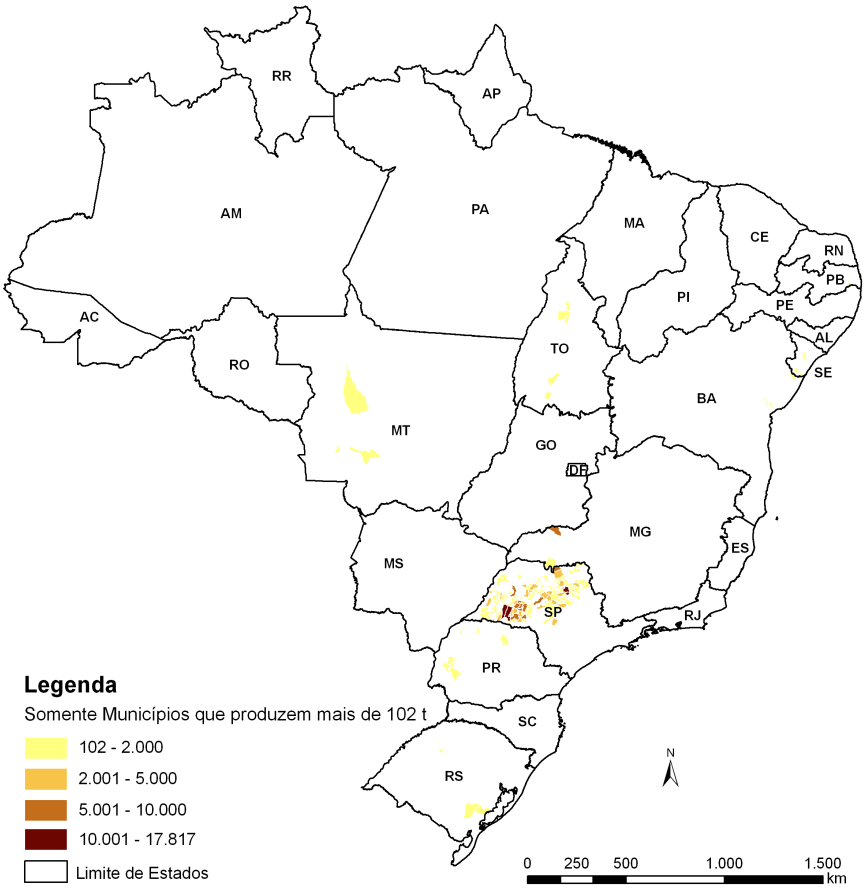
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14 (a)	Safra 14/15 (b)	VAR. % (b/a)	Safra 13/14 (c)	Safra 14/15 (d)	VAR. % (d/c)	Safra 13/14 (e)	Safra 14/15 (f)	VAR. % (f/e)
NORTE	**0,8**	**2,5**	**212,5**	**3.556**	**3.753**	**5,5**	**2,8**	**9,4**	**235,7**
TO	0,8	2,5	214,8	3.556	3.753	5,5	2,8	9,4	235,7
NORDESTE	**3,9**	**3,9**	**-**	**1.215**	**783**	**(35,6)**	**4,8**	**3,1**	**(35,4)**
CE	1,0	1,0	-	1.154	139	(88,0)	1,2	0,1	(91,7)
PB	0,3	0,3	-	319	550	72,4	0,1	0,2	100,0
SE	1,3	1,3	-	1.740	1.220	(29,9)	2,3	1,6	(30,4)
BA	1,3	1,3	-	945	895	(5,3)	1,2	1,2	-
CENTRO-OESTE	**0,4**	**0,4**	**-**	**2.500**	**2.632**	**5,3**	**1,0**	**1,1**	**10,0**
MT	0,4	0,4	-	2.500	2.632	5,3	1,0	1,1	10,0
SUDESTE	**6,0**	**6,0**	**-**	**2.600**	**2.674**	**2,8**	**15,6**	**16,0**	**2,6**
SP	6,0	6,0	-	2.600	2.674	2,8	15,6	16,0	2,6
NORTE/NORDESTE	**4,7**	**6,4**	**36,2**	**1.804**	**1.943**	**7,7**	**7,6**	**12,5**	**64,5**
CENTRO-SUL	**6,4**	**6,4**	**-**	**2.594**	**2.671**	**3,0**	**16,6**	**17,1**	**3,0**
BRASIL	**11,1**	**12,8**	**15,3**	**2.179**	**2.307**	**5,9**	**24,2**	**29,6**	**22,3**

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2014.

10.1.2.3. Amendoim total

Figura 21 – Mapa da produção agrícola – Amendoim total (primeira e segunda safras)



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 15 – Comparativo de área, produtividade e produção – Amendoim total (primeira e segunda safras)

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14 (a)	Safra 14/15 (b)	VAR. % (b/a)	Safra 13/14 (c)	Safra 14/15 (d)	VAR. % (d/c)	Safra 13/14 (e)	Safra 14/15 (f)	VAR. % (f/e)
NORTE	**0,8**	**2,5**	**212,5**	**3.556**	**3.753**	**5,5**	**2,8**	**9,4**	**235,7**
TO	0,8	2,5	212,5	3.556	3.753	5,5	2,8	9,4	235,7
NORDESTE	**3,9**	**3,9**	**-**	**1.215**	**783**	**(35,6)**	**4,8**	**3,1**	**(35,4)**
CE	1,0	1,0	-	1.154	139	(88,0)	1,2	0,1	(91,7)
PB	0,3	0,3	-	319	550	72,4	0,1	0,2	100,0
SE	1,3	1,3	-	1.740	1.220	(29,9)	2,3	1,6	(30,4)
BA	1,3	1,3	-	945	895	(5,3)	1,2	1,2	-
CENTRO-OESTE	**0,4**	**0,4**	**-**	**2.500**	**2.632**	**5,3**	**1,0**	**1,1**	**10,0**
MT	0,4	0,4	-	2.500	2.632	5,3	1,0	1,1	10,0
SUDESTE	**94,8**	**93,0**	**(1,9)**	**3.126**	**3.691**	**18,1**	**296,4**	**343,2**	**15,8**
MG	2,6	2,8	7,7	3.680	3.680	-	9,6	10,3	7,3
SP	92,2	90,2	(2,2)	3.110	3.691	18,7	286,8	332,9	16,1
SUL	**5,4**	**5,2**	**(3,7)**	**1.998**	**2.053**	**2,7**	**10,8**	**10,7**	**(0,9)**
PR	2,2	2,1	(4,5)	2.408	2.513	4,4	5,3	5,3	-
RS	3,2	3,1	(3,1)	1.716	1.741	1,5	5,5	5,4	(1,8)
NORTE/NORDESTE	**4,7**	**6,4**	**36,2**	**1.614**	**1.943**	**20,4**	**7,6**	**12,5**	**64,5**
CENTRO-SUL	**100,6**	**98,6**	**(2,0)**	**3.063**	**3.600**	**17,5**	**308,2**	**355,0**	**15,2**
BRASIL	**105,3**	**105,0**	**(0,3)**	**2.998**	**3.499**	**16,7**	**315,8**	**367,5**	**16,4**

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2014.

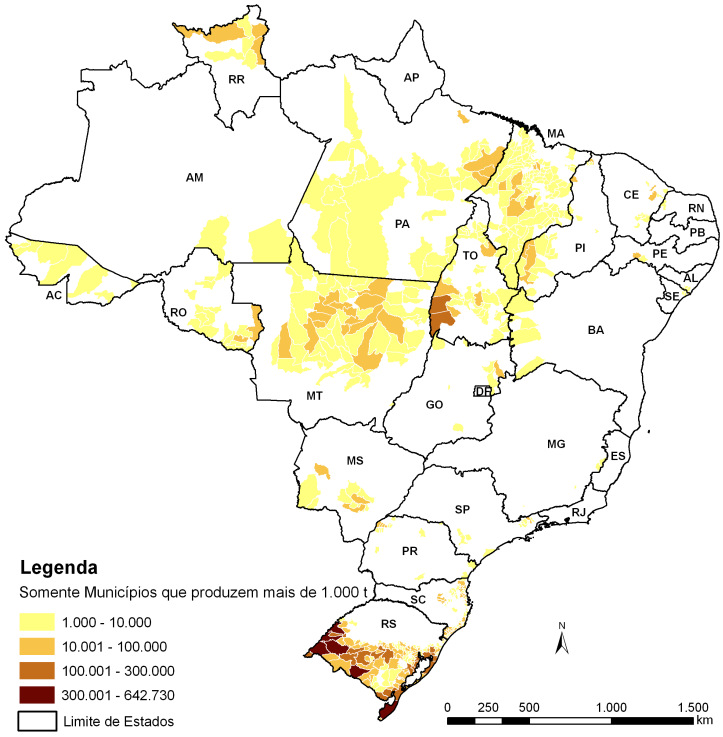
10.1.3. Arroz

O levantamento de safra de arroz aponta para um decréscimo de área plantada de 0,6% em relação à safra 2013/14. No Rio Grande do Sul, onde se registra a maior área plantada do país, esta permanece praticamente inalterada para a safra 2014/15, sendo que há expectativa de que a produção atinja os 8.289,9 mil toneladas, representando um incremento de 2,2% em relação à safra passada. Esse aumento na produção ocorre em função de uma expectativa de melhor produtividade em relação à safra passada.

Em Santa Catarina o plantio do arroz já está encerrado, e o desempenho apresentado pela lavoura durante o desenvolvimento vegetativo está se realizando dentro de um quadro de normalidade. A produtividade catarinense está estimada em 7.150 kg/ha, com um crescimento de 0,6% ao comparar-se com a safra 2013/14. Segundo os informantes a área de plantio terá uma redução de 1,5% em relação à safra anterior, sendo que a redução se deve em função da utilização de áreas para o cultivo de outras culturas, como milho, hortifrutigranjeiro, maracujá, mandioca, entre outras. Os produtores estão otimistas quanto à nova safra, especialmente devido aos preços praticados no mercado do arroz, que estão acima dos preços mínimos do governo federal.

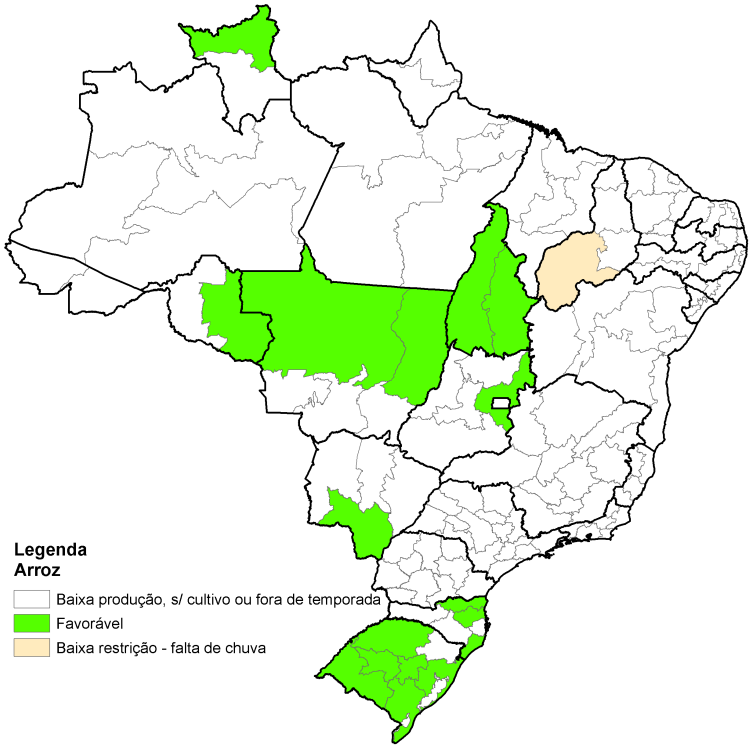
A Região Centro-Oeste aponta crescimento na área de 2,6%, bem como na produção de 1,8%. Apesar de que a cultura, sob o ponto de vista econômico, é pouco expressiva na região, alguns municípios possuem áreas novas e de pastagens que estão sendo reconvertidas para a produção de grãos e o arroz é a lavoura que primeiro se apropria dessa mudança.

Figura 22 – Mapa da produção agrícola – Arroz



Fonte: Conab/IBGE.

Figura 23 – Condição hídrica geral para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil em novembro de 2014



Fonte: Conab.

Tabela 16 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases* em novembro

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas favoráveis (C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Arroz	- leste de RO (P) - norte de RR (DV) (irrigado) - oeste do TO (DV) (irrigado) - leste do TO (DV) - partes do sudoeste do PI (G/DV) - nordeste e sudeste de SC (P/G/DV) (irrigado) - todo estado do RS (G) (irrigado) - sudoeste do MS, exceto regiões pontuais (DV) - norte de MT, exceto regiões pontuais (DV) - leste de GO (DV)			- partes do sudoeste do PI (G/DV) - regiões pontuais do sudoeste do MS (DV)** - regiões pontuais do norte do MT (DV)**

Legenda: *(PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.
Fonte: Conab.

Na Região Norte o plantio da lavoura de sequeiro ocorre, na sua grande maioria, associando baixos níveis tecnológicos com as adversidades climáticas frequentes e atendem mais às circunstâncias de subsistência, uma vez que os mercados locais são literalmente invadidos por produtos de melhor qualidade e preços competitivos, oriundos de outras regiões do país. Em Tocantins, principal estado produtor, o plantio do arroz já está encerrado, e o desempenho apresentado pela lavoura durante o desenvolvimento vegetativo está se realizando dentro de um quadro de normalidade. A expectativa de crescimento da área de soja na próxima safra favoreceu o incremento da área plantada estimada da lavoura do arroz em 2,8% em relação à safra anterior.

Quadro 4 – Calendário de plantio e colheita – Arroz

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RR										C		
RO	P	P	P		C	C	C					
AC	P	P	P	C	C	C	C					
AM				C	C	C	C					
AP								C	C	C		
PA					C	C	C	C	C	C		
TO	P	P	P	C	C	C	C	C	C			
Nordeste												
MA		P	P	P	P/C	C	C	C	C	C	C	
PI		P	P	P	P	C	C	C	C	C		
CE				P	P	P	P	P/C	C	C	C	
RN		C	C	P/C	P			C	C	P/C	P/C	C
PB				P	P			C	C	C	C	
PE						P	P	C	C	C	C	C
AL												C
SE										C	C	
BA	P	P	P		C	C	C	C	C			
Centro-Oeste												
MT	P	P	P	C	C	C	C	C				
MS	P	P	P	C	C	C	C					
GO	P	P	P			C	C	C				
Sudeste												
MG	P	P	P			C	C	C				
ES				C	C	C	C					
RJ				C	C	C	C	C				
SP	P	P	P	C	C	C	C	C				P
Sul												
PR	P	P	P	C	C	C	C	C				P
SC	P	P		C	C	C	C	C			P	P
RS	P	P	P		C	C	C	C				P

Legenda: **P** - Plantio; **C** - Colheita; **P/C** - Plantio e colheita.
Fonte: Conab.

Na Região Nordeste, a despeito da existência de áreas de plantio irrigado, o clima bastante irregular aponta queda na área plantada de 1,4%. A produção regional apresenta decréscimo de 14,5% em relação à safra 2013/14.

Com esse cenário, o levantamento realizado pela Conab aponta para uma queda na área plantada com arroz de 0,6%, saindo de 2.372,9 mil hectares para os atuais 2.359,5 mil hectares, gerando uma produção de 12.209,3 mil toneladas, que representa um incremento de 0,7% em relação ao resultado da safra passada.

Tabela 17 – Comparativo de área, produtividade e produção – Arroz

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14 (a)	Safra 14/15 (b)	VAR. % (b/a)	Safra 13/14 (c)	Safra 14/15 (d)	VAR. % (d/c)	Safra 13/14 (e)	Safra 14/15 (f)	VAR. % (f/e)
NORTE	**268,9**	**270,9**	**0,7**	**3.597**	**3.770**	**4,8**	**967,2**	**1.021,2**	**5,6**
RR	12,0	15,0	25,0	6.500	6.709	3,2	78,0	100,6	29,0
RO	48,5	44,7	(7,8)	2.819	2.874	2,0	136,7	128,5	(6,0)
AC	7,5	7,1	(4,7)	1.201	1.370	14,1	9,0	9,7	7,8
AM	3,4	3,4	-	2.261	2.288	1,2	7,7	7,8	1,3
AP	2,0	2,0	-	1.218	1.255	3,0	2,4	2,5	4,2
PA	81,6	81,6	-	2.326	2.398	3,1	189,8	195,7	3,1
TO	113,9	117,1	2,8	4.773	4.922	3,1	543,6	576,4	6,0
NORDESTE	**539,5**	**531,7**	**(1,4)**	**1.695**	**1.471**	**(13,3)**	**914,6**	**782,0**	**(14,5)**
MA	389,1	379,4	(2,5)	1.692	1.371	(19,0)	658,4	520,2	(21,0)
PI	105,9	107,9	1,9	1.400	1.160	(17,1)	148,3	125,2	(15,6)
CE	22,1	22,1	-	1.436	2.417	68,3	31,7	53,4	68,5
RN	1,5	1,5	-	3.074	3.215	4,6	4,6	4,8	4,3
PB	1,2	1,2	-	817	837	2,4	1,0	1,0	-
PE	0,7	0,7	-	6.923	7.098	2,5	4,8	5,0	4,2
AL	3,1	3,1	-	5.858	5.987	2,2	18,2	18,6	2,2
SE	7,1	7,1	-	5.570	5.701	2,4	39,5	40,5	2,5
BA	8,8	8,7	(1,7)	920	1.530	66,3	8,1	13,3	64,2
CENTRO-OESTE	**229,8**	**235,7**	**2,6**	**3.543**	**3.518**	**(0,7)**	**814,1**	**829,1**	**1,8**
MT	176,3	184,9	4,9	3.285	3.210	(2,3)	579,1	593,5	2,5
MS	15,5	21,2	36,8	6.150	6.150	-	95,3	130,4	36,8
GO	38,0	29,6	(22,0)	3.677	3.553	(3,4)	139,7	105,2	(24,7)
SUDESTE	**34,8**	**27,0**	**(22,4)**	**2.485**	**2.800**	**12,7**	**86,5**	**75,6**	**(12,6)**
MG	19,4	12,0	(38,1)	2.020	2.350	16,3	39,2	28,2	(28,1)
ES	0,5	0,5	-	2.557	2.806	9,7	1,3	1,4	7,7
RJ	0,9	0,9	-	3.476	3.492	0,5	3,1	3,1	-
SP	14,0	13,6	(2,9)	3.063	3.151	2,9	42,9	42,9	-
SUL	**1.299,9**	**1.294,2**	**(0,4)**	**7.185**	**7.342**	**2,2**	**9.339,2**	**9.501,4**	**1,7**
PR	29,7	27,1	(8,8)	5.356	5.683	6,1	159,1	154,0	(3,2)
SC	150,1	147,9	(1,5)	7.110	7.150	0,6	1.067,2	1.057,5	(0,9)
RS	1.120,1	1.119,2	(0,1)	7.243	7.407	2,3	8.112,9	8.289,9	2,2
NORTE/NORDESTE	**808,4**	**802,6**	**(0,7)**	**2.328**	**2.247**	**(3,5)**	**1.881,8**	**1.803,2**	**(4,2)**
CENTRO-SUL	**1.564,5**	**1.556,9**	**(0,5)**	**6.545**	**6.684**	**2,1**	**10.239,8**	**10.406,1**	**1,6**
BRASIL	**2.372,9**	**2.359,5**	**(0,6)**	**5.108**	**5.174**	**1,3**	**12.121,6**	**12.209,3**	**0,7**

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2014.

10.1.3.1. Oferta e demanda

Nos últimos dados disponibilizados pela Secex/MDIC, em outubro de 2014, foram importadas 93,6 mil toneladas de arroz, sendo apenas 38,1 mil toneladas oriundas de terceiros mercados não pertencentes ao Mercosul. Até a presente data, 8 de dezembro, não foram disponibilizados os dados referentes a novembro e por esse motivo, outubro é a proxy utilizada na análise em questão. Esses números demonstraram uma leve

expansão do fluxo de produtos adquiridos no mercado externo em relação ao último ano. Em outubro de 2013, essas aquisições foram de 44,8 mil toneladas, sendo 0,8 mil provenientes de outros países não pertencentes ao Mercosul. Sobre as exportações, estas tiveram uma significativa retração, passando de 134,1 mil toneladas em outubro de 2013 para 83,1 mil toneladas em outubro de 2014.

Acerca do fluxo comercial internacional consolidado do período comercial 2013/14, obteve-se um superavit de 245,1 mil toneladas, sendo o montante exportado igual a 1.210,8 mil toneladas e o montante importado igual a 965,5 mil toneladas. No atual período comercial 2014/15, de março a outubro de 2014, observou-se um superavit no montante de 174,2 mil toneladas. Com estes resultados somada a desvalorização do Real e a diminuição da oferta nacional do grão, estima-se que – para o período safra 2013/14 – a balança comercial do arroz encerre com um superavit de 200 mil toneladas, sendo as exportações estimadas em 1.200 mil toneladas e as importações em 1.000 mil toneladas.

Para a atual safra brasileira 2013/14 de arroz, a produção média deverá ser 2,9% superior em relação à safra 2012/13, atingindo 12.161,7 mil toneladas. Esse aumento de produção ocorre principalmente devido à expansão de área em face do elevado patamar de preços do produto. Sobre o estoque de passagem, na safra 2012/13, o volume consolidado em 28 de fevereiro de 2014 fechou em 1.082,1 mil toneladas em face do baixo volume apurado no levantamento de estoques privados (496,1 mil toneladas) e do reduzido estoque em poder do governo federal (586 mil toneladas). Com esses resultados, o consumo da safra 2012/13 é estimado em 12,6 milhões de toneladas. Para a comercialização da safra 2013/14, o consumo é estimado em 12 milhões de toneladas, o que, em conjunto com um amena redução do superavit em relação ao período anterior, resultará em uma expansão do estoque de passagem para 1.043,8 mil toneladas.

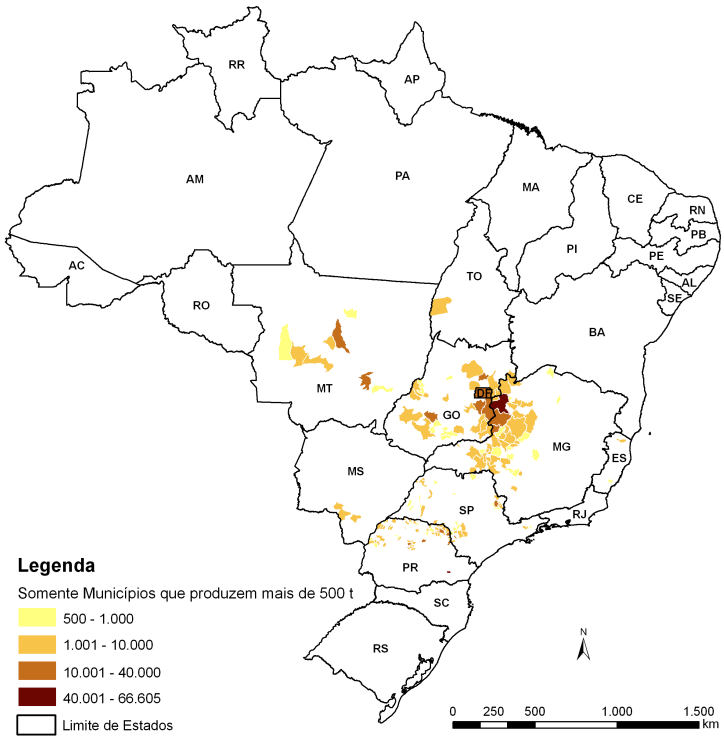
Finalmente, para a próxima safra brasileira de arroz 2014/15, a projeção média da produção deverá ser 0,7% superior em relação à safra 2013/14, atingindo 12.209,3 mil toneladas. Esse aumento de produção ocorre principalmente devido ao bom patamar de preços e às boas condições atuais de plantio na Região Sul. Logo, com a manutenção do consumo, da exportação e da importação igual ao da safra atual, projeta-se um estoque de passagem de 1.053,1 mil toneladas.

10.1.4. Feijão

10.1.4.1. Feijão primeira safra

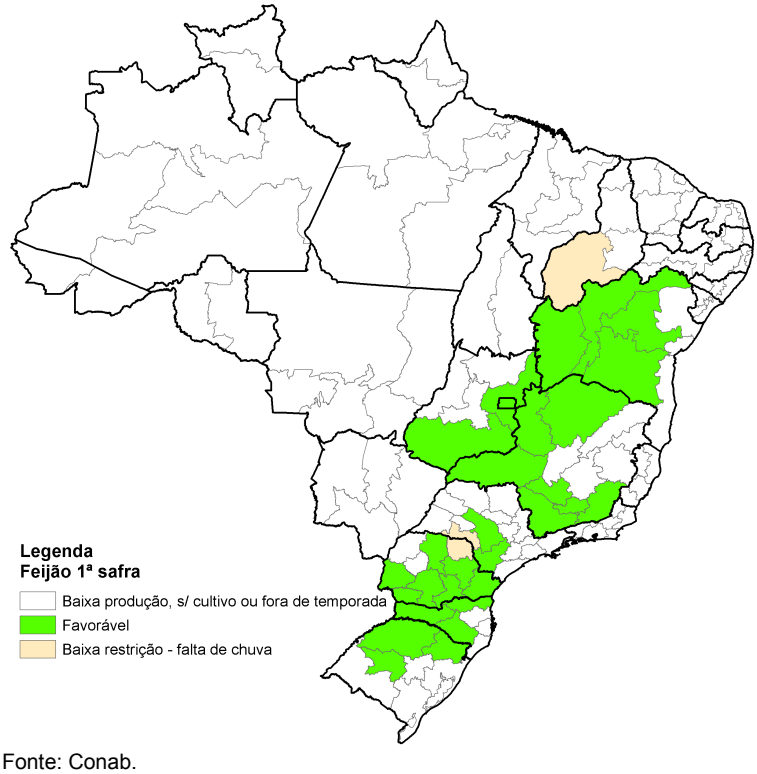
A maior parte do volume da produção de feijão primeira safra é produzida na Região Centro-Sul. Considerando a safra 2013/14, este volume da região é quase 87% da produção total, destacando-se Paraná, Minas Gerais, Goiás, Santa Catarina e São Paulo, mesmo ocupando apenas 56,5% das áreas cultivadas com a cultura. A área de feijão primeira safra está estimada para este terceiro levantamento em 1,07 milhão de hectares, o que configura um decréscimo de 9,6% em relação à safra passada. A maioria dos principais estados produtores indica a tendência de plantios em áreas menores do que às cultivadas na safra anterior. A comercialização instável e os riscos climáticos aliados à cultura, somados à atratividade de outras culturas concorrentes, como soja e milho, derrubam uma maior intenção dos produtores em todo país, nesta temporada. Aproximadamente 29,33% da área plantada com feijão primeira safra está na Região Sul, considerando a safra 2013/14, com destaque para o Paraná, 20,16% na Região Sudeste, destacando Minas Gerais e São Paulo, 7,03% na Região Centro-Oeste, com destaque para Goiás e 43,13% na Região Nordeste, com destaque para a Bahia e Piauí.

Figura 24 – Mapa da produção agrícola – Feijão primeira safra



Fonte: Conab/IBGE.

Figura 25 – Condição hídrica geral para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil em novembro de 2014



Fonte: Conab.

Tabela 18 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases* em novembro

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas favoráveis (C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Feijão 1ª safra	- partes do sudoeste do PI (DV) - partes do centro e oeste da BA (P) - todo estado de MG (DV) - partes do sul de SP (FR) - todo estado do PR, exceto regiões pontuais principalmente a oeste, nordeste e centro leste (DV/F) - oeste, norte e sul de SC (DV/F) - norte e centro do RS, exceto regiões pontuais (DV/F) - sul e leste de GO (DV/F) - DF (DV/F)			- partes do sudoeste do PI (DV) - partes do centro e oeste da BA (P) - partes do sul de SP (FR) - regiões pontuais no estado do PR principalmente a oeste, nordeste e centro leste (DV/F)** - regiões pontuais no norte e centro do RS (DV/F)**

Legenda: *(PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.
Fonte: Conab.

No Paraná, que produziu 32,12% da produção nacional na safra anterior, deverá ocorrer um decréscimo na área de 18,8% nas estimativas atuais, com o cultivo chegando a 193,4 mil hectares. Os altos riscos inerentes à produção de feijão, somados às dificuldades na comercialização, têm pesado na hora de decidir o que plantar. O plantio já foi finalizado e a cultura encontra-se na maioria, nas fases de desenvolvimento vegetativo, floração e frutificação.

Em Minas Gerais, o segundo maior produtor de feijão primeira safra (16,7% do volume total na safra anterior), ao contrário do ocorrido em safras passadas, os levantamentos iniciais projetam neste ano uma retração de 11% na área de plantio do feijão primeira safra, que deve ficar em 159,1 mil hectares, visto que, além dos riscos climáticos e da melhor competitividade dos mercados de milho e soja, a cultura vem exigindo rígido controle, oneroso e difícil, contra os crescentes ataques de mosca branca. Com o atraso no início do período chuvoso, estima-se que cerca de 60% da área foi plantada. O plantio se intensificou no final de novembro e se estenderá até meados de dezembro. Mesmo estimando-se uma produtividade média de 1.235 kg/ha, superior em 5,6% à obtida na safra passada, a produção deverá sofrer uma redução de 6,1%, ficando em 196,5 mil toneladas.

Quadro 5 – Calendário de plantio e colheita – Feijão primeira safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
TO		P	P	P	P/C	C	C	C				
Nordeste												
PI		P	P			C	C					
BA	P	P	P	P/C	C	C	C	C				
Centro-Oeste												
MT	P	P	P	C	C	C	C					
MS	P	P		C	C							
GO	P	P	P	C	C	C						
DF	P	P	P		C	C						
Sudeste												
MG	P	P	P/C	C	C	C						
ES		P	P	C	C	C						
RJ	P	P	C	C	C							
SP	P	P/C	C	C	C							P
Sul												
PR	P	P	C	C	C						P	P
SC	P	P	C	C	C	C	C					P
RS	P	P	C	C	C	C	C				P	P

Legenda: **P** - Plantio; **C** - Colheita; **P/C** - Plantio e colheita.
Fonte: Conab.

Caso se confirme a tendência dos dados apurados, a produção nacional para o feijão da primeira safra é estimada em 1,07 milhão de toneladas, representando um decréscimo de 14,9% em relação à safra passada. A área a ser plantada, bem como sua produtividade, poderá sofrer ajustes no decorrer do período, dependendo do comportamento do clima e dos preços no mercado, uma vez que o plantio do feijão primeira safra, dependendo da região, normalmente ocorre até meados de dezembro. Para o feijão segunda e terceira safras, em função do calendário de plantio e da metodologia aplicada nas estimativas, foram repetidas as áreas da safra anterior e aplicado um rendimento médio, baseado na análise estatística da série histórica das safras anteriores.

Tabela 19 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14 (a)	Safra 14/15 (b)	VAR. % (b/a)	Safra 13/14 (c)	Safra 14/15 (d)	VAR. % (d/c)	Safra 13/14 (e)	Safra 14/15 (f)	VAR. % (f/e)
NORTE	**4,0**	**4,4**	**10,0**	**629**	**621**	**(1,3)**	**2,5**	**2,7**	**8,0**
TO	4,0	4,4	10,0	629	621	(1,3)	2,5	2,7	8,0
NORDESTE	**518,2**	**505,6**	**(2,4)**	**326**	**320**	**(1,6)**	**168,8**	**161,9**	**(4,1)**
MA	40,8	38,4	(5,8)	430	464	7,9	17,5	17,8	1,7
PI	209,0	209,0	-	242	224	(7,4)	50,6	46,8	(7,5)
BA	268,4	258,2	(3,8)	375	377	0,5	100,7	97,3	(3,4)
CENTRO-OESTE	**81,8**	**61,9**	**(24,3)**	**2.225**	**2.092**	**(6,0)**	**182,1**	**129,4**	**(28,9)**
MT	11,9	11,9	-	1.590	1.591	0,1	18,9	18,9	-
MS	2,1	1,7	(19,0)	930	1.600	72,0	2,0	2,7	35,0
GO	55,8	36,3	(34,9)	2.315	2.144	(7,4)	129,2	77,8	(39,8)
DF	12,0	12,0	-	2.665	2.500	(6,2)	32,0	30,0	(6,3)
SUDESTE	**234,6**	**205,1**	**(12,6)**	**1.389**	**1.375**	**(1,0)**	**325,8**	**281,9**	**(13,5)**
MG	178,8	159,1	(11,0)	1.170	1.235	5,6	209,2	196,5	(6,1)
ES	6,5	6,7	3,1	777	768	(1,2)	5,1	5,1	-
RJ	1,1	1,1	-	895	903	0,9	1,0	1,0	-
SP	48,2	38,2	(20,7)	2.293	2.077	(9,4)	110,5	79,3	(28,2)
SUL	**341,3**	**289,3**	**(15,2)**	**1.698**	**1.712**	**0,8**	**579,5**	**495,2**	**(14,5)**
PR	238,2	193,4	(18,8)	1.689	1.728	2,3	402,3	334,2	(16,9)
SC	62,0	52,7	(15,0)	1.800	1.850	2,8	111,6	97,5	(12,6)
RS	41,1	43,2	5,1	1.596	1.471	(7,8)	65,6	63,5	(3,2)
NORTE/NORDESTE	**522,2**	**510,0**	**(2,3)**	**328**	**323**	**(1,5)**	**171,3**	**164,6**	**(3,9)**
CENTRO-SUL	**657,7**	**556,3**	**(15,4)**	**1.653**	**1.630**	**(1,4)**	**1.087,4**	**906,5**	**(16,6)**
BRASIL	**1.179,9**	**1.066,3**	**(9,6)**	**1.067**	**1.005**	**(5,8)**	**1.258,7**	**1.071,1**	**(14,9)**

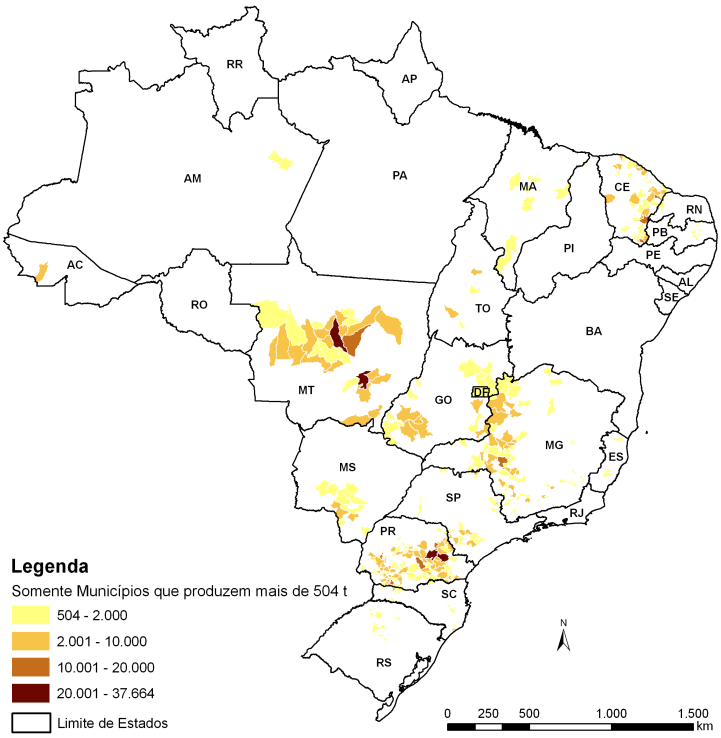
Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2014.

Considerando as três safras, estima-se para esse início de acompanhamento, que a área total de feijão poderá chegar a 3,24 milhões de hectares, menor em 3,4% que a safra passada. A produção nacional de feijão deverá ficar em 3,25 milhões de toneladas e 5,3% menor que a última safra. As previsões de plantio destas três safras ainda são preliminares e passíveis de alterações nos próximos levantamentos.

10.1.4.2. Feijão segunda safra

Figura 26 – Mapa da produção agrícola – Feijão segunda safra



Fonte: Conab/IBGE.

Quadro 6 – Calendário de plantio e colheita – Feijão segunda safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RR							P	P	P	C	C	C
RO					P	P		C	C	C		
AC					P	P		C	C	C		
AM						P	P	P	C	C	C	C
AP							P	P	P	C	C	C
TO					P	P	P	P/C	P/C	C	C	C
Nordeste												
MA					P	P	P/C	C	C	C		
PI				P	P	P	C	C	C			
CE					P	P	P/C	C	C	C		
RN				P	P	P	P	P/C	C	C		
PB						P	P	P	P/C	C	C	
PE					P	P	P/C	C	C	C		
Centro-Oeste												
MT				P	P	P		C	C	C		
MS					P	P	P		C	C	C	
GO				P	P	P	C	C	C			
DF				P	P		C	C				
Sudeste												
MG					P	P	P/C	C	C	C	C	
ES					P	P	P	C	C	C		
RJ					P	P	P/C	C	C			
SP				P	P	P/C	P/C	C	C	C		
Sul												
PR				P	P	P/C	C	C	C			
SC				P	P	P/C	C	C	C			
RS				P	P	P/C	C	C	C			

Legenda: **P** - Plantio; **C** - Colheita; **P/C** - Plantio e colheita.
Fonte: Conab.

Tabela 20 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão segunda safra

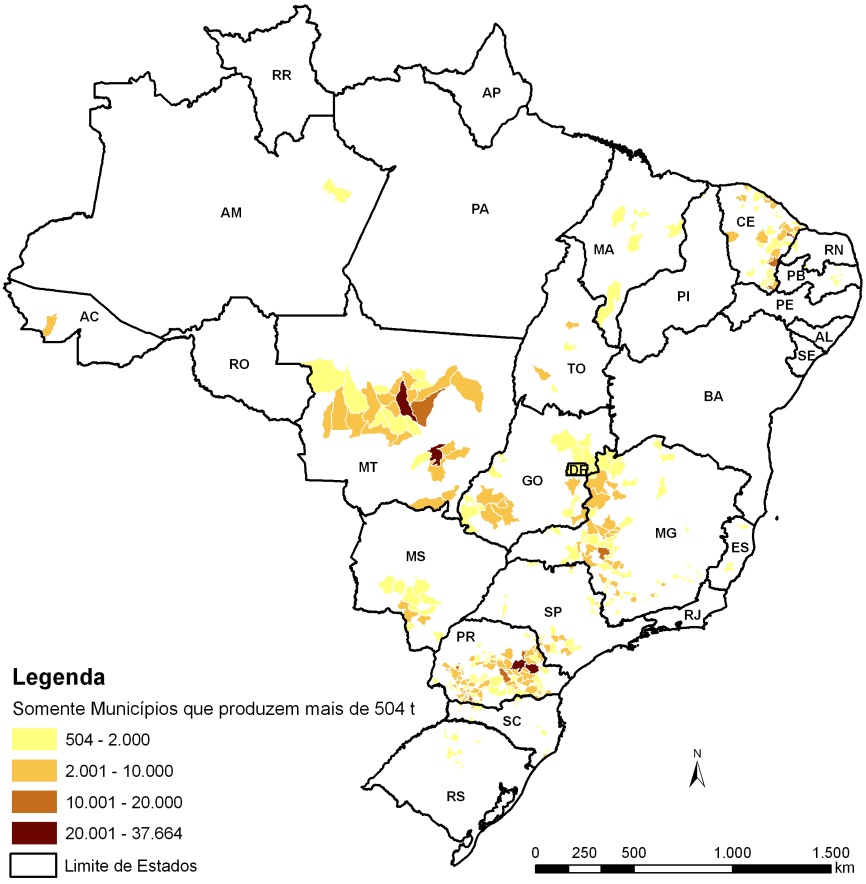
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14 (a)	Safra 14/15 (b)	VAR. % (b/a)	Safra 13/14 (c)	Safra 14/15 (d)	VAR. % (d/c)	Safra 13/14 (e)	Safra 14/15 (f)	VAR. % (f/e)
NORTE	**67,1**	**67,1**	**-**	**747**	**732**	**(2,1)**	**50,1**	**49,1**	**(2,0)**
RR	3,0	3,0	-	667	685	2,7	2,0	2,1	5,0
RO	33,0	33,0	-	722	631	(12,6)	23,8	20,8	(12,6)
AC	10,3	10,3	-	582	548	(5,8)	6,0	5,6	(6,7)
AM	5,3	5,3	-	1.027	972	(5,4)	5,4	5,2	(3,7)
AP	1,3	1,3	-	902	956	6,0	1,2	1,2	-
TO	14,2	14,2	-	825	1.000	21,2	11,7	14,2	21,4
NORDESTE	**700,2**	**700,2**	**-**	**326**	**322**	**(1,2)**	**228,5**	**225,6**	**(1,3)**
MA	52,0	52,0	-	549	559	1,8	28,5	29,1	2,1
PI	20,4	20,4	-	756	785	3,8	15,4	16,0	3,9
CE	393,8	393,8	-	309	284	(8,1)	121,7	111,8	(8,1)
RN	33,5	33,5	-	333	356	6,9	11,2	11,9	6,3
PB	76,9	76,9	-	277	294	6,1	21,3	22,6	6,1
PE	123,6	123,6	-	246	277	12,6	30,4	34,2	12,5
CENTRO-OESTE	**269,3**	**269,3**	**-**	**1.405**	**1.403**	**(0,1)**	**378,5**	**377,9**	**(0,2)**
MT	234,9	234,9	-	1.358	1.358	-	319,0	319,0	-
MS	17,6	17,6	-	1.600	1.436	(10,3)	28,2	25,3	(10,3)
GO	15,9	15,9	-	1.857	2.013	8,4	29,5	32,0	8,5
DF	0,9	0,9	-	2.000	1.826	(8,7)	1,8	1,6	(11,1)
SUDESTE	**150,5**	**150,5**	**-**	**1.351**	**1.380**	**2,2**	**203,3**	**207,6**	**2,1**
MG	121,2	121,2	-	1.355	1.387	2,4	164,2	168,1	2,4
ES	8,8	8,8	-	813	845	3,9	7,2	7,4	2,8
RJ	1,6	1,6	-	951	1.012	6,4	1,5	1,6	6,7
SP	18,9	18,9	-	1.606	1.615	0,6	30,4	30,5	0,3
SUL	**304,1**	**304,1**	**-**	**1.478**	**1.465**	**(0,9)**	**449,3**	**445,4**	**(0,9)**
PR	272,3	272,3	-	1.475	1.456	(1,3)	401,6	396,5	(1,3)
SC	22,5	22,5	-	1.450	1.486	2,5	32,6	33,4	2,5
RS	9,3	9,3	-	1.622	1.669	2,9	15,1	15,5	2,6
NORTE/NORDESTE	**767,3**	**767,3**	**-**	**363**	**358**	**(1,4)**	**278,6**	**274,7**	**(1,4)**
CENTRO-SUL	**723,9**	**723,9**	**-**	**1.424**	**1.424**	**-**	**1.031,1**	**1.030,9**	**-**
BRASIL	**1.491,2**	**1.491,2**	**-**	**878**	**876**	**(0,3)**	**1.309,7**	**1.305,6**	**(0,3)**

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2014.

10.1.4.3. Feijão terceira safra

Figura 27 – Mapa da produção agrícola – Feijão terceira safra



Fonte: Conab/IBGE.

Quadro 7 – Calendário de plantio e colheita – Feijão terceira safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
TO	C							P	P	P	C	C
Nordeste												
CE	C						P	P	P	C	C	C
PE	C						P	P	P/C	C	C	C
AL								P	P		C	C
SE							P	P	P/C	C	C	C
BA							P	P	P/C	C	C	C
Centro-Oeste												
MT							P	P	P/C	C	C	C
MS							P	P		C	C	
GO							P	P	P/C	C	C	C
DF								P	P		C	C
Sudeste												
MG	C					P	P	P	P/C	C	C	C
SP							P	P	P	C	C	C
Sul												
PR						P	P	P	C	C	C	

Legenda: **P** - Plantio; **C** - Colheita; **P/C** - Plantio e colheita.

Fonte: Conab.

Tabela 21 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão terceira safra

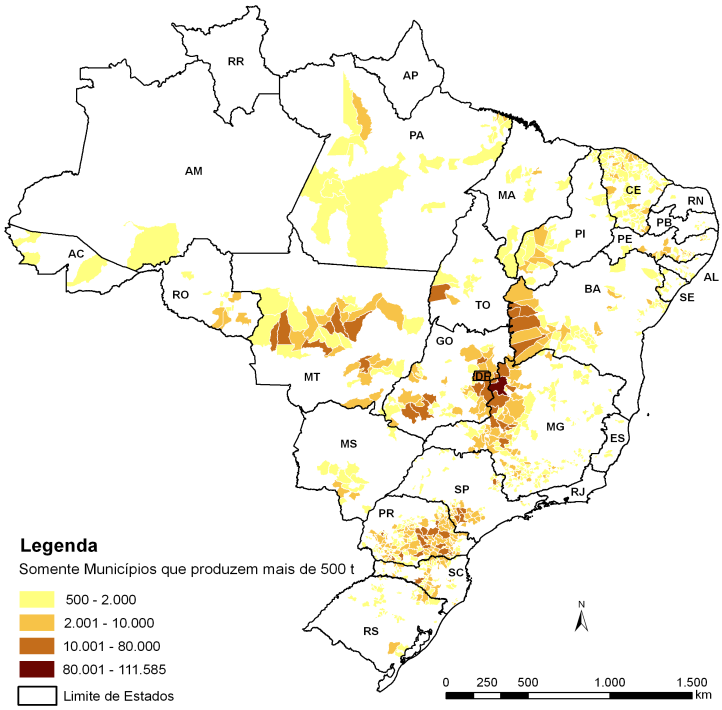
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14 (a)	Safra 14/15 (b)	VAR. % (b/a)	Safra 13/14 (c)	Safra 14/15 (d)	VAR. % (d/c)	Safra 13/14 (e)	Safra 14/15 (f)	VAR. % (f/e)
NORTE	**30,9**	**30,9**	**-**	**809**	**859**	**6,2**	**25,0**	**26,5**	**6,0**
PA	28,0	28,0	-	760	800	5,3	21,3	22,4	5,2
TO	2,9	2,9	-	1.281	1.425	11,2	3,7	4,1	10,8
NORDESTE	**423,5**	**423,5**	**-**	**654**	**635**	**(2,9)**	**276,8**	**268,9**	**(2,9)**
CE	10,3	10,3	-	1.054	1.109	5,2	10,9	11,4	4,6
PE	122,1	122,1	-	467	465	(0,4)	57,0	56,8	(0,4)
AL	47,0	47,0	-	458	482	5,2	21,5	22,7	5,6
SE	31,5	31,5	-	746	785	5,2	23,5	24,7	5,1
BA	212,6	212,6	-	771	721	(6,5)	163,9	153,3	(6,5)
CENTRO-OESTE	**116,9**	**116,9**	**-**	**2.672**	**2.589**	**(3,1)**	**312,4**	**302,7**	**(3,1)**
MT	76,8	76,8	-	2.566	2.414	(5,9)	197,1	185,4	(5,9)
MS	0,4	0,4	-	1.260	1.380	9,5	0,5	0,6	20,0
GO	36,5	36,5	-	2.868	2.914	1,6	104,7	106,4	1,6
DF	3,2	3,2	-	3.159	3.221	2,0	10,1	10,3	2,0
SUDESTE	**103,1**	**103,1**	**-**	**2.368**	**2.615**	**10,4**	**244,2**	**269,6**	**10,4**
MG	85,0	85,0	-	2.370	2.642	11,5	201,5	224,6	11,5
SP	18,1	18,1	-	2.359	2.488	5,5	42,7	45,0	5,4
SUL	**4,9**	**4,9**	**-**	**1.013**	**960**	**(5,2)**	**5,0**	**4,7**	**(6,0)**
PR	4,9	4,9	-	1.013	960	(5,2)	5,0	4,7	(6,0)
NORTE/NORDESTE	**454,4**	**454,4**	**-**	**664**	**650**	**(2,1)**	**301,8**	**295,4**	**(2,1)**
CENTRO-SUL	**224,9**	**224,9**	**-**	**2.497**	**2.565**	**2,8**	**561,6**	**577,0**	**2,7**
BRASIL	**679,3**	**679,3**	**-**	**1.271**	**1.284**	**1,0**	**863,4**	**872,4**	**1,0**

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2014.

10.1.4.4. Feijão total

Figura 28 – Mapa da produção agrícola – Feijão total (primeira, segunda e terceira safras)



Fonte:Conab/IBGE.

Tabela 22 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão total (primeira, segunda e terceira safras)

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14 (a)	Safra 14/15 (b)	VAR. % (b/a)	Safra 13/14 (c)	Safra 14/15 (d)	VAR. % (d/c)	Safra 13/14 (e)	Safra 14/15 (f)	VAR. % (f/e)
NORTE	**102,0**	**102,4**	**0,4**	**761**	**765**	**0,5**	**77,6**	**78,4**	**1,0**
RR	3,0	3,0	-	667	700	5,0	2,0	2,1	5,0
RO	33,0	33,0	-	721	630	(12,6)	23,8	20,8	(12,6)
AC	10,3	10,3	-	583	544	(6,7)	6,0	5,6	(6,7)
AM	5,3	5,3	-	1.019	981	(3,7)	5,4	5,2	(3,7)
AP	1,3	1,3	-	923	923	-	1,2	1,2	-
PA	28,0	28,0	-	761	800	5,2	21,3	22,4	5,2
TO	21,1	21,5	1,9	848	981	15,7	17,9	21,1	17,9
NORDESTE	**1.641,9**	**1.629,3**	**(0,8)**	**411**	**403**	**(1,9)**	**674,1**	**656,5**	**(2,6)**
MA	92,8	90,4	(2,6)	497	519	4,4	46,1	46,9	1,7
PI	229,4	229,4	-	288	274	(4,8)	66,0	62,8	(4,8)
CE	404,1	404,1	-	328	305	(6,9)	132,5	123,3	(6,9)
RN	33,5	33,5	-	334	355	6,3	11,2	11,9	6,3
PB	76,9	76,9	-	277	294	6,1	21,3	22,6	6,1
PE	245,7	245,7	-	356	370	4,1	87,4	91,0	4,1
AL	47,0	47,0	-	457	483	5,6	21,5	22,7	5,6
SE	31,5	31,5	-	746	784	5,1	23,5	24,7	5,1
BA	481,0	470,8	(2,1)	550	532	(3,2)	264,6	250,6	(5,3)
CENTRO-OESTE	**468,0**	**448,1**	**(4,3)**	**1.865**	**1.808**	**(3,1)**	**872,9**	**810,0**	**(7,2)**
MT	323,6	323,6	-	1.653	1.617	(2,2)	535,0	523,3	(2,2)
MS	20,1	19,7	(2,0)	1.522	1.447	(5,0)	30,6	28,5	(6,9)
GO	108,2	88,7	(18,0)	2.434	2.437	0,1	263,4	216,2	(17,9)
DF	16,1	16,1	-	2.727	2.609	(4,3)	43,9	42,0	(4,3)
SUDESTE	**488,2**	**458,7**	**(6,0)**	**1.584**	**1.655**	**4,5**	**773,2**	**759,3**	**(1,8)**
MG	385,0	365,3	(5,1)	1.493	1.613	8,0	574,9	589,2	2,5
ES	15,3	15,5	1,3	797	813	1,9	12,2	12,6	3,3
RJ	2,7	2,7	-	926	963	4,0	2,5	2,6	4,0
SP	85,2	75,2	(11,7)	2.155	2.060	(4,4)	183,6	154,9	(15,6)
SUL	**650,3**	**598,3**	**(8,0)**	**1.590**	**1.580**	**(0,6)**	**1.033,8**	**945,4**	**(8,6)**
PR	515,4	470,6	(8,7)	1.569	1.563	(0,4)	808,9	735,4	(9,1)
SC	84,5	75,2	(11,0)	1.707	1.741	2,0	144,2	130,9	(9,2)
RS	50,4	52,5	4,2	1.601	1.507	(5,9)	80,7	79,1	(2,0)
NORTE/NORDESTE	**1.743,9**	**1.731,7**	**(0,7)**	**431**	**424**	**(1,6)**	**751,7**	**734,9**	**(2,2)**
CENTRO-SUL	**1.606,5**	**1.505,1**	**(6,3)**	**1.668**	**1.671**	**0,2**	**2.679,9**	**2.514,7**	**(6,2)**
BRASIL	**3.350,4**	**3.236,8**	**(3,4)**	**1.024**	**1.004**	**(2,0)**	**3.431,6**	**3.249,6**	**(5,3)**

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2014.

10.1.5. Girassol

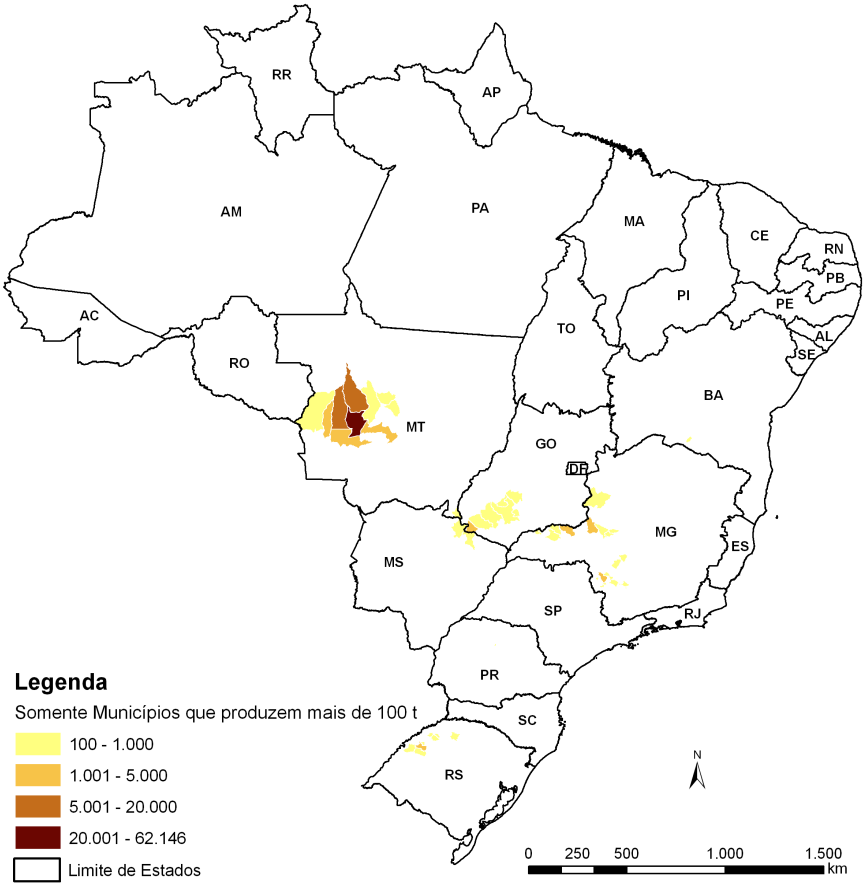
Quadro 8 – Calendário de plantio e colheita – Girassol

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Nordeste												
CE							P	P			C	C
BA		P	P			C	C					
Centro-Oeste												
MT					P	P			C	C		
MS					P	P	P		C	C	C	
GO					P	P			C	C		
Sudeste												
MG						P	P			C	C	
Sul												
RS	P		C	C	C						P	P

Legenda: **P** - Plantio; **C** - Colheita; **P/C** - Plantio e colheita.

Fonte: Conab.

Figura 29 – Mapa da produção agrícola – Girassol



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 23 – Comparativo de área, produtividade e produção – Girassol

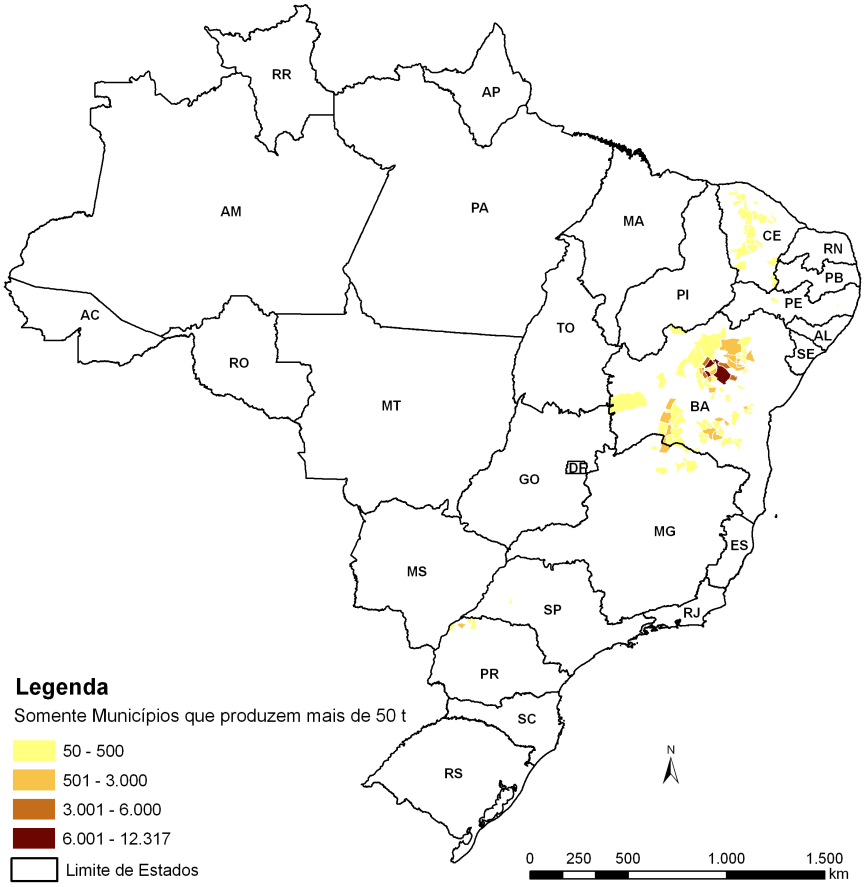
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14 (a)	Safra 14/15 (b)	VAR. % (b/a)	Safra 13/14 (c)	Safra 14/15 (d)	VAR. % (d/c)	Safra 13/14 (e)	Safra 14/15 (f)	VAR. % (f/e)
CENTRO-OESTE	**131,1**	**131,1**	**-**	**1.617**	**1.428**	**(11,7)**	**212,0**	**187,2**	**(11,7)**
MT	126,2	126,2	-	1.611	1.428	(11,4)	203,3	180,2	(11,4)
MS	0,7	0,7	-	1.544	1.316	(14,8)	1,1	0,9	(18,2)
GO	4,2	4,2	-	1.815	1.455	(19,8)	7,6	6,1	(19,7)
SUDESTE	**11,3**	**11,3**	**-**	**1.378**	**1.455**	**5,6**	**15,6**	**16,4**	**5,1**
MG	11,3	11,3	-	1.378	1.455	5,6	15,6	16,4	5,1
SUL	**3,3**	**3,3**	**-**	**1.463**	**1.390**	**(5,0)**	**5,1**	**4,6**	**(9,8)**
RS	3,3	3,3	-	1.535	1.390	(9,4)	5,1	4,6	(9,8)
CENTRO-SUL	**145,7**	**145,7**	**-**	**1.597**	**1.429**	**(10,5)**	**232,7**	**208,2**	**(10,5)**
BRASIL	**145,7**	**145,7**	**-**	**1.597**	**1.429**	**(10,5)**	**232,7**	**208,2**	**(10,5)**

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2014.

10.1.6. Mamona

Figura 30 – Mapa da produção agrícola – Mamona



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 24 – Comparativo de área, produtividade e produção – Mamona

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14 (a)	Safra 14/15 (b)	VAR. % (b/a)	Safra 13/14 (c)	Safra 14/15 (d)	VAR. % (d/c)	Safra 13/14 (e)	Safra 14/15 (f)	VAR. % (f/e)
NORDESTE	**98,6**	**136,5**	**38,4**	**439**	**317**	**(27,8)**	**43,3**	**69,1**	**59,6**
PI	0,7	0,7	-	300	389	29,7	0,2	0,3	50,0
CE	11,2	11,2	-	284	468	64,8	3,2	5,2	62,5
PE	4,9	4,9	-	334	452	35,3	1,6	2,2	37,5
BA	81,8	119,7	46,3	468	513	9,6	38,3	61,4	60,3
SUDESTE	**2,5**	**0,9**	**(64,0)**	**506**	**1.405**	**177,8**	**1,3**	**1,4**	**7,7**
MG	2,4	0,8	(66,7)	450	1.480	228,9	1,1	1,2	9,1
SP	0,1	0,1	-	1.848	1.856	0,4	0,2	0,2	-
SUL	**0,2**	**0,2**	**-**	**622**	**622**	**-**	**0,1**	**0,1**	**-**
PR	0,2	0,2	-	622	622	-	0,1	0,1	-
NORTE/NORDESTE	**98,6**	**136,5**	**38,4**	**439**	**317**	**(27,8)**	**43,3**	**69,1**	**59,6**
CENTRO-SUL	**2,7**	**1,1**	**(59,3)**	**515**	**1.263**	**145,5**	**1,4**	**1,5**	**7,1**
BRASIL	**101,3**	**137,6**	**35,8**	**441**	**325**	**(26,4)**	**44,7**	**70,6**	**57,9**

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2014.

Quadro 9 – Calendário de plantio e colheita – Mamona

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Nordeste												
PI			P	P					C	C	C	
CE	C					P	P	P		C	C	C
RN								P				C
PE	C			P	P	P	P				C	C
BA	C	P/C	P/C	P						C	C	C
Sudeste												
MG		P	P			C	C	C	C			
SP	P	P	P				C	C				
Sul												
PR				P					C	C		

Legenda: **P** - Plantio; **C** - Colheita; **P/C** - Plantio e colheita.

Fonte: Conab.

10.1.7. Milho

10.1.7.1. Milho primeira safra

O plantio de milho primeira safra tem enfrentado nos últimos anos, forte concorrência com a soja, particularmente com as variedades precoces, no período em que se inicia o plantio da safra de verão na Região Centro-Sul, principal produtora de grãos do país. Tal fato tem provocado forte declínio na área plantada de milho na Região Centro-Sul, que pela sua importância, causa repercussão na oferta do cereal em âmbito nacional.

No Rio Grande do Sul a área de milho apresentará uma redução de aproximadamente 4,2% e deverá atingir 988,1 mil hectares. O custo de produção, a complexa comercialização do cereal, contrapondo-se ao que ocorre com a soja, são fatores que contribuem para essa redução. O desenvolvimento das lavouras se apresenta satisfatório, sendo que nas regiões da Fronteira e Missões, predominam as fases de florescimento e reprodutiva, com início da colheita prevista para a segunda quinzena de janeiro/2015. Nas Regiões Nordeste e Norte, o predomínio se dá na fase de desenvolvimento vegetativo e na Depressão Central e Zona Sul, o milho é encontrado desde a fase de desenvolvimento até o início de floração.

Em Santa Catarina aproximadamente 96,6% das lavouras já foram semeadas, apresentando no momento um desempenho considerado satisfatório, resultado das condições climáticas favoráveis. Na média, apresentam-se com a seguinte distribuição: 75% em desenvolvimento vegetativo, 20% em floração e 5% frutificando. Cabe destacar o nível tecnológico aplicado nas lavouras. Na maior parte delas os produtores adotam pacotes com tecnologias indicadas pelas cooperativas, com adubação seguindo indicação das análises de solos e as sementes utilizadas, de alta performance, com aproximadamente 89,7% transgênicas.

No Paraná o cultivo foi retardado em função da falta de umidade no solo em setembro, mas toda a área estimada para o plantio da primeira safra, 538,1 mil hectares, já foi plantada. A cultura atravessa as fases de germinação 2%, desenvolvimento vegetativo 84%, floração 12% e frutificação 2%.

Minas Gerais, principal produtor de milho primeira safra do país, apresentará, em relação à safra passada, uma redução de 7,8% na área plantada, atingindo 1.012,8 mil hectares. Em decorrência das condições climáticas desfavoráveis, estima-se que, somente 69,7% dessa área esteja plantada, aguardando para dezembro o encerramento dessa operação. Com relação aos níveis de produtividades, são esperadas elevações importantes, em função do uso de um melhor pacote tecnológico e da expectativa de

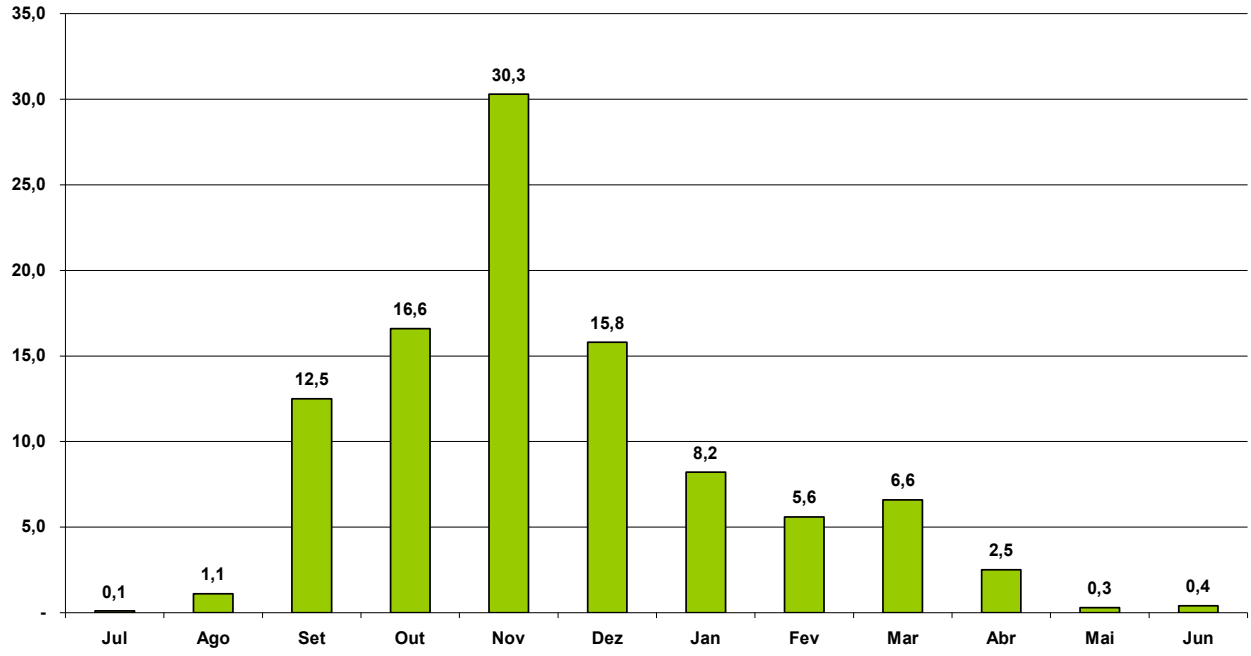
condições climáticas favoráveis, contrapondo-se aos resultados alcançados na safra passada, duramente afetada pelas perdas decorrentes da estiagem ocorrida no início de 2014.

Tabela 25 – Calendário de plantio e colheita – Milho primeira safra

UF/REGIÃO		21/06 a 22/09			22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06		
		Inverno			Primavera			Verão			Outono		
		Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun
NORTE	Plantio	-	-	-	21,7	43,4	34,8	0,1	-	-	-	-	-
	Colheita	-	-	-	-	-	-	-	5,1	42,2	37,8	13,8	1,1
RO	Plantio	-	-	-	21,4	51,0	27,6	-	-	-	-	-	-
	Colheita	-	-	-	-	-	-	1,0	10,0	45,0	44,0	-	-
AC	Plantio	-	-	-	40,0	45,0	15,0	-	-	-	-	-	-
	Colheita	-	-	-	-	-	-	-	2,0	35,0	45,0	18,0	-
TO	Plantio	-	-	-	-	28,4	71,5	0,1	-	-	-	-	-
	Colheita	-	-	-	-	-	-	-	2,8	38,4	34,1	21,5	3,2
NORDESTE	Plantio	-	-	-	4,9	25,6	32,2	27,2	8,9	1,2	-	-	-
	Colheita	14,0	12,8	0,8	-	-	-	-	-	4,9	14,4	33,1	20,0
MA	Plantio	-	-	-	1,2	9,0	31,5	41,5	16,8	-	-	-	-
	Colheita	21,1	17,1	2,8	-	-	-	-	-	-	2,4	30,5	26,1
PI	Plantio	-	-	-	-	11,6	43,0	35,8	9,6	-	-	-	-
	Colheita	22,0	23,0	-	-	-	-	-	-	-	10,0	21,0	24,0
BA	Plantio	-	-	-	10,7	46,6	25,3	11,6	3,0	2,8	-	-	-
	Colheita	3,6	2,9	-	-	-	-	-	-	11,5	25,5	43,5	13,0
CENTRO-OESTE	Plantio	-	-	0,1	7,9	72,8	19,2	-	-	-	-	-	-
	Colheita	-	-	-	-	-	-	-	8,9	22,7	34,2	32,5	1,7
MT	Plantio	-	-	-	15,3	56,2	28,5	-	-	-	-	-	-
	Colheita	-	-	-	-	-	-	-	25,0	29,5	28,8	15,0	1,7
MS	Plantio	-	-	1,2	37,7	54,5	6,6	-	-	-	-	-	-
	Colheita	-	-	-	-	-	-	-	45,9	40,1	14,0	-	-
GO	Plantio	-	-	-	4,1	91,0	4,9	-	-	-	-	-	-
	Colheita	-	-	-	-	-	-	-	-	12,2	38,7	47,0	2,1
DF	Plantio	-	-	-	-	10,0	90,0	-	-	-	-	-	-
	Colheita	-	-	-	-	-	-	-	10,0	60,0	30,0	-	-
SUDESTE	Plantio	-	-	0,9	9,5	65,3	24,3	-	-	-	-	-	-
	Colheita	-	-	-	-	-	-	0,6	4,1	22,2	42,5	26,7	3,9
MG	Plantio	-	-	-	5,1	64,6	30,3	-	-	-	-	-	-
	Colheita	-	-	-	-	-	-	-	3,4	19,6	41,2	30,4	5,4
SP	Plantio	-	-	3,4	20,8	67,2	8,6	-	-	-	-	-	-
	Colheita	-	-	-	-	-	-	2,0	6,0	29,0	46,0	17,0	-
SUL	Plantio	-	3,5	37,6	38,0	12,5	3,3	5,1	-	-	-	-	-
	Colheita	-	-	-	-	-	-	6,0	34,5	31,8	16,7	8,4	2,6
PR	Plantio	-	2,1	41,4	48,9	7,6	-	-	-	-	-	-	-
	Colheita	-	-	-	-	-	-	5,0	39,5	34,7	15,6	5,2	-
SC	Plantio	-	1,8	46,3	38,0	10,5	1,2	2,2	-	-	-	-	-
	Colheita	-	-	-	-	-	-	9,7	31,7	27,7	19,9	8,7	2,3
RS	Plantio	-	5,0	32,0	32,0	16,0	6,0	9,0	-	-	-	-	-
	Colheita	-	-	-	-	-	-	5,0	33,0	32,0	16,0	10,0	4,0
NORTE/NORDESTE	Plantio	0,1	-	-	4,1	17,5	20,7	17,4	14,6	17,4	6,6	0,7	0,9
	Colheita	20,1	18,2	5,7	0,9	0,3	-	-	0,3	5,3	11,1	21,8	16,3
CENTRO-SUL	Plantio	-	1,8	20,2	24,3	38,2	12,8	2,7	-	-	-	-	-
	Colheita	-	-	-	-	-	-	3,4	20,5	27,3	28,2	17,6	3,0
BRASIL	Plantio	0,1	1,1	12,5	16,6	30,3	15,8	8,2	5,6	6,6	2,5	0,3	0,4
	Colheita	7,7	6,9	2,2	0,3	0,1	-	2,1	12,8	18,9	21,7	19,2	8,1

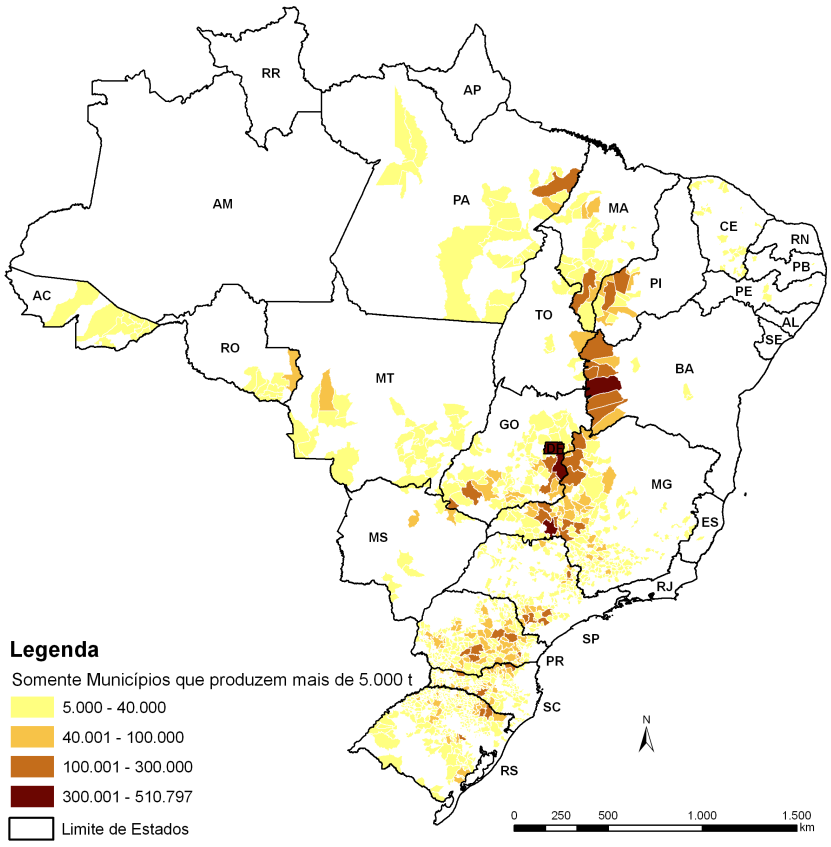
Fonte: Conab

Gráfico 27 – Calendário de plantio – Milho primeira safra



Fonte: Conab.

Figura 31 – Mapa da produção agrícola – Milho primeira safra



Fonte: Conab/IBGE.

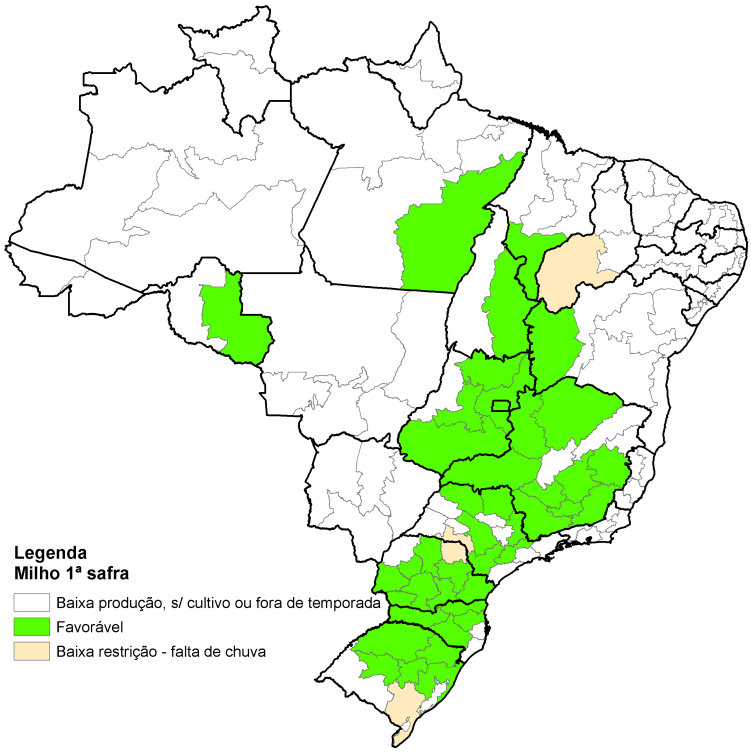
Quadro 10 – Calendário de plantio e colheita – Milho primeira safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RR	C	C	C						P	P	P	
RO	P	P	P	C	C	C	C					
AC	P	P	P		C	C	C	C				
AM	P	P			C	C						
AP			P	P	P		C	C	C			
PA	P	P	P		C	C	C	C	C	C		
TO		P	P	P	C	C	C	C	C			
Nordeste												
MA	P	P	P	P	P		C	C	C	C	C	C
PI		P	P	P	P		C	C	C	C	C	
CE				P	P	P	P	P/C	C	C	C	
RN				P	P	P	P	P/C	C	C	C	C
PB					P	P	P	P	C	C	C	C
PE							P	P	P	C	C	C
BA	P	P	P	P	P	P/C	C	C	C	C	C	
Centro-Oeste												
MT	P	P	P		C	C	C	C	C			
MS	P	P	P		C	C	C					P
GO	P	P	P			C	C	C	C			
DF		P	P		C	C	C					
Sudeste												
MG	P	P	P		C	C	C	C	C			
ES	P	P	P		C	C	C	C				
RJ	P	P	P		C	C	C	C				
SP	P	P	P	C	C	C	C	C				P
Sul												
PR	P	P		C	C	C	C	C			P	P
SC	P	P	P	P/C	C	C	C	C	C		P	P
RS	P	P	P	P/C	C	C	C	C	C		P	P

Legenda: **P** - Plantio; **C** - Colheita; **P/C** - Plantio e colheita.

Fonte: Conab.

Figura 32 – Condição hídrica geral para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil em novembro de 2014



Fonte: Conab.

Tabela 26 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases* em novembro

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas favoráveis (C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Milho 1ª safra	- leste de RO (G/DV) - sudeste do PA (G/DV) - leste do TO (P) - partes do sul do MA (P) - partes do sudoeste do PI (P) - partes do oeste da BA (P) - todo estado de MG (P) - todo estado de SP, exceto partes do sul (P/G/DV) - todo estado do PR, exceto regiões pontuais principalmente a oeste, nordeste e centro leste (DV/F) - todo estado de SC (DV/F) - todo estado do RS, exceto regiões pontuais principalmente a sul (DV/F) - leste e sul de GO (DV) - DF (DV)			- partes do sudoeste do PI (P) - partes do oeste da BA (P) - partes do sul do MA (P) - partes do sul de SP (P/G/DV) - regiões pontuais do estado do PR principalmente a oeste, nordeste e centro leste (DV/F)** - regiões pontuais do estado do RS principalmente a sul (DV/F)**

Legenda: *(PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.
Fonte: Conab.

Tabela 27 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14 (a)	Safra 14/15 (b)	VAR. % (b/a)	Safra 13/14 (c)	Safra 14/15 (d)	VAR. % (d/c)	Safra 13/14 (e)	Safra 14/15 (f)	VAR. % (f/e)
NORTE	**362,2**	**338,3**	**(6,6)**	**2.843**	**2.992**	**5,2**	**1.029,7**	**1.012,2**	**(1,7)**
RR	6,5	6,5	-	923	1.174	27,2	6,0	7,6	26,7
RO	60,9	42,6	(30,0)	2.035	2.186	7,4	123,9	93,1	(24,9)
AC	46,5	43,9	(5,5)	2.340	2.402	2,6	108,8	105,4	(3,1)
AM	11,0	11,0	-	2.627	2.709	3,1	28,9	29,8	3,1
AP	2,2	2,2	-	921	979	6,3	2,0	2,2	10,0
PA	184,1	184,1	-	2.916	3.015	3,4	536,8	555,1	3,4
TO	51,0	48,0	(5,9)	4.378	4.563	4,2	223,3	219,0	(1,9)
NORDESTE	**2.113,3**	**2.134,0**	**1,0**	**2.248**	**2.247**	**-**	**4.750,0**	**4.795,9**	**1,0**
MA	379,0	379,0	-	2.266	2.084	(8,0)	858,8	789,8	(8,0)
PI	371,6	380,9	2,5	2.321	2.256	(2,8)	862,5	859,3	(0,4)
CE	480,6	480,6	-	835	892	6,8	401,3	428,7	6,8
RN	32,4	32,4	-	633	465	(26,5)	20,5	15,1	(26,3)
PB	76,6	76,6	-	462	485	5,0	35,4	37,2	5,1
PE	228,6	228,6	-	411	378	(8,0)	94,0	86,4	(8,1)
BA	544,5	555,9	2,1	4.550	4.640	2,0	2.477,5	2.579,4	4,1
CENTRO-OESTE	**422,2**	**346,1**	**(18,0)**	**7.544**	**7.597**	**0,7**	**3.184,9**	**2.629,3**	**(17,4)**
MT	68,0	68,0	-	6.209	6.381	2,8	422,2	433,9	2,8
MS	27,0	21,5	(20,4)	8.350	8.700	4,2	225,5	187,1	(17,0)
GO	288,2	217,6	(24,5)	7.500	7.706	2,7	2.161,5	1.676,8	(22,4)
DF	39,0	39,0	-	9.634	8.500	(11,8)	375,7	331,5	(11,8)
SUDESTE	**1.552,0**	**1.425,4**	**(8,2)**	**5.194**	**5.816**	**12,0**	**8.060,9**	**8.290,6**	**2,8**
MG	1.098,0	1.012,8	(7,8)	5.230	6.000	14,7	5.742,5	6.076,8	5,8
ES	22,3	18,6	(16,6)	2.711	2.802	3,4	60,5	52,1	(13,9)
RJ	4,4	3,4	(22,7)	2.332	2.324	(0,3)	10,3	7,9	(23,3)
SP	427,3	390,6	(8,6)	5.260	5.514	4,8	2.247,6	2.153,8	(4,2)
SUL	**2.168,3**	**1.937,7**	**(10,6)**	**6.746**	**6.477**	**(4,0)**	**14.627,4**	**12.550,4**	**(14,2)**
PR	665,2	538,1	(19,1)	8.156	8.100	(0,7)	5.425,4	4.358,6	(19,7)
SC	471,9	411,5	(12,8)	7.385	7.505	1,6	3.485,0	3.088,3	(11,4)
RS	1.031,2	988,1	(4,2)	5.544	5.165	(6,8)	5.717,0	5.103,5	(10,7)
NORTE/NORDESTE	**2.475,5**	**2.472,3**	**(0,1)**	**2.335**	**2.349**	**0,6**	**5.779,7**	**5.808,1**	**0,5**
CENTRO-SUL	**4.142,5**	**3.709,2**	**(10,5)**	**6.246**	**6.328**	**1,3**	**25.873,2**	**23.470,3**	**(9,3)**
BRASIL	**6.618,0**	**6.181,5**	**(6,6)**	**4.783**	**4.736**	**(1,0)**	**31.652,9**	**29.278,4**	**(7,5)**

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2014.

Na Região Norte/Nordeste a expectativa é de que praticamente seja mantida a área plantada da primeira safra de milho, redução de 0,1% em relação ao exercício anterior, atingindo 2.472,3 mil hectares. Este quadro que diverge fortemente do que ocorre na Região Centro-Sul (redução de 10,5%) está relacionado ao suporte estabelecido pela comercialização do cereal para a Região Nordeste pelos produtores situados na região do MATOPIBA.

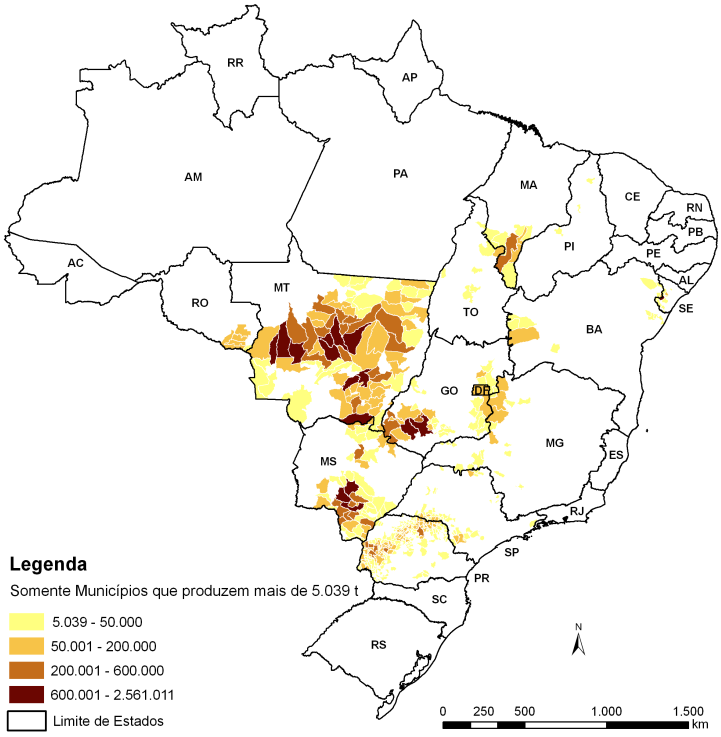
A estimativa nacional da área de plantio do milho primeira safra para a temporada que se inicia deverá atingir 6.181,5 mil hectares, apresentando uma variação negativa de 6,6% em relação ao ocorrido na temporada passada.

10.1.7.2. Milho segunda safra

Para o milho segunda safra, em função do calendário de plantio e da metodologia aplicada pela Conab nas estimativas para este produto, foram repetidas as informações relativas às áreas plantadas da safra anterior. De uma maneira geral, os produtores estão propensos a diminuir a área plantada da segunda safra, em função de um quadro de desestímulo, representado pelas cotações do produto à época das programações de plantio, coincidindo com a evolução da safra americana.

Dessa forma, a estimativa total da área de milho para a temporada 2014/15, contemplando a primeira e segunda safras, apontou para uma redução de 2,8%, situando o total da área plantada em 15.364,2 mil hectares. A depender das condições do clima, que irá homologar ou não a produtividade média estimada, 5.122 kg/ha, prevê-se uma redução na produção de 1,5% quando comparada com a temporada anterior, totalizando um montante de 78,7 milhões de toneladas.

Figura 33 – Mapa da produção agrícola – Milho segunda safra



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 28 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14 (a)	Safra 14/15 (b)	VAR. % (b/a)	Safra 13/14 (c)	Safra 14/15 (d)	VAR. % (d/c)	Safra 13/14 (e)	Safra 14/15 (f)	VAR. % (f/e)
NORTE	**189,3**	**189,3**	**-**	**4.183**	**4.183**	**-**	**791,8**	**791,8**	**-**
RO	88,4	88,4	-	3.751	3.751	-	331,6	331,6	-
TO	100,9	100,9	-	4.561	4.561	-	460,2	460,2	-
NORDESTE	**786,4**	**786,4**	**-**	**3.592**	**3.624**	**0,9**	**2.824,5**	**2.850,0**	**0,9**
MA	227,4	227,4	-	3.813	3.813	-	867,1	867,1	-
PI	33,4	33,4	-	4.998	4.998	-	166,9	166,9	-
AL	31,0	31,0	-	887	887	-	27,5	27,5	-
SE	226,6	226,6	-	4.670	4.670	-	1.058,2	1.058,2	-
BA	268,0	268,0	-	2.630	2.725	3,6	704,8	730,3	3,6
CENTRO-OESTE	**5.751,5**	**5.751,5**	**-**	**5.516**	**5.714**	**3,6**	**31.722,5**	**32.864,1**	**3,6**
MT	3.230,2	3.230,2	-	5.457	5.632	3,2	17.627,2	18.192,5	3,2
MS	1.519,0	1.519,0	-	5.140	5.408	5,2	7.807,7	8.214,8	5,2
GO	952,3	952,3	-	6.130	6.321	3,1	5.837,6	6.019,5	3,1
DF	50,0	50,0	-	9.000	8.747	(2,8)	450,0	437,4	(2,8)
SUDESTE	**554,5**	**554,5**	**-**	**4.810**	**4.976**	**3,4**	**2.667,4**	**2.759,3**	**3,4**
MG	228,0	228,0	-	5.265	5.542	5,3	1.200,4	1.263,6	5,3
SP	326,5	326,5	-	4.493	4.581	2,0	1.467,0	1.495,7	2,0
SUL	**1.901,0**	**1.901,0**	**-**	**5.390**	**5.337**	**(1,0)**	**10.246,4**	**10.145,6**	**(1,0)**
PR	1.901,0	1.901,0	-	5.390	5.337	(1,0)	10.246,4	10.145,6	(1,0)
NORTE/NORDESTE	**975,7**	**975,7**	**-**	**3.706**	**3.733**	**0,7**	**3.616,3**	**3.641,8**	**0,7**
CENTRO-SUL	**8.207,0**	**8.207,0**	**-**	**5.439**	**5.577**	**2,5**	**44.636,3**	**45.769,0**	**2,5**
BRASIL	**9.182,7**	**9.182,7**	**-**	**5.255**	**5.381**	**2,4**	**48.252,6**	**49.410,8**	**2,4**

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2014.

Quadro 11 – Calendário de plantio e colheita – Milho segunda safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RR	C						P	P	P		C	C
RO				P	P	P			C	C	C	
AM							P	P			C	C
TO						P	P	P	C	C	C	
Nordeste												
MA					P	P			C	C		
PI					P	P	P	C	C	C		
PE	C	C					P	P	P	P	C	C
AL	C	C					P	P	P	P	C	C
SE	C	C						P	P	P	C	C
BA	C	C	C					P	P	P		C
Centro-Oeste												
MT				P	P	P			C	C	C	
MS				P	P	P			C	C	C	C
GO				P	P	P			C	C	C	
DF				P	P	P			C	C	C	
Sudeste												
MG					P	P			C	C	C	
SP				P	P	P		C	C	C	C	C
Sul												
PR				P	P	P		C	C	C	C	C

Legenda: **P** - Plantio; **C** - Colheita; **P/C** - Plantio e colheita.

Fonte: Conab.

10.1.7.3. Milho total

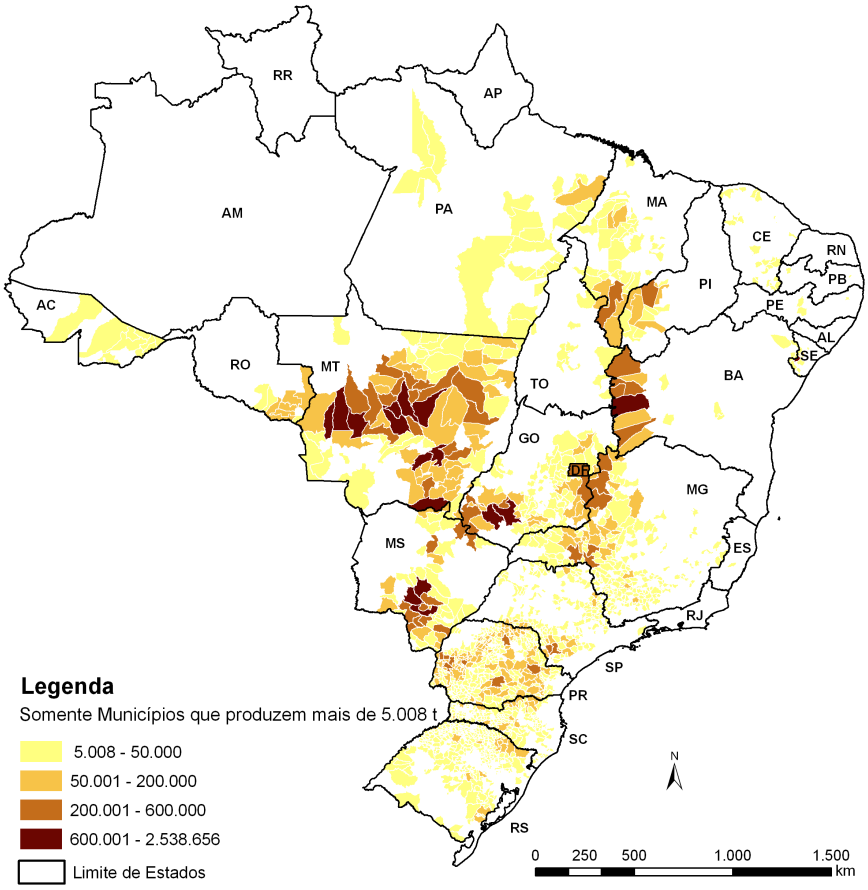
Tabela 29 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho total (primeira e segunda safras)

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14 (a)	Safra 14/15 (b)	VAR. % (b/a)	Safra 13/14 (c)	Safra 14/15 (d)	VAR. % (d/c)	Safra 13/14 (e)	Safra 14/15 (f)	VAR. % (f/e)
NORTE	**551,5**	**527,6**	**(4,3)**	**3.303**	**3.419**	**3,5**	**1.821,5**	**1.804,0**	**(1,0)**
RR	6,5	6,5	-	923	1.174	27,2	6,0	7,6	26,7
RO	149,3	131,0	(12,3)	3.051	3.242	6,3	455,5	424,7	(6,8)
AC	46,5	43,9	(5,6)	2.340	2.402	2,6	108,8	105,4	(3,1)
AM	11,0	11,0	-	2.627	2.709	3,1	28,9	29,8	3,1
AP	2,2	2,2	-	921	979	6,3	2,0	2,2	10,0
PA	184,1	184,1	-	2.916	3.015	3,4	536,8	555,1	3,4
TO	151,9	148,9	(2,0)	4.500	4.562	1,4	683,5	679,2	(0,6)
NORDESTE	**2.899,7**	**2.920,4**	**0,7**	**2.612**	**2.618**	**0,2**	**7.574,5**	**7.645,9**	**0,9**
MA	606,4	606,4	-	2.846	2.732	(4,0)	1.725,9	1.656,9	(4,0)
PI	405,0	414,3	2,3	2.542	2.477	(2,5)	1.029,4	1.026,2	(0,3)
CE	480,6	480,6	-	835	892	6,8	401,3	428,7	6,8
RN	32,4	32,4	-	633	465	(26,5)	20,5	15,1	(26,3)
PB	76,6	76,6	-	462	485	5,0	35,4	37,2	5,1
PE	228,6	228,6	-	411	378	(8,0)	94,0	86,4	(8,1)
AL	31,0	31,0	-	887	887	-	27,5	27,5	-
SE	226,6	226,6	-	4.670	4.670	-	1.058,2	1.058,2	-
BA	812,5	823,9	1,4	3.917	4.017	2,6	3.182,3	3.309,7	4,0
CENTRO-OESTE	**6.173,7**	**6.097,6**	**(1,2)**	**5.654**	**5.821**	**2,9**	**34.907,3**	**35.493,4**	**1,7**
MT	3.298,2	3.298,2	-	5.473	5.647	3,2	18.049,4	18.626,4	3,2
MS	1.546,0	1.540,5	(0,4)	5.196	5.454	5,0	8.033,1	8.401,8	4,6
GO	1.240,5	1.169,9	(5,7)	6.448	6.579	2,0	7.999,1	7.696,3	(3,8)
DF	89,0	89,0	-	9.278	8.639	(6,9)	825,7	768,9	(6,9)
SUDESTE	**2.106,5**	**1.979,9**	**(6,0)**	**5.093**	**5.581**	**9,6**	**10.728,4**	**11.049,9**	**3,0**
MG	1.326,0	1.240,8	(6,4)	5.236	5.916	13,0	6.943,0	7.340,4	5,7
ES	22,3	18,6	(16,6)	2.711	2.802	3,4	60,5	52,1	(13,9)
RJ	4,4	3,4	(22,7)	2.332	2.324	(0,3)	10,3	7,9	(23,3)
SP	753,8	717,1	(4,9)	4.928	5.089	3,3	3.714,6	3.649,5	(1,8)
SUL	**4.069,3**	**3.838,7**	**(5,7)**	**6.113**	**5.912**	**(3,3)**	**24.873,8**	**22.696,0**	**(8,8)**
PR	2.566,2	2.439,1	(5,0)	6.107	5.947	(2,6)	15.671,8	14.504,2	(7,5)
SC	471,9	411,5	(12,8)	7.385	7.505	1,6	3.485,0	3.088,3	(11,4)
RS	1.031,2	988,1	(4,2)	5.544	5.165	(6,8)	5.717,0	5.103,5	(10,7)
NORTE/NORDESTE	**3.451,2**	**3.448,0**	**(0,1)**	**2.723**	**2.741**	**0,7**	**9.396,0**	**9.449,9**	**0,6**
CENTRO-SUL	**12.349,5**	**11.916,2**	**(3,5)**	**5.709**	**5.811**	**1,8**	**70.509,5**	**69.239,3**	**(1,8)**
BRASIL	**15.800,7**	**15.364,2**	**(2,8)**	**5.057**	**5.122**	**1,3**	**79.905,5**	**78.689,2**	**(1,5)**

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2014.

Figura 34 – Mapa da produção agrícola – Milho total (primeira e segunda safras)



Fonte: Conab/IBGE.

10.1.7.4. Oferta e demanda

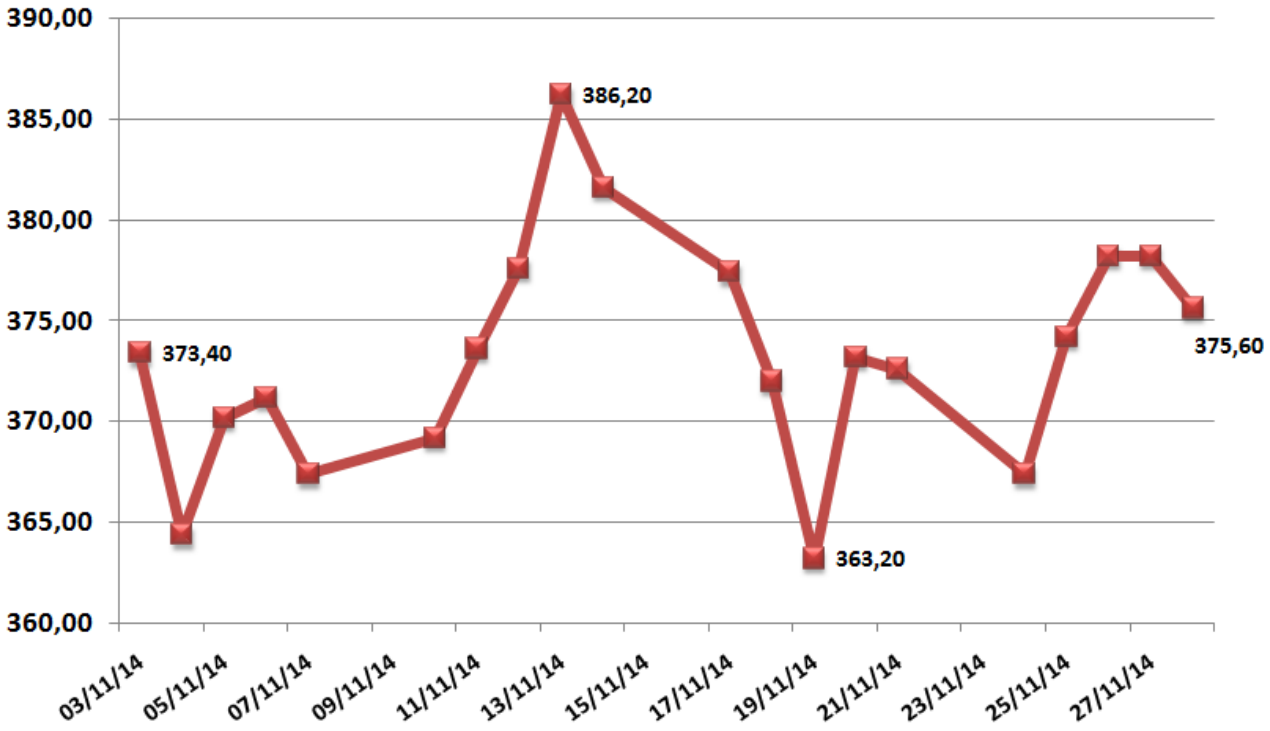
O atraso da colheita do milho no início do mês e o aumento da demanda (carnes e etanol) nos Estados Unidos foram os principais fatores de influência sobre as cotações de milho na Bolsa de Chicago, pois chegaram a atingir um pico de US$ 3,86 (US$ 152,03/t), finalizando o mês em US$ 3,75 (US$ 147,86/t).

Outro fator de pressão altista foi o baixo interesse do produtor norte-americano em realizar grandes volumes de vendas do grão, visto que as condições dos preços atuais estão ainda mais baixo que no mesmo período do ano anterior.

Na Argentina o plantio do cereal segue um pouco devagar, apesar de estar no mesmo percentual do ano anterior (48%), em função da preferência do produtor argentino em semear a soja. Mesmo assim, as condições climáticas naquele país estão boas para o desenvolvimento das lavouras, com bons índices pluviométricos.

Na Ucrânia as exportações de milho seguem em ritmo lento, com poucas negociações, tanto da parte dos compradores quanto dos produtores, fazendo com que as cotações de exportação permaneçam firmes.

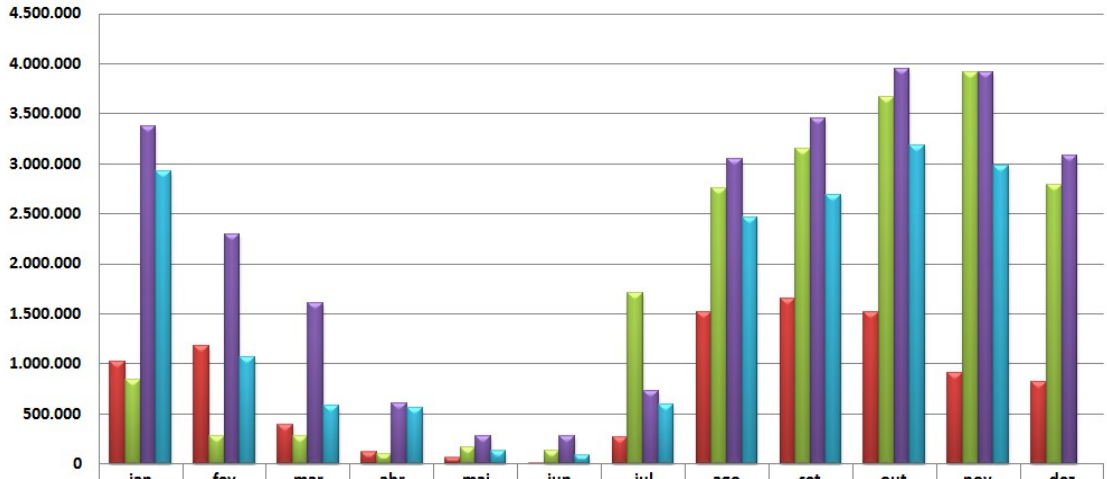
Gráfico 28 – Evolução das cotações de milho no Chicago Board of Trade 1ª entrega USCents/Bu



Fonte: CMEGroup

No cenário doméstico os valores do grão mantiveram a tendência de alta, pois, além da influência das cotações em Chicago, foram favorecidos também pelo dólar mais valorizado e pelos bons patamares de prêmios nos portos, permitindo que o mercado externo voltasse a ser uma boa alternativa de negócio.

Gráfico 29 – Exportações brasileiras de milho de jan/11 a nov/14 (toneladas)



	jan	fev	mar	abr	mai	jun	jul	ago	set	out	nov	dez
2011	1.022.770	1.182.557	390.178	116.916	60.088	11.094	270.981	1.521.948	1.647.995	1.518.671	907.359	814.286
2012	846.905	276.560	278.288	103.640	165.732	134.900	1.704.900	2.761.273	3.147.006	3.662.501	3.915.677	2.794.453
2013	3.372.046	2.294.784	1.609.670	608.751	275.865	276.675	733.398	3.049.100	3.450.100	3.953.300	3.911.900	3.084.900
2014	2.925.600	1.063.100	579.106	562.400	126.500	88.117	592.152	2.457.800	2.685.562	3.179.548	2.978.900	

Fonte: SECEX

A paridade de exportação variou entre R$ 25,80 a 27,50/60 kg em novembro, sendo que nas duas últimas semanas do mês ficaram por volta de R$ 27,00/60 kg, possibilitando uma arrancada das exportações na última semana, fazendo com que o volume de milho exportado fechasse, segundo a Secretaria de Comércio exterior – Secex, em 2,98 milhões toneladas.

Há de se frisar também que a realização do escoamento dos volumes que foram negociados nos leilões de Pepro, também tem exercido influência no aumento dos preços internos, tanto que no Mato Grosso, estado onde o peso logístico é mais forte na depreciação do preço do produto, o cereal está sendo valorado entre R$ 14,00 e 18,66/60 kg.

10.1.8. Soja

Nas Regiões Centro-Oeste e Sul, principais produtoras da oleaginosa no país, as condições climáticas apresentam-se favoráveis às lavouras, com as previsões metereológicas indicando a possibilidade de uma estabilidade futura nos volumes de chuvas, essencial para o bom desenvolvimento das plantas, especialmente para o cultivo da oleaginosa em terras altas. No Rio Grande do Sul o aumento da área cultivada deverá ocorrer em todas as regiões produtoras e o percentual de aumento de 4,1%, não será maior em função da limitação de área, tomando áreas anteriormente utilizadas para o plantio do milho e também derivada do forte incremento de plantio da oleaginosa em áreas de várzeas. A esse propósito, o plantio da soja em várzea no estado deverá, na safra 2014/15, ultrapassar 75 mil hectares. Até o fim de novembro foram plantadas somente 86,4% da área prevista em decorrência dos atrasos provocados pelas fortes chuvas de outubro. As lavouras apresentam desenvolvimento normal e a conclusão do plantio, mesmo não ocorrendo dentro do melhor período recomendado tecnicamente, leva a expectativa positiva de se alcançar boas produtividades.

No Paraná, onde tradicionalmente se inicia o plantio, abrindo a safra nacional ao lado do Mato Grosso, as precipitações em agosto, setembro e primeira quinzena de outubro ocorreram abaixo do normal, provocando atraso no plantio das diversas lavouras de verão no estado. A semeadura da soja também foi afetada pela falta de chuvas e teve, com o retorno da normalidade climática, sua efetivação em aproximadamente 98,6% da área prevista – 5.180,8 mil hectares. Na ocasião da pesquisa realizada pela Conab, aproximadamente 10% da área plantada encontrava-se nas fases de germinação; 72% em desenvolvimento vegetativo; 15% em floração e 4% em maturação.

Em Santa Catarina cerca de 83,2% da área prevista, de um total de 586,1 mil hectares, já se encontra semeada, sendo aguardado para a sua consecução, o término da colheita do trigo e a melhoria das condições de solo em decorrência das chuvas ocorridas nos últimos dias de novembro, que forçaram uma interrupção nas atividades de plantio.

Em Minas Gerais, maior produtor da Região Sudeste, as condições climáticas em outubro não se mostravam favoráveis ao plantio, predominando em praticamente todo o estado, clima seco, mesmo com ocorrência de chuvas isoladas e temperaturas elevadas. Por essa razão, o início do plantio ocorreu com um significativo atraso, a partir da segunda quinzena de novembro, sendo previsto que se estenda até meados de dezembro. O levantamento realizado indicou um incremento na área plantada de 5,2%, comparativamente ao exercício anterior, atingindo 1.303 mil hectares. Com a normalidade das chuvas, estima-se que 78,3% dessa área já tenha sido semeada.

Na Região Centro-Oeste o tempo seco e a estiagem provocaram forte redução no ritmo do plantio. O impacto do atraso no plantio só não foi maior em função das características dos produtores locais, altamente tecnificados e que dispõem de

equipamentos em quantidade suficiente para agilizar o plantio. Nessa região, o atraso em função das condições climáticas em outubro e as características dos produtores acima mencionadas, contribuíram para que em novembro tenha ocorrido o maior percentual de plantio da soja nas últimas seis temporadas – 52,6%.

Tabela 30 – Calendário de plantio e colheita da soja

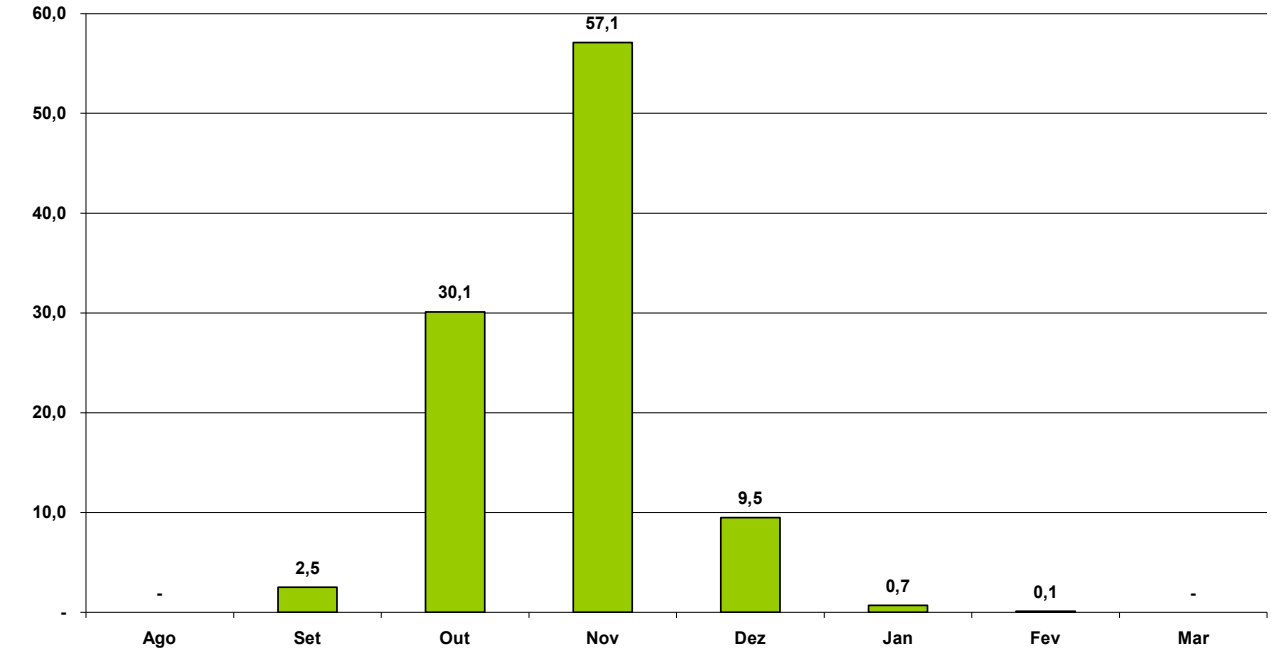
UF/REGIÃO		21/06 a 22/09			22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06		
		Inverno			Primavera			Verão			Outono		
		Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun
NORTE	Plantio	-	-	-	7,6	63,8	28,6	-	-	-	-	-	-
	Colheita	-	-	-	-	-	-	0,2	9,5	61,4	27,9	1,0	-
RO	Plantio	-	-	-	21,4	51,0	27,6	-	-	-	-	-	-
	Colheita	-	-	-	-	-	-	1,0	10,0	45,0	44,0	-	-
TO	Plantio	-	-	-	3,8	67,3	28,9	-	-	-	-	-	-
	Colheita	-	-	-	-	-	-	-	9,3	65,9	23,5	1,3	-
NORDESTE	Plantio	-	-	-	3,2	50,2	38,3	7,1	1,2	-	-	-	-
	Colheita	0,4	-	-	-	-	-	-	3,7	27,5	48,8	12,8	6,8
MA	Plantio	-	-	-	2,8	61,2	26,3	5,0	4,7	-	-	-	-
	Colheita	1,5	-	-	-	-	-	-	5,0	56,6	26,3	5,8	4,8
PI	Plantio	-	-	-	-	20,0	57,0	23,0	-	-	-	-	-
	Colheita	-	-	-	-	-	-	-	-	13,0	30,0	35,0	22,0
BA	Plantio	-	-	-	5,0	60,0	35,0	-	-	-	-	-	-
	Colheita	-	-	-	-	-	-	-	5,0	20,0	70,0	5,0	-
CENTRO-OESTE	Plantio	-	-	1,5	38,3	57,2	3,0	-	-	-	-	-	-
	Colheita	-	-	-	-	-	-	7,3	41,9	44,8	6,0	-	-
MT	Plantio	-	-	2,1	42,9	52,6	2,4	-	-	-	-	-	-
	Colheita	-	-	-	-	-	-	9,4	43,1	43,3	4,2	-	-
MS	Plantio	-	-	1,3	51,8	46,6	0,3	-	-	-	-	-	-
	Colheita	-	-	-	-	-	-	7,7	53,3	37,5	1,5	-	-
GO	Plantio	-	-	-	15,4	77,8	6,8	-	-	-	-	-	-
	Colheita	-	-	-	-	-	-	1,0	30,2	54,5	14,3	-	-
SUDESTE	Plantio	-	-	2,3	13,5	67,7	16,5	-	-	-	-	-	-
	Colheita	-	-	-	-	-	-	0,9	19,8	47,3	27,2	4,8	-
MG	Plantio	-	-	-	3,1	75,2	21,7	-	-	-	-	-	-
	Colheita	-	-	-	-	-	-	1,5	25,1	41,6	28,7	3,1	-
SP	Plantio	-	-	6,0	30,7	55,3	8,0	-	-	-	-	-	-
	Colheita	-	-	-	-	-	-	-	11,0	56,8	24,7	7,5	-
SUL	Plantio	-	-	4,6	31,3	56,0	7,8	0,2	0,1	-	-	-	-
	Colheita	-	-	-	-	-	-	2,9	21,0	28,3	33,1	14,4	0,3
PR	Plantio	-	-	9,7	48,8	40,1	1,4	-	-	-	-	-	-
	Colheita	-	-	-	-	-	-	6,2	43,6	46,0	4,2	-	-
SC	Plantio	-	-	-	20,3	62,9	13,5	2,7	0,6	-	-	-	-
	Colheita	-	-	-	-	-	-	-	6,1	44,5	37,8	8,1	3,5
RS	Plantio	-	-	-	15,0	71,4	13,6	-	-		-	-	-
	Colheita	-	-	-	-	-	-	-	-	8,7	61,6	29,7	-
CENTRO-SUL	Plantio	-	-	2,8	33,6	57,4	6,0	0,1	0,1	-	-	-	-
	Colheita	-	-	-	-	-	-	5,1	31,9	38,5	18,3	6,1	0,1
NORTE/NORDESTE	Plantio	-	-	-	4,4	54,0	35,6	5,1	0,9	-	-	-	-
	Colheita	0,3	-	-	-	-	-	0,1	5,3	36,9	43,0	9,5	4,9
BRASIL	Plantio	-	-	2,5	30,1	57,1	9,5	0,7	0,1	-	-	-	-
	Colheita	0,1	-	-	-	-	-	4,5	28,7	38,2	21,3	6,5	0,7

Fonte: Conab.

No Mato Grosso o plantio deverá ser concluído nos próximos dias. A estiagem prolongada provocou uma forte alteração nos cronogramas dos produtores, que passaram a considerar desde mudanças sobre o aumento/diminuição nas áreas de soja precoce/super precoce, indefinições com relação ao aumento/diminuição no plantio do algodão primeira safra, passando por uma antecipação ou não, do plantio do algodão segunda safra e em muitos municípios a diminuição prevista no plantio de arroz, em

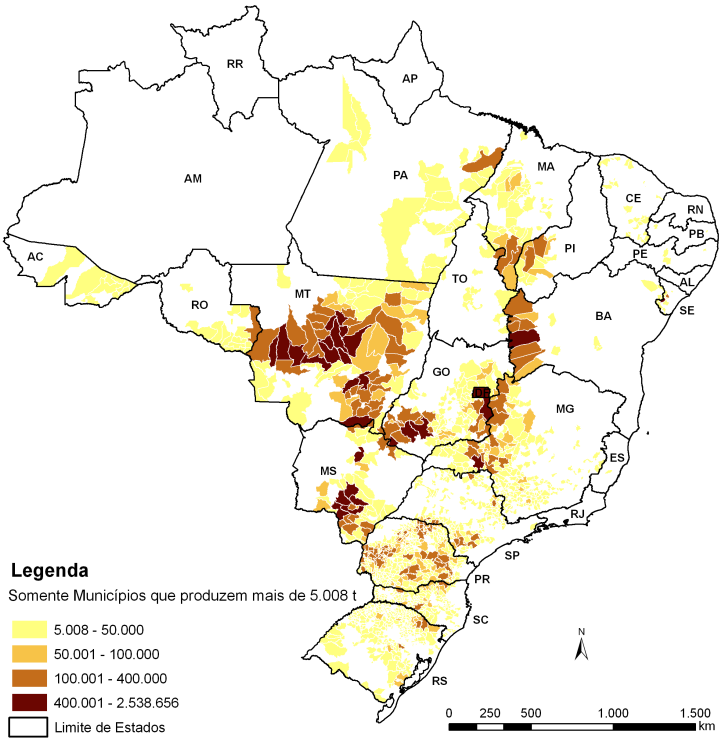
função da direta incorporação da soja nas áreas de reconversão de pastagens degradadas e das menores aberturas de áreas, em locais de expansão agrícola. Na maioria das áreas produtoras o plantio praticamente já foi encerrado nos 9.020,6 mil hectares, estimando-se que aproximadamente 15% desse total se encontra na fase de germinação, 80% em desenvolvimento vegetativo e 5% em floração.

Gráfico 30 – Calendário de plantio – Soja



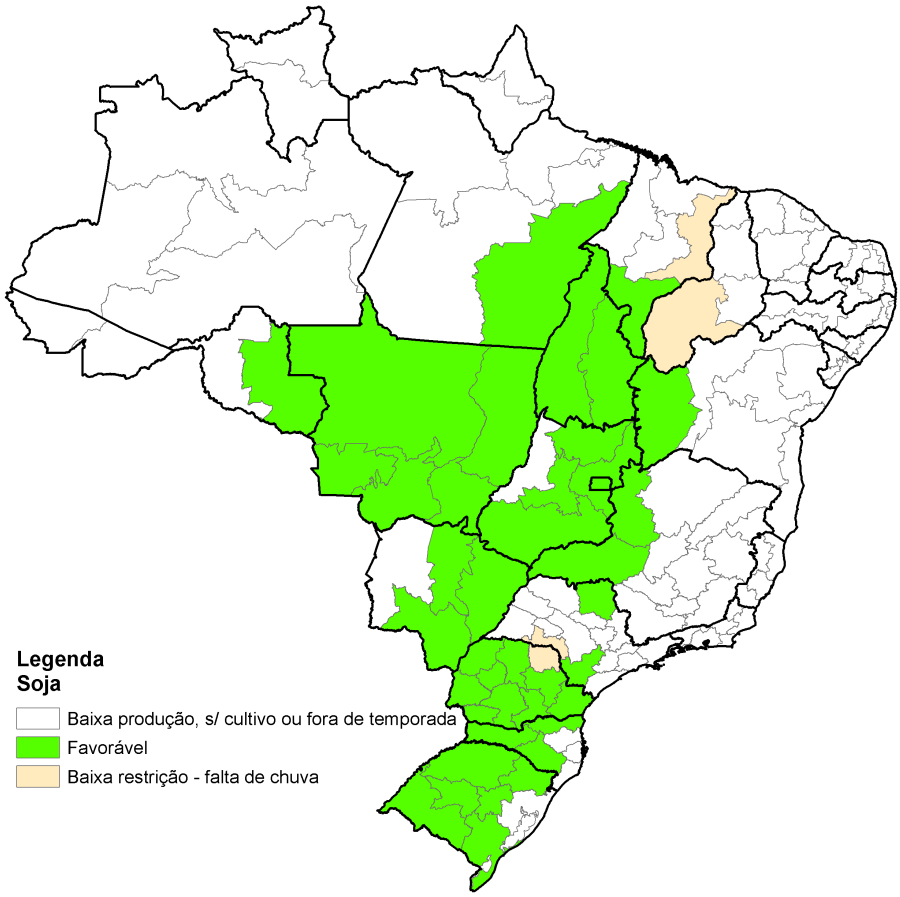
Fonte: Conab.

Figura 35 – Mapa da produção agrícola – Soja



Fonte: Conab/IBGE.

Figura 36 – Condição hídrica geral para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil em novembro de 2014



Fonte: Conab.

Tabela 31 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases* em novembro

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas favoráveis (C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Soja	- leste de RO (DV) - sudeste do PA (P) - todo estado do TO (DV) - partes do sul do MA (DV) - partes do sudoeste do PI (DV) - partes do oeste da BA (DV) - Triângulo e noroeste de MG (DV) - norte e partes do sul de SP (DV) - todo estado do PR, exceto regiões pontuais principalmente a oeste, nordeste e centro leste (DV) - todo estado de SC (DV) - todo estado do RS, exceto regiões pontuais principalmente a sul (G/DV) - todo estado do MT, exceto regiões pontuais principalmente no centro e a sudeste (G/DV) - todo estado do MS, exceto regiões pontuais principalmente a norte e a sul (G/DV) - todo estado do GO (G/DV) - DF (G/DV)			- partes do sudoeste do PI (DV) - partes do oeste da BA (DV) - partes do sul do MA (DV) - partes do sul de SP (DV) - leste do MA (P) - regiões pontuais do estado do PR principalmente a oeste, nordeste e centro leste (DV/F)** - regiões pontuais do estado do RS principalmente a sul (G/DV)** - regiões pontuais do estado do MT principalmente no centro e a sudeste (G/DV)** - regiões pontuais do estado do MS principalmente a norte e sul (G/DV)**

Legenda: *(PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.
Fonte: Conab.

No Mato Grosso do Sul a cultura se encontra em fase final de plantio. Apresenta para essa temporada o maior incremento na área plantada com a oleaginosa da Região Centro-Sul. Estima-se um incremento de 8,5% em relação à safra 2013/14, saindo de 2.120 mil para 2.300,5 mil hectares. Em Goiás, com a estabilização das chuvas, os produtores iniciaram de forma intensa o plantio, estimando-se que cerca de 93,2% da área já tenha sido semeada, restando somente o plantio de algumas lavouras na região sudoeste do estado. De uma forma geral, a soja, particularmente as situadas nas regiões dos chapadões, encontra-se na sua grande maioria nas fases de desenvolvimento vegetativo e se apresentam com bom aspecto sanitário.

Embora tenham ocorrido precipitações em importantes regiões produtoras nordestinas, as chuvas ainda não se firmaram e são insuficientes para intensificar o plantio. Na região do Matopiba, apesar de estarem previstos importantes incrementos na área plantada com a oleaginosa, as chuvas esparsas, especialmente nas regiões produtoras do Piauí e Maranhão, ocorridas na primeira quinzena de novembro, acompanhadas do veranico, provocaram o replantio em diversas localidades. Este fato tem gerado fortes dificuldades operacionais, tendo em vista a reduzida oferta de sementes na maior parte dos polos produtores. No município de Luiz Eduardo (BA), o mais bem estruturado da região, os preços já apresentam alterações significativas em virtude do incremento da demanda.

Tabela 32 – Comparativo de área, produtividade e produção – Soja

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14 (a)	Safra 14/15 (b)	VAR. % (b/a)	Safra 13/14 (c)	Safra 14/15 (d)	VAR. % (d/c)	Safra 13/14 (e)	Safra 14/15 (f)	VAR. % (f/e)
NORTE	**1.178,9**	**1.296,9**	**10,0**	**2.877**	**2.962**	**3,0**	**3.391,3**	**3.841,6**	**13,3**
RR	18,0	18,0	-	3.120	2.798	(10,3)	56,2	50,4	(10,3)
RO	191,1	229,5	20,1	3.180	3.349	5,3	607,7	768,6	26,5
PA	221,4	221,4	-	3.020	3.102	2,7	668,6	686,8	2,7
TO	748,4	828,0	10,6	2.751	2.821	2,5	2.058,8	2.335,8	13,5
NORDESTE	**2.602,2**	**2.773,5**	**6,6**	**2.544**	**2.837**	**11,5**	**6.620,9**	**7.869,2**	**18,9**
MA	662,2	692,0	4,5	2.754	3.068	11,4	1.823,7	2.123,1	16,4
PI	627,3	690,0	10,0	2.374	2.560	7,8	1.489,2	1.766,4	18,6
BA	1.312,7	1.391,5	6,0	2.520	2.860	13,5	3.308,0	3.979,7	20,3
CENTRO-OESTE	**13.909,4**	**14.587,9**	**4,9**	**3.005**	**3.112**	**3,6**	**41.800,5**	**45.398,2**	**8,6**
MT	8.615,7	9.020,6	4,7	3.069	3.128	1,9	26.441,6	28.216,4	6,7
MS	2.120,0	2.300,5	8,5	2.900	3.062	5,6	6.148,0	7.044,1	14,6
GO	3.101,7	3.194,8	3,0	2.900	3.099	6,9	8.994,9	9.900,7	10,1
DF	72,0	72,0	-	3.000	3.291	9,7	216,0	237,0	9,7
SUDESTE	**1.989,9**	**2.094,5**	**5,3**	**2.520**	**2.868**	**13,8**	**5.015,3**	**6.006,5**	**19,8**
MG	1.238,2	1.303,0	5,2	2.687	3.000	11,6	3.327,0	3.909,0	17,5
SP	751,7	791,5	5,3	2.246	2.650	18,0	1.688,3	2.097,5	24,2
SUL	**10.492,7**	**10.909,0**	**4,0**	**2.792**	**2.997**	**7,3**	**29.292,8**	**32.689,2**	**11,6**
PR	5.010,4	5.180,8	3,4	2.950	3.300	11,9	14.780,7	17.096,6	15,7
SC	542,7	586,1	8,0	3.030	3.100	2,3	1.644,4	1.816,9	10,5
RS	4.939,6	5.142,1	4,1	2.605	2.679	2,8	12.867,7	13.775,7	7,1
NORTE/NORDESTE	**3.781,1**	**4.070,4**	**7,7**	**2.648**	**2.877**	**8,7**	**10.012,2**	**11.710,8**	**17,0**
CENTRO-SUL	**26.392,0**	**27.591,4**	**4,5**	**2.884**	**3.048**	**5,7**	**76.108,6**	**84.093,9**	**10,5**
BRASIL	**30.173,1**	**31.661,8**	**4,9**	**2.854**	**3.026**	**6,0**	**86.120,8**	**95.804,7**	**11,2**

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2014.

Em Rondônia, onde se observa o maior incremento da área plantada com a oleaginosa no país, 20,1%, o início do plantio se deu em outubro e deve prosseguir até a

primeira quinzena de dezembro. A soja que foi introduzida no sul do estado segue atualmente, de forma estruturada, acompanhada pela construção de armazéns espacialmente bem distribuídos, em direção aos municípios próximos da capital onde está sendo construído um novo porto para o escoamento de grãos. O ambiente entre os produtores é de uma firme aposta na produção da oleaginosa, sendo que a região continuará apresentando os maiores incrementos percentuais do país.

Dessa forma, o terceiro levantamento realizado aponta para um incremento na área nacional plantada com soja de 4,9%, partindo de 30.173,1 mil hectares na safra anterior para 31.661,8 mil na atual. A despeito das instabilidades do clima por ocasião do plantio, acredita-se que a normalização observada a partir de novembro deverá permitir um bom desenvolvimento das lavouras, estimando-se agora um incremento de 6% nos níveis de produtividades recuperando-se dos prejuízos causados pela falta de chuvas ocorridos em importantes estados produtores na temporada passada. Essa expectativa gera a possibilidade de que a produção de soja na temporada 2014/15 venha atingir o recorde de 95.804,7 mil toneladas, representando um aumento de 11,2% em relação aos níveis alcançados na safra anterior.

Quadro 12 – Calendário de plantio e colheita – Soja

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RR	C						P	P	P		C	C
RO	P	P	P	C	C	C	C					
PA		P	P	P		C	C	C	C			
TO	P	P	P		C	C	C	C				
Nordeste												
MA	P	P	P	P	P/C	C	C	C	C	C		
PI		P	P	P		C	C	C	C			
BA	P	P	P		C	C	C	C				
Centro-Oeste												
MT	P	P	P	C	C	C	C					P
MS	P	P	P	C	C	C	C					P
GO	P	P	P	C	C	C	C					
DF	P	P	P		C	C	C					
Sudeste												
MG	P	P	P	C	C	C	C	C				
SP	P	P	P		C	C	C	C				P
Sul												
PR	P	P	P	C	C	C	C					P
SC	P	P	P	P	P/C	C	C	C				
RS	P	P	P			C	C	C				

Legenda: **P** - Plantio; **C** - Colheita; **P/C** - Plantio e colheita.
Fonte: Conab.

10.1.8.1. Oferta e demanda

Nos Estados Unidos novembro foi marcado por fortes demandas, interna e externa de soja em grão e farelo de soja. Desta forma, apesar da safra recorde estimada pelo Departamento de Agricultura Americano (USDA) em mais de 107 milhões de toneladas, os preços continuaram acima de US$ 10,00/bu. Em que pese uma pequena diminuição da demanda no final do mês citado, os preços continuaram estáveis.

O plantio de soja nos principais estados produtores brasileiros está praticamente terminado. Em alguns casos de plantio de safra precoce, as lavouras já se encontram em estágio de floração e mesmo com atraso no plantio (e em alguns casos replantio), a soja tem se desenvolvido muito bem. Com isto, a produtividade média do Brasil foi estimada, pela Conab, em 3.026 kg/ha, produzindo, assim, 95,8 milhões de toneladas de grão de soja.

Com o aumento do biodiesel na mistura do diesel para B7 e com os baixos preços

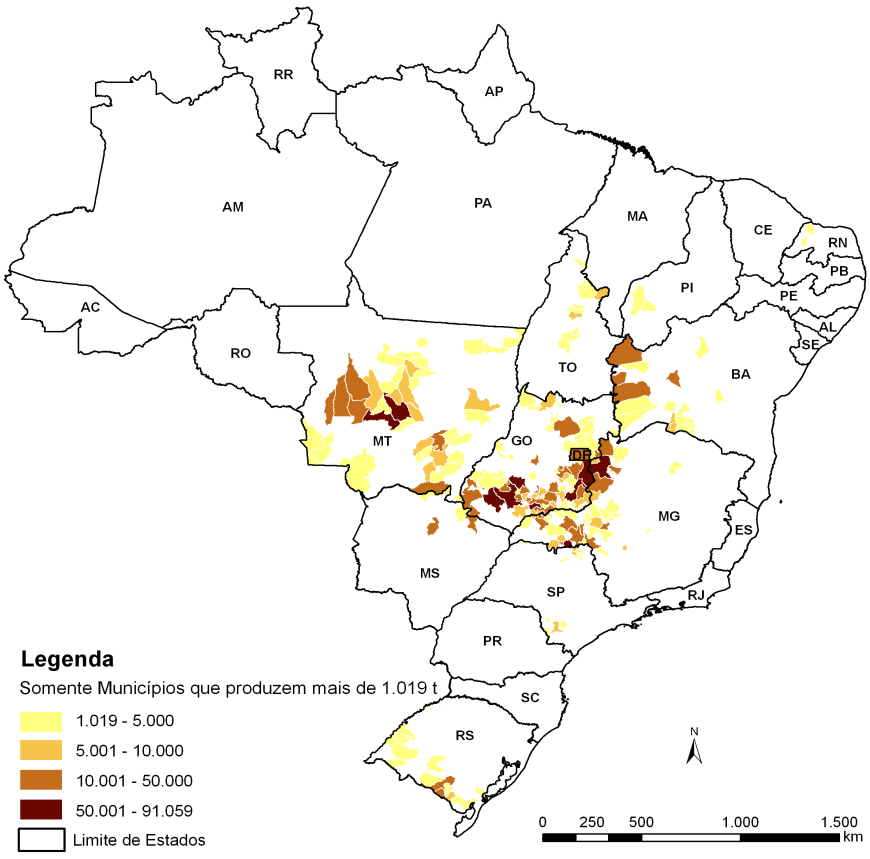
internacionais, os esmagamentos internos foram calculados em 41 milhões de toneladas. Já as exportações, com o incremento das importações chinesas estimadas pelo USDA em 74 milhões de toneladas façam com que o Brasil exporte aproximadamente 49,64 milhões de toneladas de grãos, fazendo com que as exportações de soja em grão contribuam com a balança comercial em aproximadamente US$ 25,2 bilhões, assim como o complexo soja – grãos, farelo e óleo de soja –, com mais de US$ 33 bilhões em 2015.

Os preços internos de novembro de 2014 continuam em patamares altos, se levar em consideração a grande queda do mercado internacional, ficando em média a R$ 54,81/60 kg em novembro no Mato Grosso. O principal fator para a estabilidade interna dos preços é o dólar em alta frente ao real, mas também o pouco produto disponível internamente. Porém, com a entrada da safra em 2015 estes preços deverão cair para patamares menores que os da safra 2014.

Em novembro as exportações deram uma boa freada, ficando em 176,6 mil toneladas, ou seja, valor 72,7% menor que o exportado no mesmo período do ano anterior que foi de 647,9 mil toneladas.

10.1.9. Sorgo

Figura 37 – Mapa da produção agrícola – Sorgo



Fonte: Conab/IBGE.

Quadro 13 – Calendário de plantio e colheita – Sorgo

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
TO			P	P	P	C	C	C				
Nordeste												
PI			P				C					
CE				P	P	P		C	C			
RN				P	P	P		C	C	C		
PB				P	P	P		C	C			
PE					P	P	P	P	C	C	C	C
BA		P	P	P		C	C	C				
Centro-Oeste												
MT					P	P	P		C	C	C	
MS					P	P	P		C	C	C	
GO					P	P	P		C	C	C	
DF						P	P		C	C	C	
Sudeste												
MG					P	P	P		C	C	C	
SP					P	P	P		C	C	C	C
Sul												
RS	P	P	P	P	C	C	C	C				

Legenda: **P** - Plantio; **C** - Colheita; **P/C** - Plantio e colheita.

Fonte: Conab.

Tabela 33 – Comparativo de área, produtividade e produção – Sorgo

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14 (a)	Safra 14/15 (b)	VAR. % (b/a)	Safra 13/14 (c)	Safra 14/15 (d)	VAR. % (d/c)	Safra 13/14 (e)	Safra 14/15 (f)	VAR. % (f/e)
NORTE	**20,4**	**20,4**	**-**	**1.880**	**1.928**	**2,6**	**38,4**	**39,3**	**2,3**
TO	20,4	20,4	-	1.880	1.928	2,6	38,4	39,3	2,3
NORDESTE	**148,7**	**148,7**	**-**	**922**	**938**	**1,7**	**137,0**	**139,4**	**1,8**
PI	7,7	7,7	-	1.819	1.176	(35,3)	14,0	9,1	(35,0)
CE	0,7	0,7	-	2.442	1.489	(39,0)	1,7	1,0	(41,2)
RN	1,2	1,2	-	955	921	(3,6)	1,1	1,1	-
PB	0,2	0,2	-	1.500	1.012	(32,5)	0,3	0,2	(33,3)
PE	1,8	1,8	-	560	820	46,4	1,0	1,5	50,0
BA	137,1	137,1	-	867	923	6,5	118,9	126,5	6,4
CENTRO-OESTE	**363,7**	**363,7**	**-**	**3.096**	**3.008**	**(2,8)**	**1.126,0**	**1.094,0**	**(2,8)**
MT	139,5	139,5	-	2.526	2.406	(4,8)	352,4	335,6	(4,8)
MS	9,1	9,1	-	3.300	2.894	(12,3)	30,0	26,3	(12,3)
GO	206,9	206,9	-	3.420	3.398	(0,6)	707,6	703,0	(0,7)
DF	8,2	8,2	-	4.392	3.551	(19,1)	36,0	29,1	(19,2)
SUDESTE	**183,0**	**183,0**	**-**	**3.003**	**2.990**	**(0,4)**	**549,6**	**547,1**	**(0,5)**
MG	170,2	170,2	-	2.974	2.975	0,1	506,1	506,3	-
SP	12,8	12,8	-	3.400	3.191	(6,1)	43,5	40,8	(6,2)
SUL	**15,2**	**14,4**	**(5,3)**	**2.645**	**2.708**	**2,4**	**40,2**	**39,0**	**(3,0)**
RS	15,2	14,4	(5,0)	2.645	2.708	2,4	40,2	39,0	(3,0)
NORTE/NORDESTE	**169,1**	**169,1**	**-**	**1.037**	**1.057**	**1,9**	**175,4**	**178,7**	**1,9**
CENTRO-SUL	**561,9**	**561,1**	**(0,1)**	**3.054**	**2.995**	**(1,9)**	**1.715,8**	**1.680,1**	**(2,1)**
BRASIL	**731,0**	**730,2**	**(0,1)**	**2.587**	**2.546**	**(1,6)**	**1.891,2**	**1.858,8**	**(1,7)**

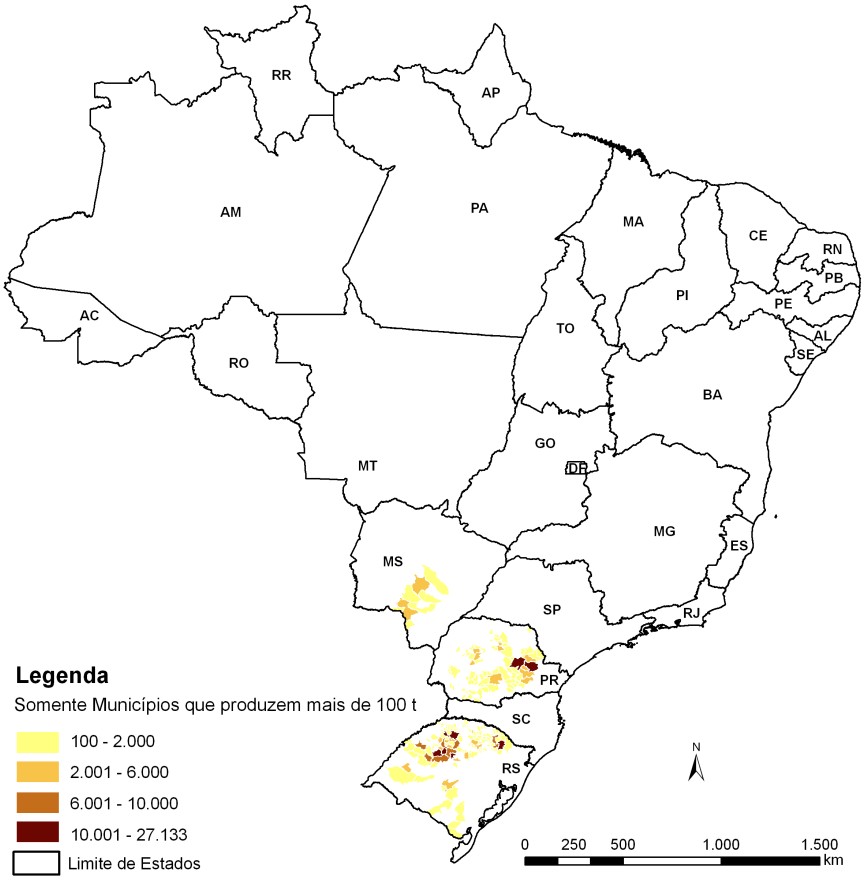
Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2014.

10.2. Culturas de inverno

10.2.1. Aveia

Figura 38 – Mapa da produção agrícola – Aveia



Fonte: Conab/IBGE.

Quadro 14 – Calendário de plantio e colheita – Aveia

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Centro-Oeste												
MS						P	P	P		C	C	C
Sul												
PR	C	C	C				P	P	P	P	C	C
RS	C	C					P	P	P	P		

Legenda: **P** - Plantio; **C** - Colheita; **P/C** - Plantio e colheita.

Fonte: Conab.

Figura 39 – Condição hídrica geral para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil em novembro de 2014

Fonte: Conab.

Tabela 34 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases* em novembro

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas favoráveis (C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Aveia		-	- todo estado do RS (M/C)	

Legenda: *(PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab.

Tabela 35 – Comparativo de área, produtividade e produção – Aveia

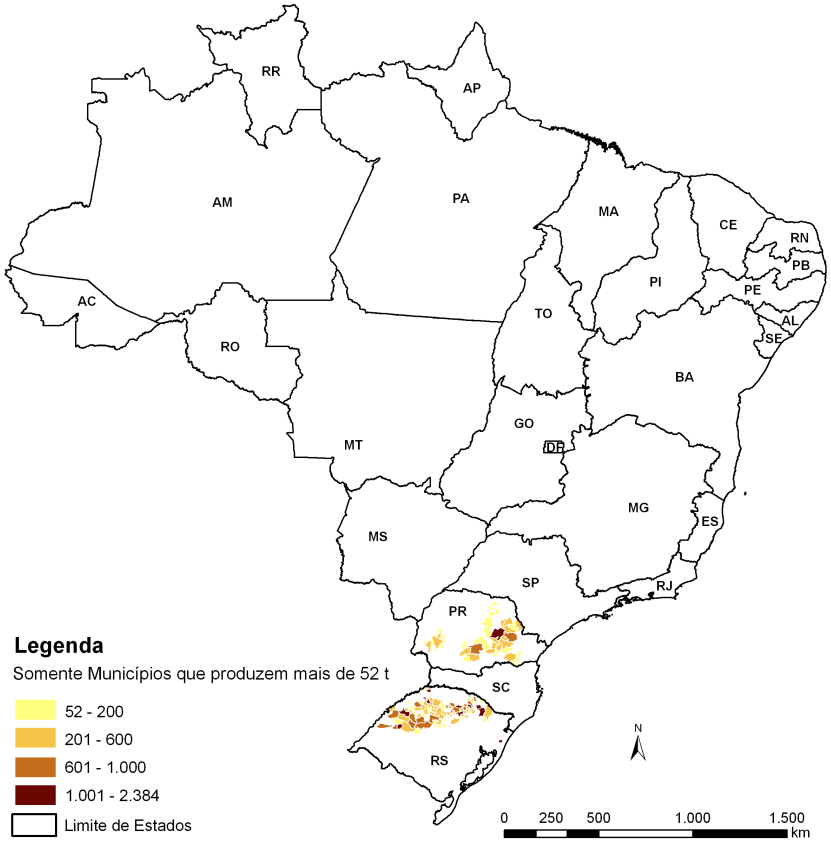
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2013 (a)	Safra 2014 (b)	VAR. % (b/a)	Safra 2013 (c)	Safra 2014 (d)	VAR. % (d/c)	Safra 2013 (e)	Safra 2014 (f)	VAR. % (f/e)
CENTRO-OESTE	**5,9**	**7,6**	**28,8**	**1.695**	**1.474**	**(13,0)**	**10,0**	**11,2**	**12,0**
MS	5,9	7,6	28,8	1.694	1.470	(13,2)	10,0	11,2	12,0
SUL	**164,2**	**135,5**	**(17,5)**	**2.362**	**2.266**	**(4,1)**	**387,9**	**307,0**	**(20,9)**
PR	61,7	56,8	(8,0)	1.831	2.410	31,6	113,0	136,9	21,2
RS	102,5	78,7	(23,2)	2.682	2.162	(19,4)	274,9	170,1	(38,1)
CENTRO-SUL	**170,1**	**143,1**	**(15,9)**	**2.339**	**2.224**	**(4,9)**	**397,9**	**318,2**	**(20,0)**
BRASIL	**170,1**	**143,1**	**(15,9)**	**2.339**	**2.224**	**(4,9)**	**397,9**	**318,2**	**(20,0)**

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2014.

10.2.2. Canola

Figura 40 – Mapa da produção agrícola – Canola



Fonte: Conab/IBGE.

Quadro 15 – Calendário de plantio e colheita – Canola

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sul												
PR	C	C					P	P	P		C	C
SC	C						P	P	P		C	C
RS	C	C					P	P	P			

Legenda: **P** - Plantio; **C** - Colheita; **P/C** - Plantio e colheita.

Fonte: Conab.

Tabela 36 – Comparativo de área, produtividade e produção – Canola

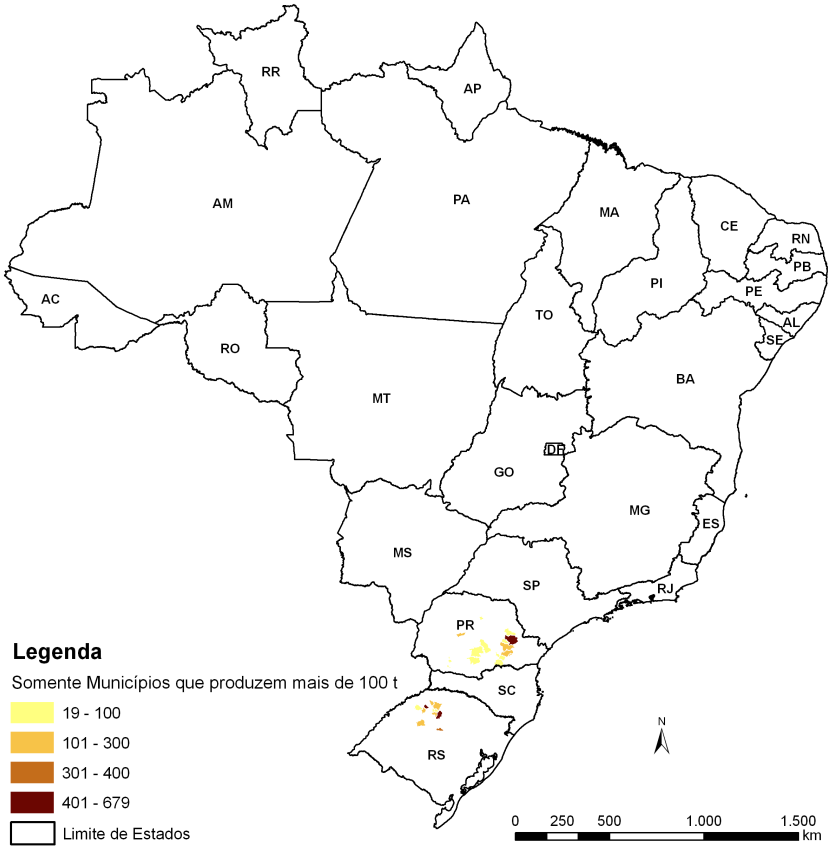
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2013 (a)	Safra 2014 (b)	VAR. % (b/a)	Safra 2013 (c)	Safra 2014 (d)	VAR. % (d/c)	Safra 2013 (e)	Safra 2014 (f)	VAR. % (f/e)
SUL	**45,5**	**45,6**	**0,2**	**1.330**	**1.039**	**(21,9)**	**60,5**	**47,4**	**(21,7)**
PR	15,2	6,6	(56,5)	813	1.393	71,3	12,4	9,2	(25,8)
RS	30,3	39,0	28,7	1.587	980	(38,2)	48,1	38,2	(20,6)
CENTRO-SUL	**45,5**	**45,6**	**0,2**	**1.330**	**1.039**	**(21,9)**	**60,5**	**47,4**	**(21,7)**
BRASIL	**45,5**	**45,6**	**0,2**	**1.330**	**1.039**	**(21,9)**	**60,5**	**47,4**	**(21,7)**

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2014.

10.2.3. Centeio

Figura 41 – Mapa da produção agrícola – Centeio



Fonte: Conab/IBGE.

Quadro 16 – Calendário de plantio e colheita – Centeio

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sul												
PR	C							P	P	P		C
RS	C	C						P	P			

Legenda: **P** - Plantio; **C** - Colheita; **P/C** - Plantio e colheita.

Fonte: Conab.

Tabela 37 – Comparativo de área, produtividade e produção – Centeio

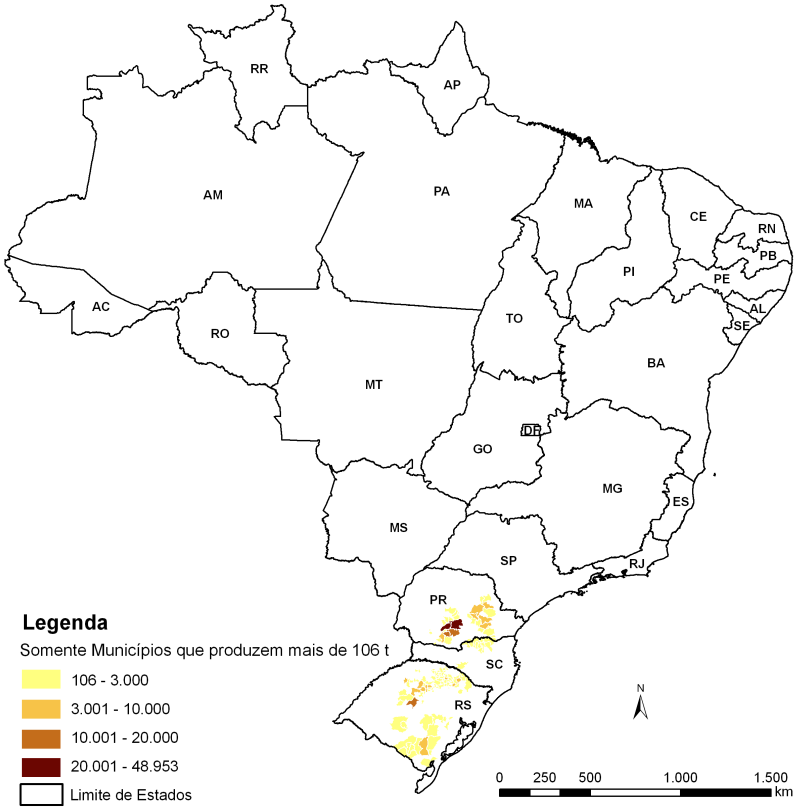
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2013 (a)	Safra 2014 (b)	VAR. % (b/a)	Safra 2013 (c)	Safra 2014 (d)	VAR. % (d/c)	Safra 2013 (e)	Safra 2014 (f)	VAR. % (f/e)
SUL	**1,5**	**1,8**	**20,0**	**1.800**	**2.000**	**11,1**	**2,7**	**3,6**	**33,3**
PR	1,0	1,3	25,9	1.904	2.186	14,8	1,9	2,8	47,4
RS	0,5	0,5	-	1.500	1.500	-	0,8	0,8	-
CENTRO-SUL	**1,5**	**1,8**	**20,0**	**1.800**	**2.000**	**11,1**	**2,7**	**3,6**	**33,3**
BRASIL	**1,5**	**1,8**	**20,0**	**1.800**	**2.000**	**11,1**	**2,7**	**3,6**	**33,3**

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2014.

10.2.4. Cevada

Figura 42 – Mapa da produção agrícola – Cevada



Fonte: Conab/IBGE.

Quadro 17 – Calendário de plantio e colheita – Cevada

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sul												
PR	C	C	C					P	P	P		
SC		C							P	P		
RS	C	C	C					P	P	P		

Legenda: **P** - Plantio; **C** - Colheita; **P/C** - Plantio e colheita.

Fonte: Conab.

Tabela 38 – Comparativo de área, produtividade e produção – Cevada

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2013 (a)	Safra 2014 (b)	VAR. % (b/a)	Safra 2013 (c)	Safra 2014 (d)	VAR. % (d/c)	Safra 2013 (e)	Safra 2014 (f)	VAR. % (f/e)
SUL	**102,9**	**108,8**	**5,7**	**3.510**	**2.831**	**(19,3)**	**361,2**	**308,0**	**(14,7)**
PR	43,7	53,2	21,8	4.157	3.608	(13,2)	181,7	191,9	5,6
SC	1,8	1,0	(44,5)	3.300	3.300	-	5,9	3,3	(44,1)
RS	57,4	54,6	(4,9)	3.024	2.065	(31,7)	173,6	112,7	(35,1)
CENTRO-SUL	**102,9**	**108,8**	**5,7**	**3.510**	**2.831**	**(19,3)**	**361,2**	**308,0**	**(14,7)**
BRASIL	**102,9**	**108,8**	**5,7**	**3.510**	**2.831**	**(19,3)**	**361,2**	**308,0**	**(14,7)**

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2014.

10.2.5. Trigo

A safra brasileira de trigo ocupa, nesta safra, uma área de 2.725,2 mil hectares, aumento de 23,3% em relação a 2013, o que corresponde a 515,4 mil hectares. O aumento para essa safra teve relação com a demanda que, assim como na safra anterior, continua aquecida, visto que o país é um grande importador. A produção do país nas últimas seis safras tem sido, em média, de 5,4 milhões de toneladas, enquanto o nosso consumo chega a 10,3 milhões de toneladas. Nesta safra, com a queda na produção gaúcha, a expectativa é de que o país produza 5,95 milhões de toneladas, com a demanda que deve se aproximar de 13 milhões de toneladas, ou seja, ainda que esta produção se consolide, ainda será necessário importar cerca de 6 milhões de toneladas.

A área semeada com trigo no Rio Grande do Sul ficou em 1.139,5 mil hectares, com crescimento de 9,7% em relação à safra anterior. O aumento de área aconteceu porque no período de planejamento da lavoura o trigo tinha bom preço, tanto no mercado interno como também o trigo importado apresentava paridade favorável à produção brasileira.

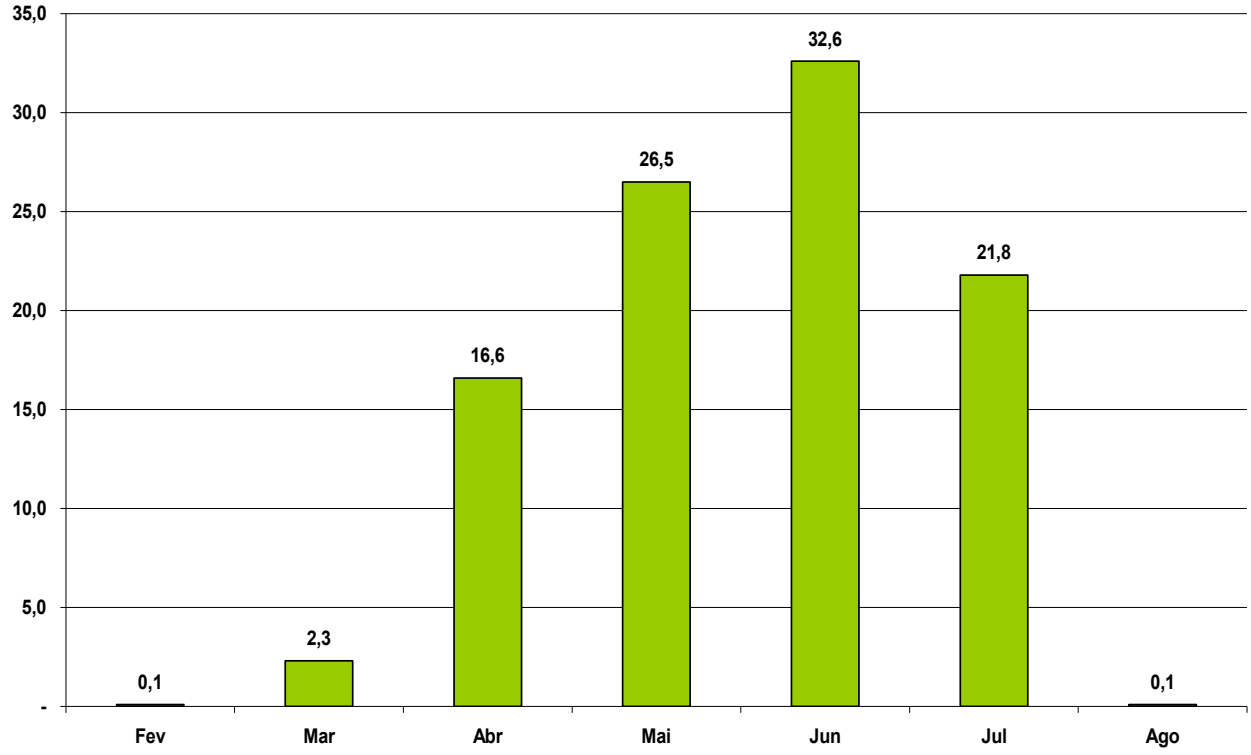
O cultivo do trigo em 2014 foi tumultuado durante todo seu ciclo. No estabelecimento da lavoura, o excesso de umidade não permitiu a semeadura dentro da janela recomendada, desde a Fronteira Oeste até a região Nordeste do estado, passando pelas Missões, Noroeste e Centro do estado. Apenas em parte da Região Nordeste e Norte os produtores conseguiram semear dentro do período recomendado. Vale salientar que nestas últimas, a semeadura é realizada um mês depois do início na Fronteira Oeste.

Tabela 39 – Calendário de plantio e colheita – Trigo

UF/REGIÃO		21/06 a 22/09			22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06		
		Inverno			Primavera			Verão			Outono		
		Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun
CENTRO-OESTE	Plantio	-	-	-	-	-	-	-	-	-	81,3	18,7	-
	Colheita	-	97,3	2,7	-	-	-	-	-	-	-	-	-
MS	Plantio	-	-	-	-	-	-	-	-	-	81,3	18,7	-
	Colheita	-	97,3	2,7	-	-	-	-	-	-	-	-	-
SUDESTE	Plantio	-	-	-	-	-	-	-	0,9	15,1	59,5	24,1	0,4
	Colheita	4,6	60,5	30,2	1,5	-	-	-	-	-	-	1,3	1,9
MG	Plantio	-	-	-	-	-	-	-	1,7	28,9	40,7	27,9	0,8
	Colheita	8,8	51,9	30,4	2,8	-	-	-	-	-	-	2,4	3,7
SP	Plantio	-	-	-	-	-	-	-	-	-	80,0	20,0	-
	Colheita	-	70,0	30,0	-	-	-	-	-	-	-	-	-
SUL	Plantio	23,0	0,1	-	-	-	-	-	-	1,7	14,1	26,7	34,4
	Colheita	-	2,7	21,1	37,9	37,1	1,2	-	-	-	-	-	-
PR	Plantio	16,2	-	-	-	-	-	-	-	3,2	26,8	32,9	20,9
	Colheita	-	5,2	40,0	28,7	25,3	0,8	-	-	-	-	-	-
SC	Plantio	59,2	0,3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	40,5
	Colheita	-	-	-	4,2	76,4	19,4	-	-	-	-	-	-
RS	Plantio	28,6	-	-	-	-	-	-	-	-	-	21,1	50,3
	Colheita	-	-	-	51,2	48,6	0,2	-	-	-	-	-	-
CENTRO-SUL	Plantio	21,8	0,1	-	-	-	-	-	0,1	2,3	16,6	26,5	32,6
	Colheita	0,2	5,9	21,5	36,0	35,2	1,0	-	-	-	-	0,1	0,1
BRASIL	Plantio	21,8	0,1	-	-	-	-	-	0,1	2,3	16,6	26,5	32,6
	Colheita	0,2	5,9	21,5	36,0	35,2	1,0	-	-	-	-	0,1	0,1

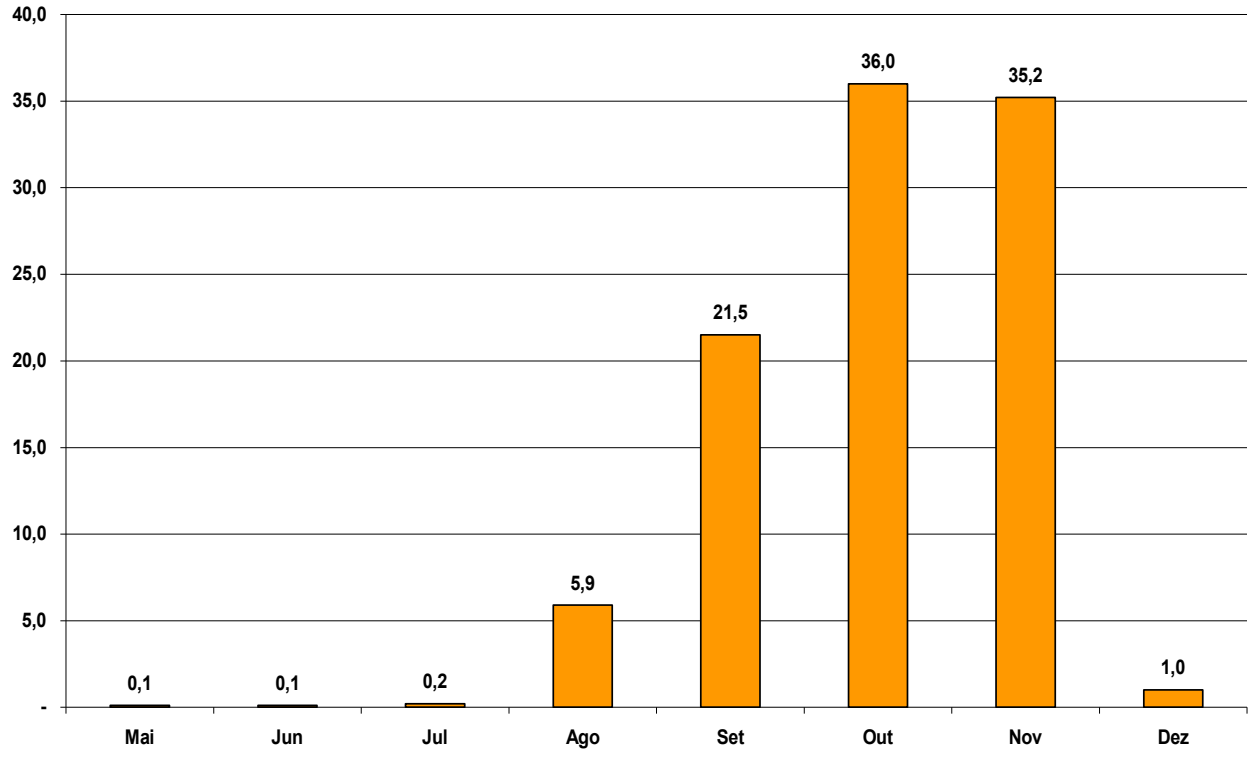
Fonte: Conab.

Gráfico 31 – Calendário de plantio – Trigo



Fonte: Conab.

Gráfico 32 – Calendário de colheita – Trigo

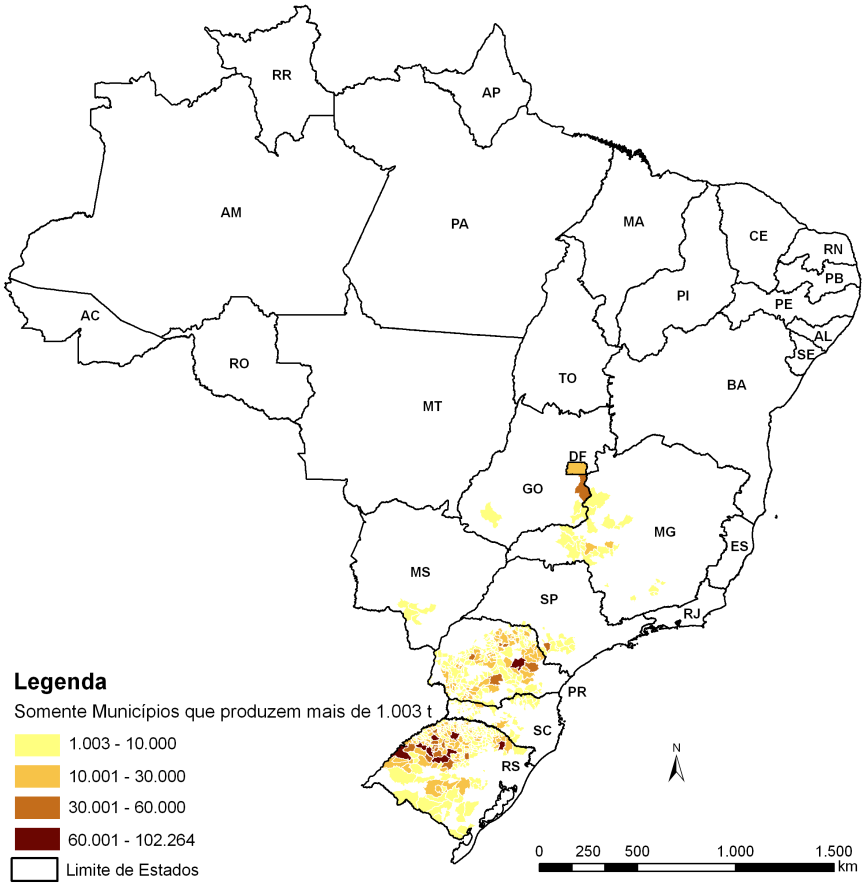


Fonte: Conab.

Durante o desenvolvimento da cultura vários fatores adversos influenciaram para que o resultado final fosse frustrante para a maioria dos produtores – geadas, chuvas torrenciais, enxurradas, falta de luminosidade, calor excessivo, ataque de doenças em geral, granizo, acamamento – o resultado foi baixa produtividade de um produto sem qualidade e alguns lotes com baixo padrão. Apenas os municípios de Lagoa Vermelha, Vacaria e suas adjacências tiveram produtividade normal e produto de boa qualidade.

Nestes municípios o clima foi menos drástico em quase todo o ciclo produtivo. Outras regiões que começaram a colher mais cedo e obtiveram produto razoável são as que compreendem parte da Fronteira Oeste e Parte das Missões, mais precisamente nos municípios de São Borja, São Luiz Gonzaga, Santiago e seus arredores. Nestes municípios, as lavouras semeadas mais cedo e que escaparam da geada tiveram boa produtividade e produto com PH igual ou superior a 78. As lavouras colhidas na sequência acusaram os resultados negativos dos fatores adversos já citados. A produtividade que inicialmente estava prevista em 2.700 kg/ha foi reduzida para 1.330 kg/ha de produto com pouca qualidade, percentual significativo de triguilho e grãos sem valor comercial. Dentro deste quadro, a produção gaúcha de trigo deverá ficar em 1.515,5 mil toneladas, 52,3% menor que a safra 2013. Em consequência do relatado, mais de 90% dos produtores estão recorrendo ao Proagro e ao seguro agrícola.

Figura 43 – Mapa da produção agrícola – Trigo



Fonte: Conab/IBGE.

Figura 44 – Condição hídrica geral para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil em novembro de 2014

Fonte: Conab.

Tabela 40 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases* em novembro

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas favoráveis (C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Trigo			- oeste e sul de SC (C) - sul do PR (C) - todo estado do RS (C	

Legenda: *(PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.
Fonte: Conab.

Quadro 18 – Calendário de plantio e colheita – Trigo

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Centro-Oeste												
MS							P	P			C	C
GO							P	P	P	C	C	C
DF							P	P	P		C	C
Sudeste												
MG	C				P	P	P	P/C	P/C	C	C	C
SP							P	P			C	C
Sul												
PR	C	C	C			P	P	P	P	P	C	C
SC	C	C	C						P	P	P	
RS	C	C	C					P	P	P		

Legenda: **P** - Plantio; **C** - Colheita; **P/C** - Plantio e colheita.
Fonte: Conab.

A comercialização do trigo no estado está praticamente parada, com exceção dos municípios que aderiram o Prêmio de Equalizador Pago ao Produtor (Pepro). Outro fator preocupante diz respeito à utilização dos subprodutos da colheita (triguilho, farelo, ponta de espiga) para a ração animal. Os preços são bastante acessíveis, mas, devido à quantidade de toxinas nas sementes, só está sendo permitido o uso destes subprodutos na ração de terminação, sob o risco de intoxicar todo o rebanho com o uso mais prolongado de ração composta por estes resíduos.

No Paraná a cultura deve ocupar uma área de 1.356,2 mil hectares, representando um incremento de 36,6% em relação à safra anterior, sendo que a semeadura foi concluída em julho e a colheita atingiu 99,2% da área total. O restante da área atravessa as fases de maturação.

Houve uma redução na expectativa de produtividade em relação ao levantamento passado (2.854 kg/ha), pois a cultura teve problemas no final do ciclo em razão de chuvas ocorridas entre a última quinzena de setembro e a primeira semana de outubro, coincidindo com o período de colheita. Houve ocorrência de doenças (bacterioses e brusone), além de grãos brotados. Do produto colhido, parte dele apresenta baixos valores de PH (abaixo de 78), W e Falling number e não terão condições satisfatórias para comercialização, tendo como provável destino as fábricas de ração e cola.

A produtividade do estado deve alcançar 2.781 kg/ha nesta safra, ante 1.856 kg/ha na safra 2013. A lavoura foi duramente castigada em função das geadas e excesso de chuvas em junho de 2013, que promoveu o aparecimento de doenças fúngicas, comprometendo a produtividade, o que explica esse incremento de 49,8% na produtividade da safra 2014 em relação à safra 2013. A produção, que foi de 1.842,6 mil toneladas em 2013, ainda assim deve apresentar um aumento de 104,7%, estimada nesta safra em 3.771,6 mil toneladas.

Em Santa Catarina o clima foi chuvoso na época de florescimento e início da formação dos grãos em algumas regiões, dificultando a aplicação de defensivos, pois, além da dificuldade para entrar nas lavouras, já que as condições de solo não permitiam o acesso das máquinas, a alta umidade das plantas tornava os produtos menos eficientes, resultado da diluição/lavagem destes. Períodos de pouca insolação durante esta fase também favoreceram o ataque de doenças, principalmente giberela e, em alguns casos, brusone, entre outras, as quais provocaram perdas de qualidade e quantidade de grãos.

A ocorrência de chuvas moderadas na última semana de novembro pode afetar a qualidade do produto remanescente, pois a alta umidade favorece a germinação na espiga, a qual reduz o PH e a qualidade do grão. Com aproximadamente 80,6% das lavouras colhidas no final de novembro, pode-se observar uma redução na produtividade de 9,8% em relação à safra passada. Contudo, é a baixa qualidade que mais preocupa o setor produtivo. Até o momento, pouco mais da metade dos grãos colhidos é considerado bom, levando-se em conta as características industriais do produto final, processado em forma de farinha.

Apesar de boa parte do produto ser considerado dentro do padrão comercial (PH 78, ou próximo), os problemas decorrentes das condições climáticas podem afetar a qualidade da farinha a ser obtida a partir deste produto, pois, muitas vezes, a comercialização leva em conta não só o PH, mas todas as variáveis reológicas (número de queda e força do glúten) que interessam às indústrias moageiras. Muitos informantes relatam a necessidade de tentar segregar o produto a partir do PH e, futuramente, mesclar os lotes para atingir o nível de qualidade mínimo exigido para a comercialização. A perda de qualidade pode comprometer ainda mais a rentabilidade do produto, pois um bom volume deve ser destinado à produção de ração.

Ao contrário do Rio Grande do Sul, a presença de aflatoxinas é bastante reduzida, pois o grão colhido não apresentava sinais de podridões ou mofos. O grão também não sofreu processo de fermentação no campo, pois a colheita foi realizada em dias ensolarados. Devido às condições climáticas, o controle de doenças foi prejudicado, sendo que muitas lavouras receberam mais de dez tratamentos com defensivos para tentar proteger a cultura. As temperaturas elevadas em setembro e outubro, aliada com chuvas excessivas e mal distribuídas, prejudicaram de um modo geral a cultura do trigo nesta safra. A produção deve sofrer redução de 6% em relação à safra passada, chegando a 222,5 mil toneladas, numa área de 75,7 mil hectares e produtividade de 2.939 kg/ha.

Em Minas Gerais o cultivo de trigo apresentou um crescimento de 87,8% nesta safra, motivado pelos bons preços de comercialização à época do plantio e também por constituir uma boa alternativa de aproveitamento do solo no período de inverno, devido às baixas temperaturas registradas nesta época do ano em algumas regiões, muitas vezes restritivas ao plantio de outras culturas, passando de 36,2 mil para 68 mil hectares.

Os efeitos da estiagem, nas fases de desenvolvimento vegetativo e enchimento dos grãos, se refletiram na produtividade das lavouras, estimada em 3.004 kg/ha, o que representa uma queda de 9,2% na produtividade média, quando comparada com a safra anterior, tendo afetado não só as lavouras de sequeiro, mas também as lavouras implantadas sob pivô, que sofreram restrições nos níveis de irrigação, em razão da escassez de água. Houve também casos pontuais de perdas, decorrentes de chuvas na colheita, resultando em baixos preços para a produção afetada e maior dificuldade de comercialização. Estima-se uma produção de 204,3 mil toneladas de trigo, o que representa um incremento de 70,5%, comparativamente à safra 2013.

Tabela 41 – Comparativo de área, produtividade e produção – Trigo

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2013 (a)	Safra 2014 (b)	VAR. % (b/a)	Safra 2013 (c)	Safra 2014 (d)	VAR. % (d/c)	Safra 2013 (e)	Safra 2014 (f)	VAR. % (f/e)
CENTRO-OESTE	**17,6**	**23,3**	**32,4**	**3.386**	**3.682**	**8,7**	**59,6**	**85,8**	**44,0**
MS	8,5	12,0	41,2	900	2.000	122,2	7,7	24,0	211,7
GO	7,3	9,9	35,6	5.390	5.397	0,1	39,3	53,4	35,9
DF	1,8	1,4	(22,2)	7.000	6.000	(14,3)	12,6	8,4	(33,3)
SUDESTE	**88,1**	**130,5**	**48,1**	**2.390**	**2.717**	**13,7**	**210,6**	**354,6**	**68,4**
MG	36,2	68,0	87,8	3.309	3.004	(9,2)	119,8	204,3	70,5
SP	51,9	62,5	20,5	1.749	2.404	37,4	90,8	150,3	65,5
SUL	**2.104,1**	**2.571,4**	**22,2**	**2.499**	**2.143**	**(14,2)**	**5.257,7**	**5.509,6**	**4,8**
PR	992,8	1.356,2	36,6	1.856	2.781	49,8	1.842,6	3.771,6	104,7
SC	72,6	75,7	4,3	3.260	2.939	(9,8)	236,7	222,5	(6,0)
RS	1.038,7	1.139,5	9,7	3.060	1.330	(56,5)	3.178,4	1.515,5	(52,3)
CENTRO-SUL	**2.209,8**	**2.725,2**	**23,3**	**2.502**	**2.183**	**(12,7)**	**5.527,9**	**5.950,0**	**7,6**
BRASIL	**2.209,8**	**2.725,2**	**23,3**	**2.502**	**2.183**	**(12,7)**	**5.527,9**	**5.950,0**	**7,6**

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2014.

10.2.5.1. Oferta e demanda

A atipicidade climática que ocorreu na Região Sul do Brasil, no final do segundo semestre de 2014, provocou elevadas perdas de produção em volume e qualidade, principalmente no Rio Grande do Sul, alterando as previsões iniciais de oferta e demanda.

Em outubro, estimou-se que a produção no estado Gaúcho poderia ser de 3 milhões de toneladas. Entretanto, a persistência de chuvas torrenciais com ocorrência de

granizos e vendavais, além de elevadas temperaturas, provocou sérios prejuízos no campo agravados com o surgimento e a propagação de giberela e bruzone com forte intensidade.

Assim, em dezembro, a Conab em nova pesquisa de safra divulgou o resultado do novo levantamento e uma redução de 1,5 milhão de toneladas em relação à estimativa de outubro, fazendo com que a produção estadual recuasse de 3 para 1,5 milhão de toneladas, com perda próxima de 50%. Saliente-se que o estado gaúcho tem um consumo de 1,1 milhão de toneladas de trigo doméstico, mais um adicional de trigo importado que varia entre 200 e 300 mil toneladas anuais.

No Paraná o clima adverso provocou a diminuição do volume de produção para 3,77 milhões, também apresentando perda de qualidade, principalmente na região sudoeste do estado. O consumo no Paraná está estimado em 2,6 milhões de toneladas, restando cerca de 1 milhão de toneladas em disponibilidade para o fornecimento para outros estados.

Com a produção nacional reduzida para 5.950 mil toneladas, a necessidade de importações deverá elevar-se para 6,65 milhões de toneladas, anteriormente prevista em 5,50 milhões de toneladas, o que evidencia acréscimo de 20% devido à perda de quantidade e qualidade da produção tritícola na Região Sul.

A estimativa de exportação também foi reavaliada e elevada para 600 mil toneladas, favorecida pela demanda na Ásia por trigo de qualidade inferior e para alimentação animal, disponível, principalmente, no Rio Grande do Sul. Há interesse de Tradings na aquisição de trigo de menor qualidade para exportação, ao preço de US$175,00/179,00 a tonelada, posto sobre rodas no porto de Rio Grande, o que equivale a R$451,00/461,82 por tonelada, ao câmbio de R$2,58 (05/12/14).

A estimativa de moagem industrial foi mantida em 11,8 milhões de toneladas, ou seja, 5,3% acima da moagem de 2013. Dessa forma, o consumo mensal de trigo em grão no país, medido pelo processamento industrial, é de 983 mil toneladas/mês.

Finalmente, para uso como sementes foram estimadas 408,7 mil toneladas, aferidas com base na área de plantio de 2,72 milhões de hectares.

Neste cenário, o estoque de passagem poderá ser de 724,9 mil toneladas, 26,2% abaixo do volume requerido para um mês de consumo industrial avaliado em 983 mil toneladas. Portanto, a demanda nacional por trigo em grão deverá ser de 12,2 milhões de toneladas, 5,87% maior que em 2013.

Tabela 42 – Oferta e demanda de trigo em grão no Brasil

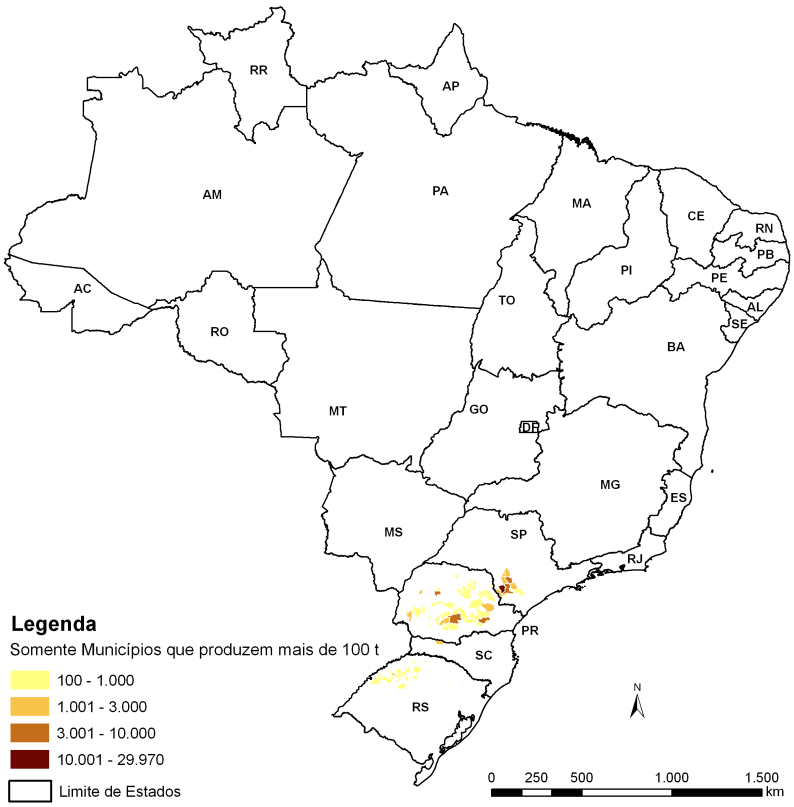
Período: agosto-julho **(mil toneladas)**

SAFRA	ESTOQUE INICIAL (01 AGO)	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO GRÃOS	SUPRIMENTO	EXPORTAÇÃO GRÃOS	CONSUMO INTERNO			ESTOQUE FINAL (31 JUL)
						MOAGEM INDUSTRIAL	SEMENTES	TOTAL	
2010/11	**2.870,5**	**5.881,6**	**5.771,9**	**14.524,0**	**2.515,9**	**9.920,0**	**322,0**	**10.242,0**	**1.766,1**
2011/12	**1.766,1**	**5.788,6**	**6.011,8**	**13.566,5**	**1.901,0**	**10.120,0**	**324,9**	**10.444,9**	**1.220,6**
2012/13	**1.220,6**	**4.379,5**	**7.010,2**	**12.610,3**	**1.683,8**	**10.300,0**	**284,3**	**10.584,3**	**342,2**
2013/14	**342,2**	**5.527,9**	**6.642,3**	**12.512,4**	**47,4**	**11.200,0**	**331,4**	**11.531,4**	**933,6**
2014/15 (1)	**933,6**	**5.950,0**	**6.650,0**	**13.533,6**	**600,0**	**11.800,0**	**408,7**	**12.208,7**	**724,9**

Fonte: Conab, MDIC, Abtrigo 8/12/2014
(1) Estimativa

10.2.6. Triticale

Figura 45 – Mapa da produção agrícola – Triticale



Fonte: Conab/IBGE.

Quadro 19 – Calendário de plantio e colheita – Triticale

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sudeste												
SP	C							P	P			C
Sul												
PR	C	C	C				P	P	P	P	C	C
SC	C	C							P	P		
RS	C	C						P	P			

Legenda: **P** - Plantio; **C** - Colheita; **P/C** - Plantio e colheita.
Fonte: Conab.

Tabela 43 – Comparativo de área, produtividade e produção – Triticale

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2013 (a)	Safra 2014 (b)	VAR. % (b/a)	Safra 2013 (c)	Safra 2014 (d)	VAR. % (d/c)	Safra 2013 (e)	Safra 2014 (f)	VAR. % (f/e)
SUDESTE	**20,0**	**20,0**	**-**	**2.760**	**2.400**	**(13,0)**	**55,2**	**48,0**	**(13,0)**
SP	20,0	20,0	-	2.762	2.400	(13,1)	55,2	48,0	(13,0)
SUL	**22,8**	**20,2**	**(11,4)**	**2.175**	**2.530**	**16,3**	**49,6**	**51,1**	**3,0**
PR	16,9	13,9	(18,0)	2.200	2.733	24,2	37,2	38,0	2,2
SC	0,7	0,6	(14,3)	2.710	2.600	(4,1)	1,9	1,6	(15,8)
RS	5,2	5,7	10,2	2.015	2.015	-	10,5	11,5	9,5
CENTRO-SUL	**42,8**	**40,2**	**(6,1)**	**2.449**	**2.465**	**0,7**	**104,8**	**99,1**	**(5,4)**
BRASIL	**42,8**	**40,2**	**(6,1)**	**2.449**	**2.465**	**0,7**	**104,8**	**99,1**	**(5,4)**

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2014.

11. Balanço de oferta e demanda

Tabela 44 – Tabela do balanço de oferta e demanda de algodão, arroz, feijão, milho, complexo soja e trigo

Em 1.000 toneladas

PRODUTO	SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
ALGODÃO EM PLUMA	2009/10	394,2	1.194,1	39,2	1.627,5	1.039,0	512,5	76,0
	2010/11	76,0	1.959,8	144,2	2.180,0	900,0	758,3	521,7
	2011/12	521,7	1.893,3	3,5	2.418,5	895,2	1.052,8	470,5
	2012/13	470,5	1.310,3	17,4	1.798,2	920,2	572,9	305,1
	2013/14	305,1	1.734,0	35,5	2.074,6	850,0	705,0	519,6
	2014/15	519,6	1.539,0	18,0	2.076,6	850,0	700,0	526,6
ARROZ EM CASCA	2009/10	2.531,5	11.660,9	1.044,8	15.237,2	12.152,5	627,4	2.457,3
	2010/11	2.457,3	13.613,1	825,4	16.895,8	12.236,7	2.089,6	2.569,5
	2011/12	2.569,5	11.599,5	1.068,0	15.237,0	11.656,5	1.455,2	2.125,3
	2012/13	2.125,3	11.819,7	965,5	14.910,5	12.617,7	1.210,7	1.082,1
	2013/14	1.082,1	12.121,6	1.000,0	14.203,7	12.000,0	1.200,0	1.003,7
	2014/15	1.003,7	12.209,3	1.000,0	14.213,0	12.000,0	1.200,0	1.013,0
FEIJÃO	2009/10	317,7	3.322,5	181,2	3.821,4	3.450,0	4,5	366,9
	2010/11	366,9	3.732,8	207,1	4.306,8	3.600,0	20,4	686,4
	2011/12	686,4	2.918,4	312,3	3.917,1	3.500,0	43,3	373,8
	2012/13	373,8	2.806,3	304,4	3.484,5	3.320,0	35,3	129,2
	2013/14	129,2	3.431,6	100,0	3.660,8	3.350,0	45,0	265,8
	2014/15	265,8	3.249,6	120,0	3.635,4	3.350,0	65,0	220,4
MILHO	2009/10	7.112,8	56.018,1	391,9	63.522,8	46.967,6	10.966,1	5.589,1
	2010/11	5.589,1	57.406,9	764,4	63.760,4	48.485,5	9.311,9	5.963,0
	2011/12	5.963,0	72.979,5	774,0	79.716,5	51.888,6	22.313,7	5.514,2
	2012/13	5.514,2	81.505,7	911,4	87.931,3	53.498,3	26.174,1	8.258,9
	2013/14	8.258,9	79.905,5	700,0	88.864,4	53.905,6	19.500,0	15.458,8
	2014/15	15.458,8	78.689,2	300,0	94.448,0	55.000,0	20.000,0	19.448,0
SOJA EM GRÃOS	2009/10	674,4	68.688,2	117,8	69.480,4	37.800,0	29.073,2	2.607,2
	2010/11	2.607,2	75.324,3	41,0	77.972,5	41.970,0	32.986,0	3.016,5
	2011/12	3.016,5	66.383,0	266,5	69.666,0	36.754,0	32.468,0	444,0
	2012/13	444,0	81.499,4	282,8	82.226,2	38.524,0	42.791,9	910,3
	2013/14	910,3	86.120,8	630,0	87.661,1	39.935,8	45.600,0	2.125,3
	2014/15	2.125,3	95.804,7	250,0	98.180,0	44.200,0	49.640,0	4.340,0
FARELO DE SOJA	2009/10	1.903,2	26.719,0	39,5	28.661,7	12.944,0	13.668,6	2.049,1
	2010/11	2.049,1	29.298,5	24,8	31.372,4	13.758,0	14.355,0	3.259,4
	2011/12	3.259,4	26.026,0	5,0	29.290,4	14.051,0	14.289,0	950,4
	2012/13	950,4	27.258,0	3,9	28.212,3	14.000,0	13.333,5	878,8
	2013/14	878,8	28.336,0	1,0	29.215,8	14.500,0	13.000,0	1.715,8
	2014/15	1.715,8	31.570,0	1,0	33.286,8	14.800,0	14.800,0	3.686,8
ÓLEO DE SOJA	2009/10	302,2	6.766,5	16,2	7.084,9	4.980,0	1.563,8	541,1
	2010/11	541,1	7.419,8	0,1	7.961,0	5.528,0	1.741,0	692,0
	2011/12	692,0	6.591,0	1,0	7.284,0	5.328,0	1.757,1	198,9
	2012/13	198,9	6.903,0	5,0	7.106,9	5.500,0	1.362,5	244,4
	2013/14	244,4	7.176,0	0,1	7.420,5	5.500,0	1.373,5	547,0
	2014/15	547,0	7.995,0	1,0	8.543,0	6.500,0	1.350,0	693,0
TRIGO	2009	2.706,7	5.026,2	5.922,2	13.655,1	9.614,2	1.170,4	2.870,5
	2010	2.870,5	5.881,6	5.771,9	14.524,0	10.242,0	2.515,9	1.766,1
	2011	1.766,1	5.788,6	6.011,8	13.566,5	10.444,9	1.901,0	1.220,6
	2012	1.220,6	4.379,5	7.010,2	12.610,3	10.584,3	1.683,8	342,2
	2013	342,2	5.527,9	6.642,3	12.512,4	11.531,4	47,4	933,6
	2014	933,6	5.950,0	6.650,0	13.533,6	12.208,7	600,0	724,9

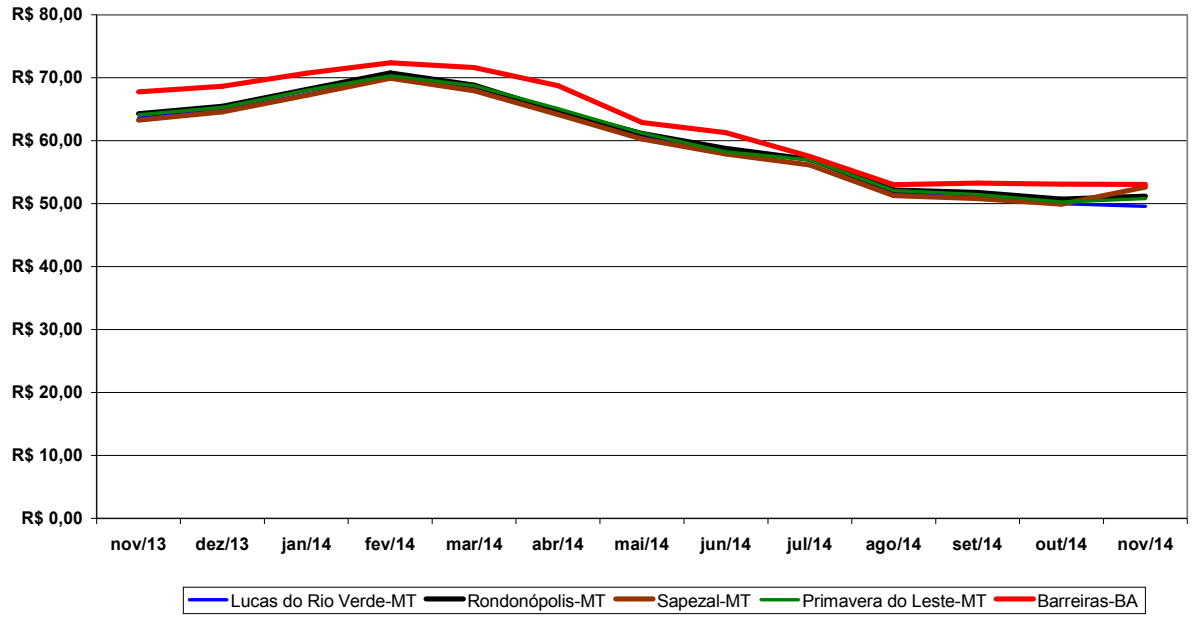
Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2014.

Estoque de Passagem - Algodão, Feijão e Soja: 31 de Dezembro - Arroz 28 de Fevereiro - Milho 31 de Janeiro - Trigo 31 de Julho

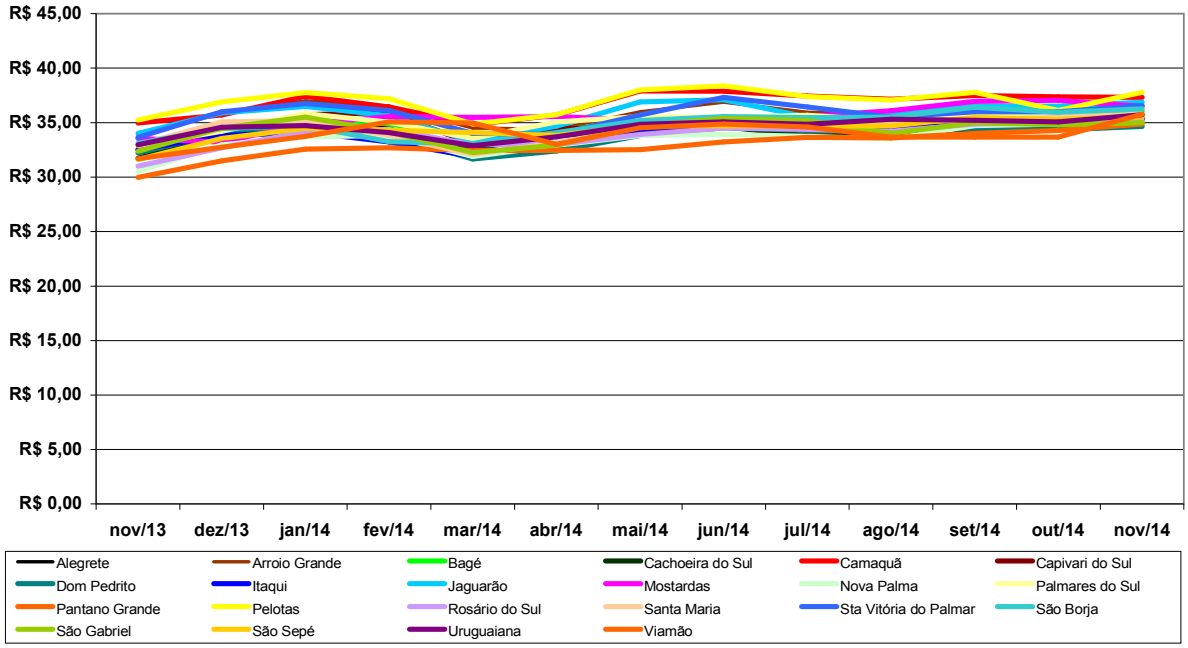
12. Anexos

Gráfico 33 – Preço de algodão em pluma (15 Kg) – Mato Grosso e Bahia



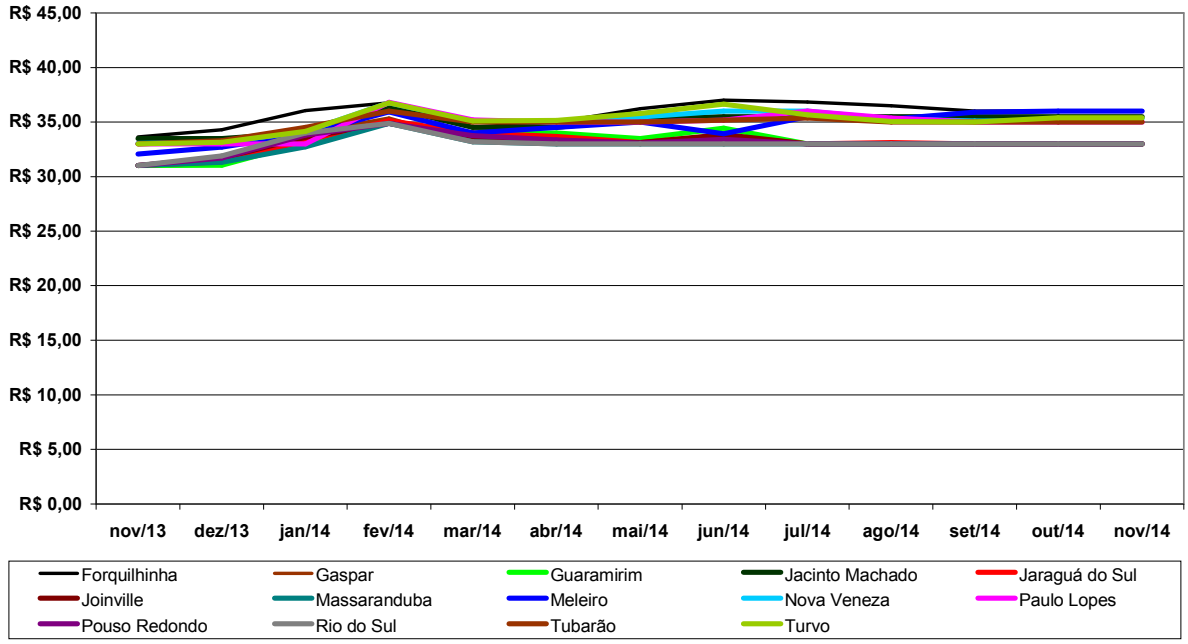
Fonte: Conab.

Gráfico 34 – Preço de arroz longo fino em casca (50 Kg) – Rio Grande do Sul



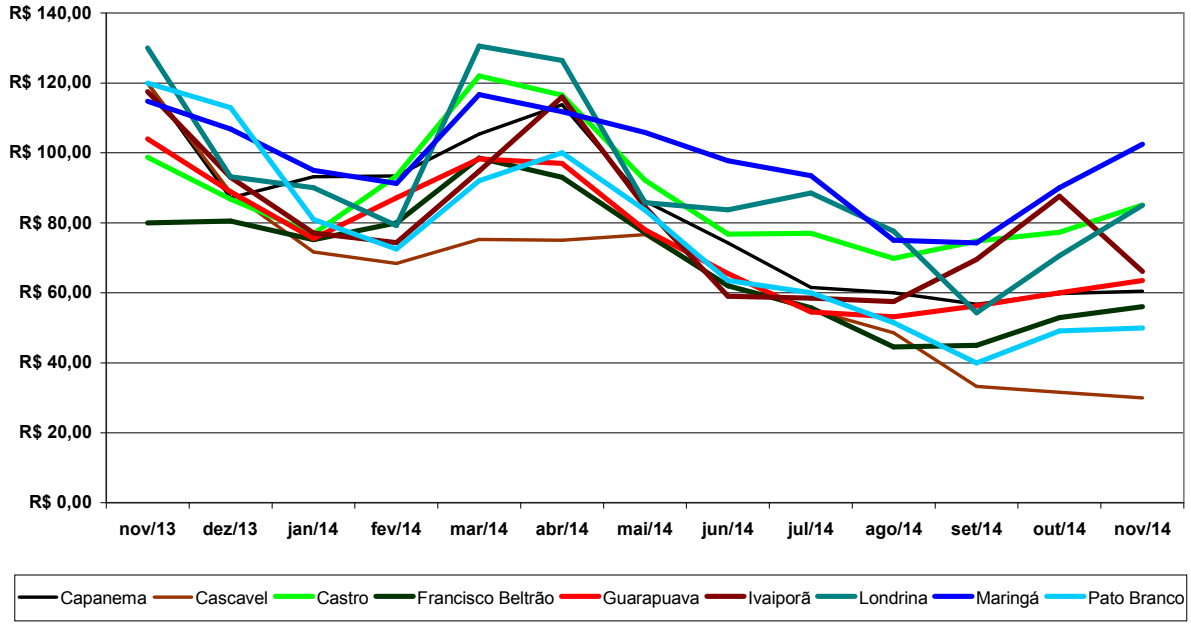
Fonte: Conab.

Gráfico 35 - Preço de arroz longo fino em casca (50 Kg) – Santa Catarina



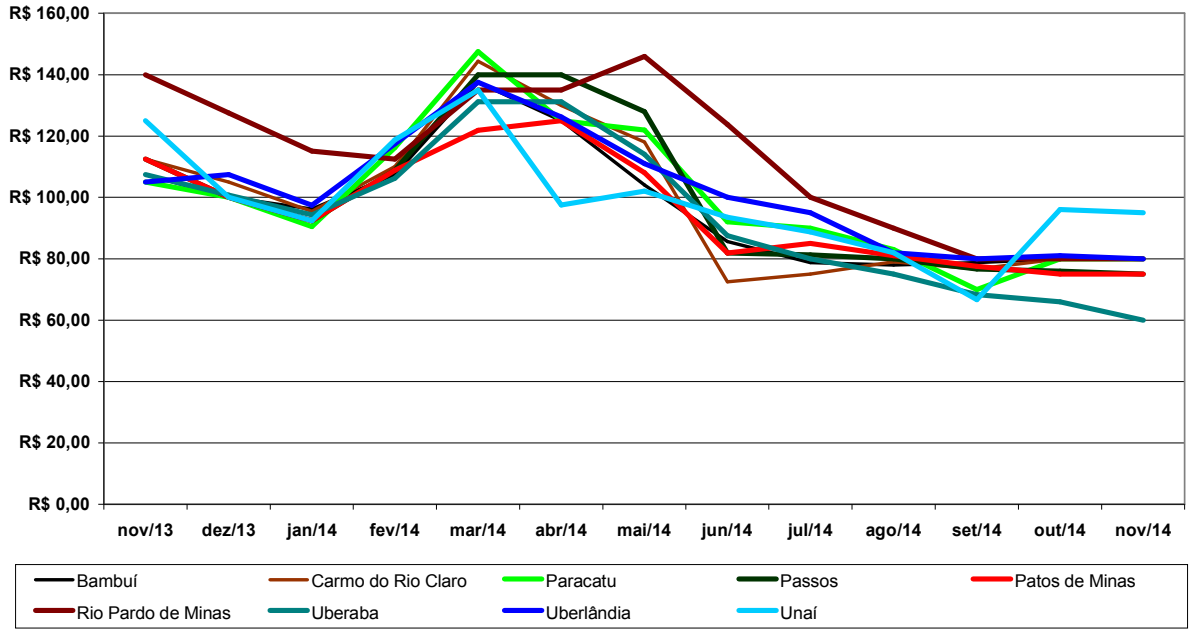
Fonte: Conab.

Gráfico 36 – Preço de feijão cores (60 Kg) – Paraná



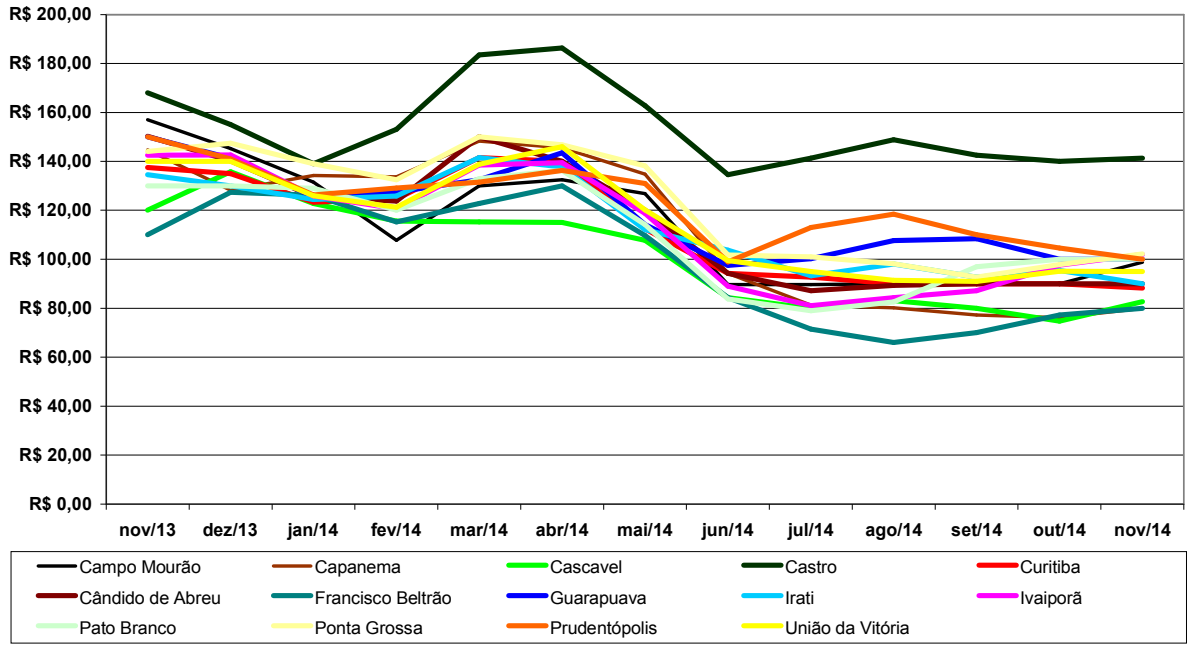
Fonte: Conab.

Gráfico 37 – Preço de feijão cores (60 Kg) – Minas Gerais



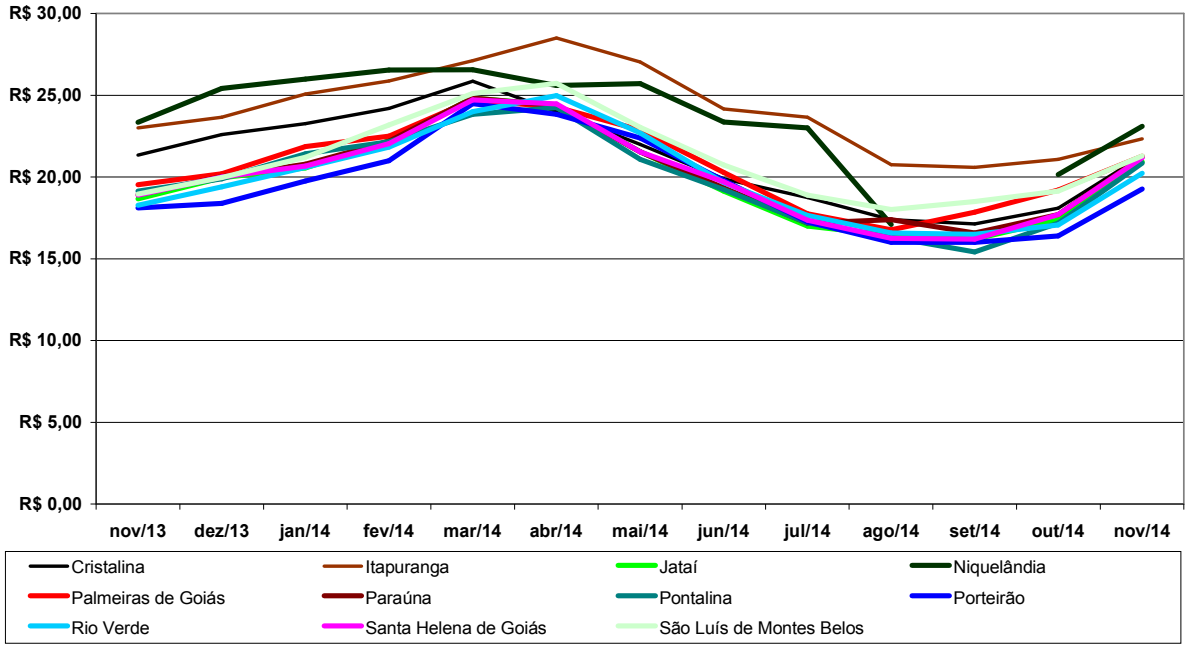
Fonte: Conab.

Gráfico 38 – Preço de feijão preto (60 Kg) – Paraná



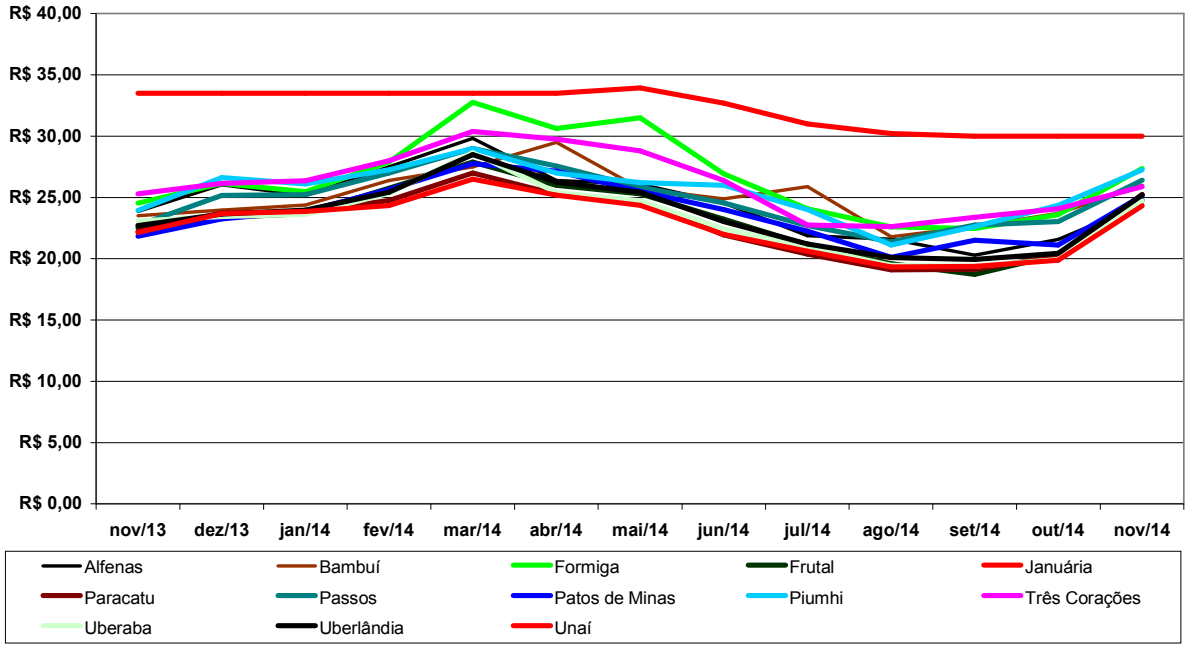
Fonte: Conab.

Gráfico 39 – Preço de milho (60 Kg) – Goiás



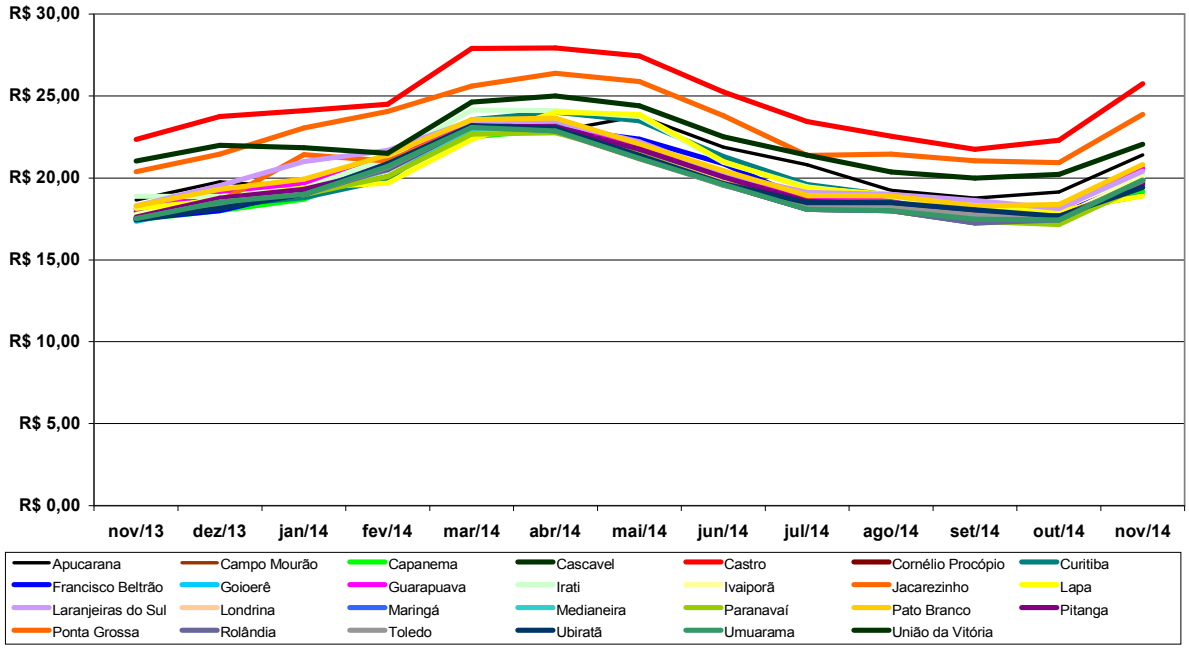
Fonte: Conab.

Gráfico 40 – Preço de milho (60 Kg) – Minas Gerais



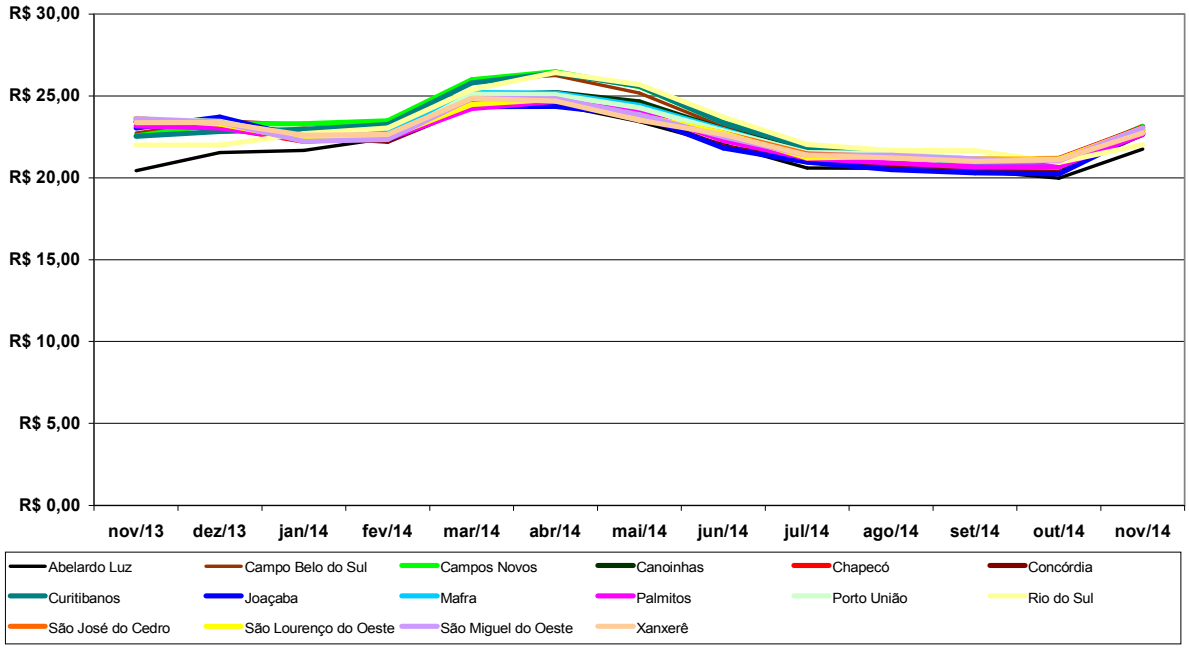
Fonte: Conab.

Gráfico 41 – Preço de milho (60 Kg) – Paraná



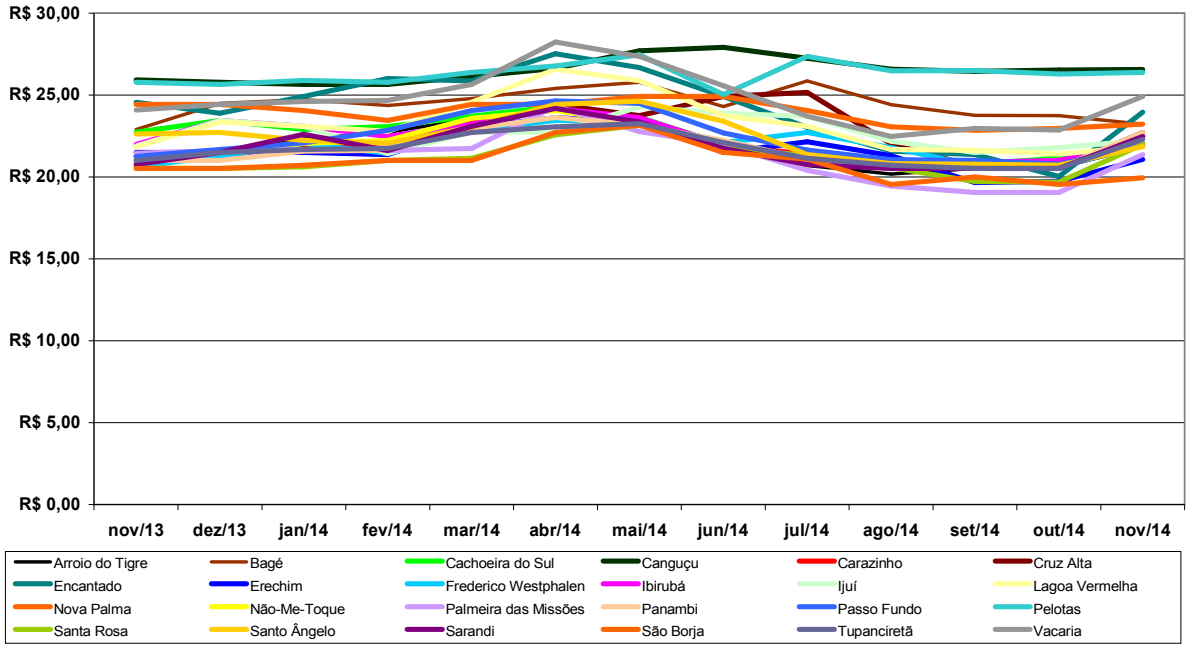
Fonte: Conab.

Gráfico 42 – Preço de milho (60 Kg) – Santa Catarina



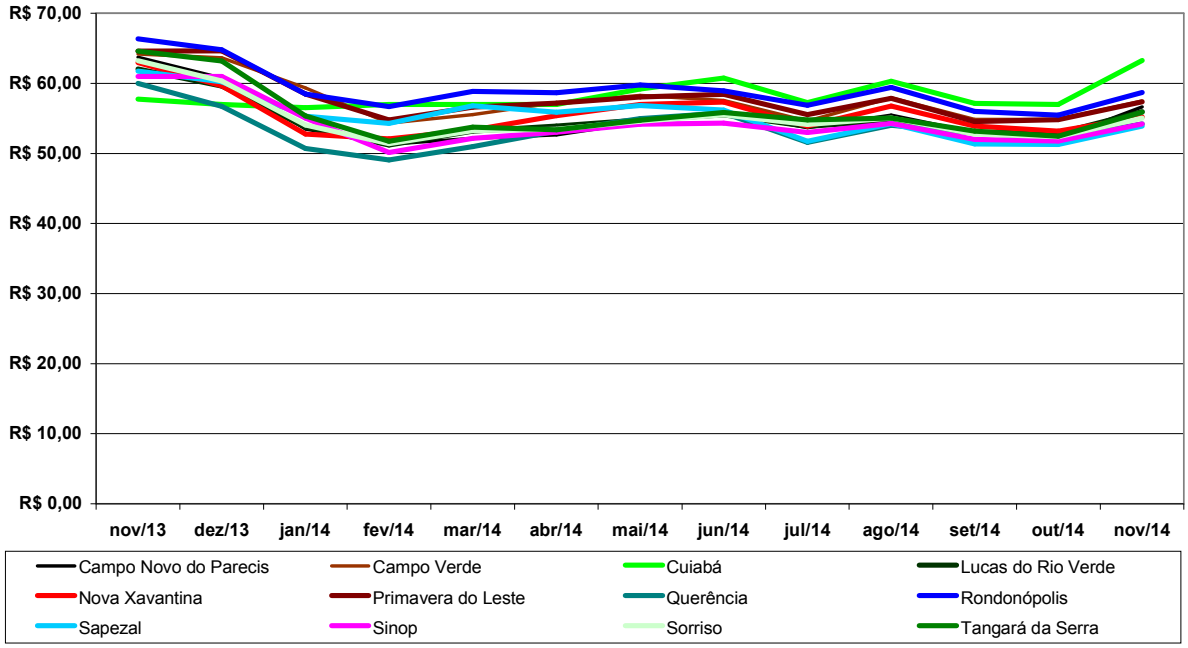
Fonte: Conab.

Gráfico 43 – Preço de milho (60 Kg) – Rio Grande do Sul



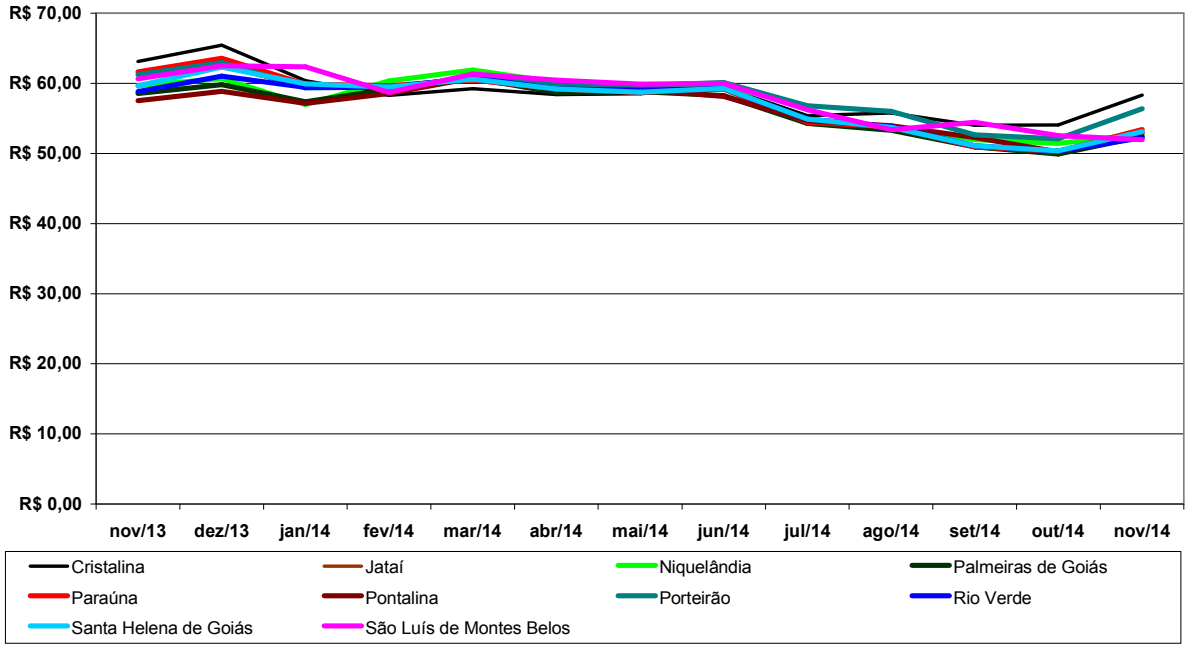
Fonte: Conab.

Gráfico 44 – Preço de soja (60 Kg) – Mato Grosso



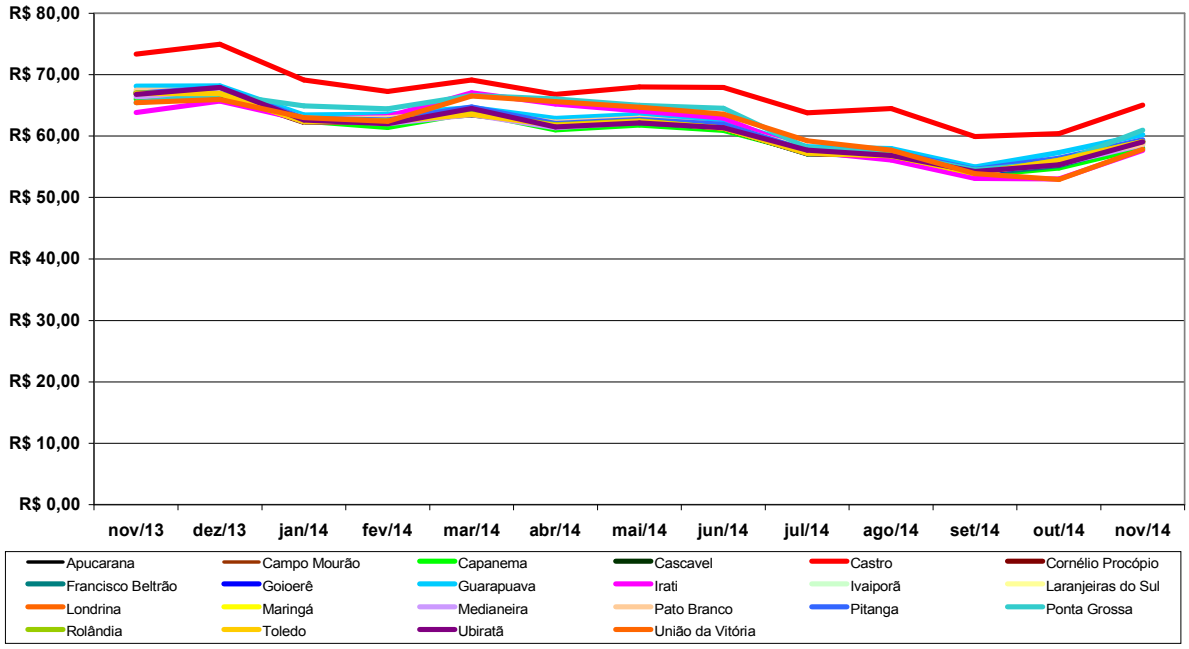
Fonte: Conab.

Gráfico 45 – Preço de soja (60 Kg) – Goiás



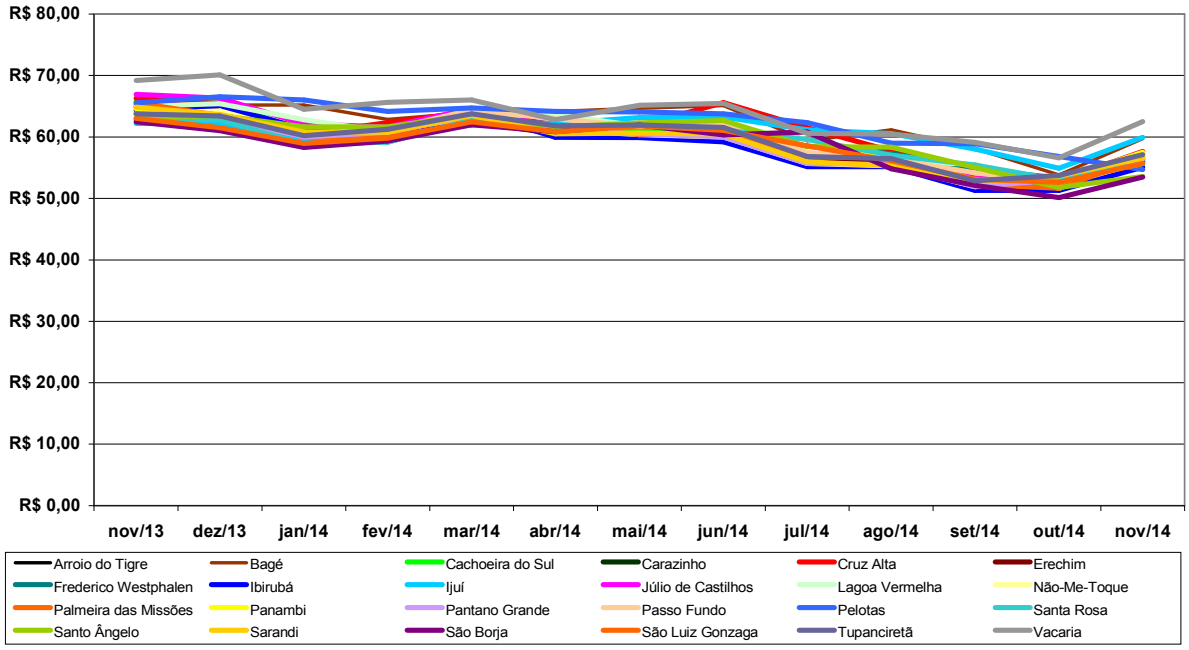
Fonte: Conab.

Gráfico 46 – Preço de soja (60 Kg) – Paraná



Fonte: Conab.

Gráfico 47 – Preço de soja (60 Kg) – Rio Grande do Sul



Fonte: Conab.

SUREG AC
Filomeno Gomes de Freitas
Travessa do Icó, 180
Estação Experimental
69.901-180, Rio Branco (AC)
Fone: (68) 3227-7959
ac.sureg@conab.gov.br

SUREG AL
Elizeu José Rego
Rua Senador Mendonça, 148
Edifício Walmap, 8º e 9º andar
57.020-030, Maceió (AL)
Fone: (82) 3358-6145
al.sureg@conab.gov.br

SUREG AM
Antônio Batista da Silva
Avenida Ministro Mário Andreazza, 2196
Distrito Industrial
69.075-830, Manaus (AM)
Fone: (92) 3182-2404
am.sureg@conab.gov.br

SUREG AP
Asdrúbal Silva de Oliveira
Avenida Hamilton Silva, 1500
Bairro Central
68.900-068, Macapá (AP)
Fone: (96) 3222-5975/ 8118-6003
ap.sureg@conab.gov.br

SUREG BA
Bruno Miguel Rodrigues Guimarães
Avenida Antônio Carlos Magalhães, 3840
4º andar Bl. A – Ed. Capemi Bairro Pituba
41.821-900, Salvador (BA)
Fone: (71) 3417-8630
ba.sureg@conab.gov.br

SUREG CE
Anastácio Jorge Rocha Fontelles
Rua Antônio Pompeu, 555
Bairro José Bonifácio
60.040-001, Fortaleza (CE)
Fone: (85) 3252-1722
ce.sureg@conab.gov.br

SUREG DF
Sebastião Pereira Gomes
Setor Indústria e Abastecimento Sul
Trecho 5, Lotes 300/400
71.205-050, Brasília (DF)
Fone: (61) 3363-2502
df.sureg@conab.gov.br

SUREG ES
Bricio Alves Santos Júnior
Avenida Princesa Isabel, 629, sala 702
Ed. Vitória Center, Centro
29.010-904, Vitória (ES)
Fone: (27) 3041-4005
es.sureg@conab.gov.br

SUREG GO
Eurípedes Malaquias de Souza
Avenida Meia Ponte, 2748
Setor Santa Genoveva
74.670-400, Goiânia (GO)
Fone: (62) 3269-7400
go.sureg@conab.gov.br

SUREG MA
Margareth de Cassia Oliveira Aquino
Rua das Sabias, 4, Quadra 5
Lote 4 e 5. Bairro Jardim Renascença
65.071-750, São Luiz (MA)
Fone: (98) 2109-1301
ma.sureg@conab.gov.br

SUREG MS
Antônio Benedito Dota
Avenida Mato Grosso, 1022
Centro
79.002-232, Campo Grande (MS)
Fone: (67) 3383-4566
ms.sureg@conab.gov.br

SUREG MT
Petrônio de Aquino Sobrinho
Rua Padre Jerônimo Botelho, 510
Edifício Everest, Bairro Dom Aquino
78015-240, Cuiabá (MT)
Fone: (65) 3616-3803
mt.sureg@conab.gov.br

SUREG MG
Osvaldo Teixeira de Souza Filho
Rua Prof. Antônio Aleixo, 756
Bairro de Lourdes
30.180-150, Belo Horizonte (MG)
Fone: (31) 3290-2800
mg.sureg@conab.gov.br

SUREG PA
Moacir da Cruz Rocha
Rua Joaquim Nabuco, 23
Bairro Nazaré
66.055-300, Belém (PA)
Fone: (91) 3224-2374
pa.sureg@conab.gov.br

SUREG PB
Gustavo Guimarães Lima
Rua Coronel Estevão D´Avila Lins, s/n
Bairro Cruz das Armas
58.085-010, João Pessoa (PB)
Fone: (83) 3242-5864
pb.sureg@conab.gov.br

SUREG PE
Roberto Pereira Lins
Estrada do Barbalho, 960
Bairro Iputinga
50.690-000, Recife (PE)
Fone: (81) 3271-4291
pe.sureg@conab.gov.br

SUREG PI
Manuel Araújo da Rocha
Rua Honório de Paiva, 475
Sul – Piçarra
64.017-112, Teresina (PI)
Fone: (86) 3194-5400
pi.sureg@conab.gov.br

SUREG PR
Erli de Pádua Ribeiro
Rua Mauá, 1.116
Bairro Alto da Glória
80.030-200, Curitiba (PR)
Fone: (41) 3313-3209
pr.sureg@conab.gov.br

SUREG RJ
Ludmila Brandão
Rua da Alfândega, nº 91
11º, 12º e 14º andares
20.010-001, Rio de Janeiro (RJ)
Fone: (21) 2509-7416
rj.sureg@conab.gov.br

SUREG RN
João Maria Lúcio da Silva
Avenida Jerônimo Câmara, 1814
Bairro Lagoa Nova
59.060-300, Natal (RN)
Fone: (84) 4006-7619
rn.sureg@conab.gov.br

SUREG RO
Everaldo da Silva Santos
Avenida Farquar, 3305
Bairro Pedrinhas
78.904-660, Porto Velho (RO)
Fone: (69) 3216-8420
ro.sureg@conab.gov.br

SUREG RR
Maria Darcy de Almeida
Av. Venezuela n° 1.120 – Portão A
Anexo I, II e IV – Bairro Mecejana
69.309-690, Boa Vista (RR)
Fone: (95) 3224-7599
rr.sureg@conab.gov.br

SUREG RS
Glauto Lisboa Melo Junior
Rua Quintino Bocaiúva, 57
Bairro Floresta
90.440-051, Porto Alegre (RS)
Fone: (51) 3326-6400
rs.sureg@conab.gov.br

SUREG SC
Sione Lauro de Souza
Rua Francisco Pedro Machado, s/n
Bairro Barreiros
88.117-402, São José (SC)
Fone: (48) 3381-7270
sc.sureg@conab.gov.br

SUREG SE
Emanuel Carneiro de Lima e Silva
Avenida Dr Carlos Rodrigues Cruz, s/n.
Centro Adm. Augusto Franco
49.180-180, Aracaju (SE)
Fone: (79) 3209-1523
se.sureg@conab.gov.br

SUREG SP
Alfredo Luíz Brienza Coli
Alameda Campinas, 433, Térreo, 2º, 3º,
4º e 5º andar, Bairro Jardim Paulista
01.404-901, São Paulo (SP)
Fone: (11) 3264-4800
sp.sureg@conab.gov.br

SUREG TO
Jalbas Aires Manduca
601 Sul – Avenida Teotônio Segurado
Conjunto 01, Lote 02, Plano Diretor Sul
77.016-330, Palmas (TO)
Fone: (63) 3218-7401
to.sureg@conab.gov.br

Distribuição:
Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)
Diretoria de Política Agrícola e Informações (Dipai)
Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)
Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)
SGAS Quadra 901 Bloco A Lote 69, Ed. Conab - 70390-010 – Brasília – DF
(61) 3312-6277
http://www.conab.gov.br / geasa@conab.gov.br

9 772318 685002

Conab

Ministério da
Agricultura, Pecuária
e Abastecimento

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA